



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO

Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES

Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

**A RELAÇÃO DO SUJEITO-APRENDIZ COM A LINGUA
ESTRANGEIRA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO:
questões de identidade e cultura**

Três Corações

2007

MARIA DE LOURDES MARQUES MORAES

**A RELAÇÃO DO SUJEITO-APRENDIZ COM A LINGUA
ESTRANGEIRA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO:
questões de identidade e cultura**

Dissertação de Mestrado Apresentada à Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso.

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Maria Eckert-Hoff

Três Corações

2007

MORAES, Maria de Lourdes Marques; A RELAÇÃO DO SUJEITO-APRENDIZ COM A LÍNGUA ESTRANGEIRA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: questões de identidade e cultura; Maria de Lourdes Marques Moraes; orientada por Prof^a. Dr^a. Beatriz Maria Eckert-Hoff. Três Corações : Universidade do Rio Verde de Três Corações, 2007.113 p.

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso

1. Arcabouço teórico.
2. O ensino de língua inglesa no Brasil.
3. Condições de produção.
4. No universo da língua inglesa: os gestos de interpretação.
5. Considerações finais.

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Secretaria de Pós-Graduação
 secretpos@unincor.br - (35) 3239-1280



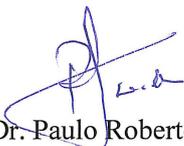
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos quatorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e sete, sob a presidência da **Professora Doutora Beatriz Maria Eckert-Hoff**, e com a participação dos membros **Professora Doutora Juliana Santana Cavallari** e **Professor Doutor Paulo Roberto Almeida**, que se reuniram para a banca da defesa da dissertação de **Maria de Lourdes Marques Moraes**, aluna do Curso de Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso. O título de sua dissertação é *“A Relação do Sujeito-Aprendiz com a Língua Estrangeira em Tempos de Globalização: Questões de Identidade e Cultura”*. O resultado foi pela APROVAÇÃO. Eu, secretário, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Três Corações, 14 de dezembro de 2007.

Prof^a. Dr^a.  Beatriz Maria Eckert-Hoff
 Presidente

 Juliana Santana Cavallari
 Prof^a. Dr^a. Juliana Santana Cavallari
 Membro da Banca

Prof. Dr.  Paulo Roberto Almeida
 Membro da Banca

 Clóvis Luís Mazzaro
 Prof. Ms. Clóvis Luís Mazzaro
 Secretário Geral
 004/2007

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES - Credenciada pelo Decreto Estadual nº 40.229/98 de 29/12/1998

Campus Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações-MG - 37410-000 - Tel: (35) 3239-1000
 Campus Caxambu: Rua Américo Macedo, 134 - Centro - Caxambu - 37440-000 - Tel: (35) 3341-4667
 Campus São Gonçalo do Sapucaí: Rua do Ouro, 647 - Cidade Sul - São Gonçalo do Sapucaí-MG - 37490-000 - Tel: (35) 3241-1785
 Campus Betim: Rua Capri, 251 - Arquipélago Verde - Betim-MG - 32553-140 - Tel: (31) 3511-6515
 Campus Belo Horizonte: Rua Gentios, 1350 - Luxemburgo - Belo Horizonte-MG - 30380-490 - Tel: (31) 3344-1366
 unincor@unincor.br - www.unincor.br

Às minhas adoráveis filhas, Lorraine e Larissa.

Por compartilhar comigo deste ideal, pela compreensão, “tolerância” e renúncias feitas.

OFEREÇO

Ao meu esposo, Edésio.

Pelo esforço desmedido, pela compreensão da ausência, pelo incentivo e confiança.

Minha admiração e respeito.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus, por dar-me força nesta conquista.

Aos meus pais, Sr. Barnabé e D.Dica, pelo apoio e incentivo para vencer mais esta etapa.

A minha querida orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Eckert-Hoff, pela oportunidade de conviver com sua amizade, integridade, paciência, firmeza, confiança, serenidade e carinho. Pelo seu exemplo de vida, pelos valores transmitidos, pelo desprendimento e, sobretudo, pelo profissionalismo.

A minha grande amiga-irmã, Valéria, pela oportunidade de compartilhar minha vida, meus desejos, medos, anseios, inseguranças, vitórias. Pelas longas horas de cansaço e de alegrias, pelos momentos de terapia nos divãs da Presidente e da Gardênia. Por encontrar em você uma amizade verdadeira e incondicional.

A minha querida amiga, Cacau, por me mostrar o caminho e me fazer acreditar na possibilidade de realização. Pelo seu exemplo, apoio e carinho.

A todos os meus familiares, em especial, minha cunhada, Áurea, pelo apoio, compreensão e flexibilidade.

A minha amiga, Nina, pelas preciosas leituras, sugestões e correções neste trabalho.

Ao meu grande amigo, Moreira, pelo companheirismo de toda uma jornada, pela participação efetiva em todos os momentos, pelos livros compartilhados, pelas palavras de carinho, confiança e incentivo.

Aos grandes e novos amigos do curso, pelo carinho, pela acolhida, pelos maravilhosos momentos de convivência e de descontração.

A todos os professores pelos ensinamentos e pela amizade.

À Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR) e a todos os seus funcionários.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o meu êxito acadêmico e profissional, a minha gratidão.

“Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada”

Foucault

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I : REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
CAPITULO I : ARCABOUÇO TEÓRICO.....	15
1.1 Sujeito e identidade.....	15
1.2 Discurso, ideologia e relações de poder-saber.....	24
1.3 Questões de cultura num mundo globalizado.....	29
CAPITULO II : O ENSINO DE LINGUA INGLESA NO BRASIL.....	35
2.1 Sob uma perspectiva histórica.....	35
2.2 Sob a perspectiva da globalização.....	44
PARTE II : ANÁLISE DOS DADOS.....	49
CAPITULO I : CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	50
1.1 Configuração do corpus e metodologia.....	50
CAPITULO II : NO UNIVERSO DA LÍNGUA INGLESA: OS GESTOS DE INTERPRETAÇÃO.....	54
2.1 O “Local” ocupado pela língua inglesa.....	54
2.2 A língua inglesa no espaço “Global”.....	71
CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
ANEXOS.....	90

RESUMO

MORAES, Maria de Lourdes Marques. **A relação do sujeito-aprendiz com a língua estrangeira em tempos de globalização:** questões de identidade e cultura. 2007. 113 p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações-MG*

Nosso estudo nasceu de uma inquietação como professora de língua inglesa, por observarmos, há algum tempo, que a escolha deste idioma, pelo sujeito-aprendiz, se dava mediante imposições geradas pelo momento histórico-social em que vivemos. Fundamentamo-nos nas noções da Análise do Discurso de linha Francesa que, compreendendo o sujeito na sua heterogeneidade, não poderá conceber uma identidade resolvida, finalizada, fixa, mas sim capaz de capturar momentos de identificação. Analisamos os recortes discursivos de sujeitos-aprendizes de língua inglesa, por meio de entrevistas com alunos de um curso de inglês da cidade de Coronel Fabriciano / MG, de diferentes faixas etárias, diferentes níveis de proficiência e segmentos profissionais. Partimos do pressuposto de que esse sujeito possui muito mais do que, simplesmente, o desejo de aprender uma segunda língua, mas que ele se encontra imerso na chamada “crise de identidade”, provocada, em grande parte, pela ideologia da globalização. Nossa hipótese é de que o sujeito-aprendiz se sente pressionado a inserir-se no aprendizado da língua inglesa por acreditar que o seu domínio lhe permitirá, por meio da relação de poder (talvez imaginária) que emerge deste idioma, realizar-se pessoal e profissionalmente. Disso, buscamos os pontos de identificação desse sujeito com a sua cultura e a cultura do outro, investigamos o processo de construção das identidades do sujeito-aprendiz de língua inglesa na/pela linguagem, bem como, a relação, imaginária, de poder do sujeito que fala a língua inglesa, visto que ambos são construídos por meio da relação com o outro e com aquilo que lhe falta. A análise nos mostrou que a língua inglesa é a língua do desejo, da realização pessoal e/ou profissional. No entanto, provoca no sujeito-aprendiz uma relação conflituosa, haja vista sua supremacia sobre as demais línguas e o fato de “pertencer” a uma nação dominadora, que ao longo dos anos exerceu influência política, econômica e, na atual conjuntura, indiscutivelmente, cultural sobre os demais países.

Palavras-chave: sujeito-aprendiz; identidade; língua inglesa; globalização

* Orientadora: Prof^a Dr^a. Beatriz Maria Eckert-Hoff – UNINCOR.

ABSTRACT

Moraes, Maria de Lourdes Marques. **The English-learner relation with the foreign language in the era of globalization: identity and culture issues**. 2007. 112 p. (Dissertation – Master Degree). Vale do Rio Verde University – UNINCOR – Três Corações*

As English teachers, we have observed, for a long time, that the choice of studying the English language by learners might be related to the imposition by the historical and social moment we live. Our study is based on concepts of Discourse Analysis that, comprehending the subject (English-learner) in his/her heterogeneity does not conceive a solved, concluded, fixed identity, but we are able to capture identification moments. We analyze the English-learner discourse through the interview with students of an English course in Coronel Fabriciano/ MG, different ages, different proficiency levels and professional segments. We consider the purpose that the subject shows much more than, simply, the desire to learn a second language, but he/she is immersed in the called “identity crisis”, provoked, largely, by globalization ideology. The hypothesis that directed this work considers that the English-learner feels pressured to learn English for believing that its domain will allow him/her, by the power relation (perhaps imaginary) that emerges from this language, get personnel and professionally advantages. By aiming to investigate the English-learner discourse, we research the identification points of this subject with his/her culture and the other culture, investigate the identities construction process through the language, as well as, the imaginary power of the subject who speaks English, considering that both, the power and the identity are built by through the relationship with the other. The analysis showed us that, the English is the language of the desire, of the personnel and professional accomplishments, too. However, it provokes in the English-learner a conflicting relation, considering its supremacy over the other languages and the fact of belonging” to a domination nation, that has along the years pressured politically, economically and, in the current moment, unquestionably, culturally, other countries.

Keywords: English-learner, identity, English language, globalization

* Major Professor: Prof^a Dr^a. Beatriz Maria Eckert-Hoff – UNINCOR.

INTRODUÇÃO GERAL

Os inúmeros cursos de idiomas espalhados pelo Brasil recebem, semestralmente, um grande número de pessoas, das mais variadas faixas etárias, com o objetivo de aprender uma segunda língua, sendo a língua inglesa a expressão maior desta procura¹.

No entanto, como professora de língua inglesa, desde 2007, em um curso livre² da cidade de Coronel Fabriciano/MG, observamos, há algum tempo, a incidência de um discurso por parte dos alunos que evidencia um posicionamento de rejeição em relação à língua inglesa. Dentro desse contexto, acreditamos que este posicionamento, segundo Rajagopalan (2005, p. 140), pode estar relacionado “com as dúvidas das pretensões do Grande irmão do hemisfério norte, pautadas na longa história de intromissões nos assuntos internos desses países”. Tal atitude, numa época em que a habilidade de se falar inglês tornou-se uma qualificação indispensável, tanto na área cultural como profissional, para se enfrentar as mudanças globais, nos motivou a buscar compreender melhor o sujeito-aprendiz³ de língua inglesa⁴, bem como essa relação conflituosa que emerge da imposição do inglês como língua estrangeira e das identidades projetadas através dessa língua. Nessa mesma direção, considerando que “o que nos identifica não é só o que pensamos que somos, mas o que pensamos que são os outros, o que pensamos que são as coisas, tal como elas se nos apresentam simbolicamente” (GUIMARÃES 2004/2005⁵, p. 8), buscaremos compreender, também, as relações imaginárias (ideológicas) que nos identificam enquanto grupos sociais em constante redefinição.

Consideramos, nesta pesquisa, o pressuposto de que esse sujeito possui muito mais do que, simplesmente, o desejo de aprender uma segunda língua, mas que ele se encontra imerso na chamada crise de identidade, provocada, em grande parte, pela ideologia da globalização. A partir deste pressuposto, a hipótese que direciona nossa pesquisa é de que instaura-se, a

¹ Informação do site English Made in Brazil www.sk.com.br/sk.como.html. Atualizado em 26 de outubro de 2006.

² Denomino “curso livre” pelo fato do mesmo não estar vinculado a nenhum sistema de franquias no Brasil.

³ Considerando que “adquire-se a língua materna, mas aprende-se uma língua estrangeira” (CORACINI, 2003, p. 143), optamos em adotar o termo “sujeito-aprendiz” para referirmos ao sujeito compreendido, nesta pesquisa, na sua historicidade e heterogeneidade.

⁴ Vale esclarecer que o foco da nossa pesquisa é a língua inglesa, no entanto, compreendemos que nosso trabalho, principalmente, no que se refere aos conflitos identitários, que podem se estabelecer a partir da imersão no aprendizado de um novo idioma, bem como às influências culturais transmitidas, é pertinente e válido ao estudo de toda língua estrangeira, daí a escolha pelo título “a relação do sujeito-aprendiz com a língua estrangeira”.

⁵ A primeira data refere-se à data da publicação do documento e a segunda, à da edição consultada.

partir da disseminação e imposição mundial da língua inglesa, o conflito identitário do sujeito-aprendiz, visto que esta língua – objeto de desejo – é, também, a língua que impõe barreiras, controlando a participação e o ingresso em diversos segmentos da sociedade e que o sujeito-aprendiz sente-se pressionado a inserir-se no aprendizado da língua inglesa, por acreditar que o seu domínio lhe permitirá, por meio da relação de poder (talvez imaginária) que emerge deste idioma, realizar-se pessoal e profissionalmente.

A nossa prática como professora de língua inglesa nos mostra que o sujeito-aprendiz se encontra envolto às emergentes circunstâncias que o impulsionam a buscar um lugar de destaque e/ou reconhecimento, ainda que imaginário, através do aprendizado da língua inglesa. Por meio deste idioma, o sujeito-aprendiz acredita poder desfrutar dos seus benefícios na vida pessoal e/ou profissional, uma vez que a língua materna parece não lhe proporcionar realizações em todas as dimensões, desejadas por ele.

Do pressuposto e da hipótese acima traçados, somados às constatações vivenciadas na prática como professora de língua inglesa, temos as seguintes questões norteadoras de pesquisa: O sujeito-aprendiz está submetido à cultura transmitida pela língua inglesa e aos efeitos de poder que este idioma carrega? O aprendizado da língua inglesa é, para o sujeito-aprendiz, uma imposição social? O aprendizado da língua inglesa simboliza, ainda que imaginariamente, a conquista de um “lugar ao sol” e pode estar relacionado ao desejo do outro?

Dados esses questionamentos, objetivamos, a partir dos discursos produzidos pelos sujeitos-aprendizes, compreender a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa em tempos de globalização, buscar os pontos de identificação desse sujeito com a sua cultura e a cultura do outro, investigar o processo de construção das identidades do sujeito-aprendiz de língua inglesa na/pela linguagem e verificar a relação imaginária de poder do sujeito que fala a língua inglesa.

Essas reflexões sobre a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa nos levam, primeiramente, a problematizar a questão da identidade, visto que ela, segundo Hall (1996/2000), emerge no interior de um jogo de modalidades específicas de poder, sendo construída por meio da diferença e não fora dela, por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, e mais precisamente com aquilo que lhe falta. Segundo o mesmo autor, essa relação não tem a ver tanto com as indagações sobre quem somos, mas muito mais com os questionamentos sobre o que poderemos nos tornar a partir do domínio de uma nova língua.

Dentro desse contexto, procuramos, também, investigar a noção de ideologia a partir do conceito de poder-saber de Foucault (1969/1972) que permeia todos os discursos. Isso nos permite compreender a relação de poder (talvez imaginária) do sujeito que fala a língua inglesa que, por meio da sua disseminação em âmbito mundial, pode provocar a ideologia da unidade, da completude e do pertencimento.

Para investigarmos a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa, entrevistamos alunos de um curso livre de inglês da cidade de Coronel Fabriciano-MG, na faixa etária entre 15 a 55 anos de idade e em diferentes níveis de proficiência. O curso compreende um período de quatro anos dividido em 4 níveis - *beginner, basic, intermediate e advanced*⁶, sendo a duração das aulas de uma hora e quinze minutos, duas vezes por semana.

Buscamos apreender e interpretar os discursos dos sujeitos-aprendizes através da gravação em áudio posteriormente transcritos e analisados, a saber: Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional? Você ouviu músicas americanas? Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora? Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho? Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana? Como você vê o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por esse processo? A Língua inglesa concede algum tipo de status para o brasileiro que fala este idioma? Você já precisou do inglês em alguma circunstância? Essas questões não se esgotam em si mesmas, já que dessas respostas, na perspectiva teórica e metodológica aqui adotada, emergem dizeres e sentidos vários. Essas questões apenas abrem o portal para o esquecido e o rememorado e são os não-ditos no dito que iremos capturar.

Por meio destes procedimentos procuramos analisar o que é dito no discurso do sujeito-aprendiz de língua inglesa, considerando as condições de produção do discurso. Para tanto, utilizamos a metodologia própria da Análise do Discurso, movimento teórico que teve sua origem na França na década de 1960, pelo filósofo da linguagem Michel Pêcheux, sob o horizonte do Marxismo e de um momento de crescimento da Linguística. A ênfase metodológica da teoria, a que nos referimos, se dá na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso. Compreendemos como intradiscurso a materialidade da língua que nos permite entender o interdiscurso, lugar onde se instaura a memória discursiva do sujeito.

Consideramos, nesta pesquisa, que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para

⁶ Termos usados na língua inglesa para se referir aos níveis iniciante, básico, intermediário e avançado.

derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1988/2006, p. 53), sendo, lingüisticamente, composto por pontos de deriva possíveis e que oferece lugar à interpretação, produzindo diferentes sentidos, conforme as condições em que esse discurso é gerado.

Nessa mesma direção, na perspectiva de Foucault (1971/1993), na impossibilidade da exatidão das palavras, da transparência e da verdade absoluta de um enunciado, procuramos descortinar, através da complexidade que lhe é própria, os dizeres dos sujeitos-aprendizes de língua inglesa. Para isto, trabalhamos o discurso em suas múltiplas relações, considerando sempre a presença do outro, a heterogeneidade e a ideologia que atravessa todo enunciado.

Para melhor compreensão, organizamos nosso texto em duas partes. Na primeira, temos dois capítulos: no capítulo I, apresentamos os referenciais teóricos, espaço onde abordamos as noções da Análise do Discurso, que nos permitirá a análise dos recortes discursivos dos sujeitos-aprendizes de língua inglesa por meio de teorias do discurso, do estudo das identidades, do sujeito, da ideologia e das relações histórico-sociais e culturais; no capítulo II, buscamos mostrar os caminhos percorridos pelo ensino da língua inglesa no Brasil sob uma perspectiva histórica e da globalização. Na segunda parte, temos dois capítulos: o primeiro, consiste na apresentação da metodologia própria da teoria por nós adotada e na descrição do corpus, que constitui nossa pesquisa. Neste capítulo, considerando as condições de produção do discurso, descrevemos o sujeito-aprendiz de língua inglesa, procuramos caracterizar o curso de inglês por ele escolhido e descrevemos, também, a forma de constituição do corpus de pesquisa. No segundo capítulo trazemos, no item intitulado, “o “local” ocupado pela língua inglesa, as análises que nos possibilitam compreender o “local” ocupado pela língua inglesa em tempos de globalização, seus reflexos na constituição das identidades do sujeito-aprendiz e as questões de poder-saber que emergem desse idioma. Analisamos, ainda, no segundo item, a língua inglesa no espaço “global”, ou seja, em meio às constantes mudanças ocorridas nas últimas décadas e suas implicações na sociedade e na vida do sujeito. Nas considerações finais iremos retomar as questões que nortearam este trabalho e que nos possibilitaram, num gesto de interpretação do corpus, compreender a relação conflituosa que emerge da relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa em tempos de globalização.

PARTE I

REFERENCIAL TEÓRICO

Objetivamos, nesta primeira parte, destacar as principais noções da Análise do Discurso que embasam, teoricamente, nossa pesquisa, por meio dos estudos elaborados por pesquisadores como Althusser (1985/2003); Pêcheux (1969/1997a, 1975/1997b, 1988/2006); Foucault (1979/2006); Coracini (2003, 2006, 2007); Orlandi (1999/2005); Eckert-Hoff (2002/2004).

Essas noções nos permitem trabalhar com a concepção de sujeito marcado radicalmente pela heterogeneidade, clivado e dividido entre o movimento do consciente e do inconsciente, perdendo a sua centralidade, o que nos leva a conceber uma identidade não resolvida, não finalizada, não fixa, restando a possibilidade de capturar apenas momentos de identificação.

Tal teoria postula que a linguagem não é clara, evidente, sendo, portanto, sucessível a interpretações diversas ao considerarmos a relação que se estabelece entre o sujeito que fala e as situações em que o dizer é produzido. Nesse sentido, coadunamos-nos com Orlandi (1999/2005, p. 17) ao afirmar que a Análise do Discurso “não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado”, o que nos leva, a partir da complexidade que lhe é própria, a trabalhar o discurso na sua heterogeneidade, dentro do momento sócio-histórico que determina a sua especificidade.

No capítulo I, discutimos conceitos da Análise do Discurso, enfocando questões relacionadas à constituição do sujeito, e da(s) sua(s) identidade(s), ao discurso, à ideologia e à cultura.

No capítulo II, nosso foco se volta para as questões do ensino de língua inglesa no Brasil, sob uma perspectiva histórica e da globalização, por considerarmos que esta visão nos permite compreender a abrangência desse idioma nos dias atuais e refletir suas implicações num contexto global. Abordamos, também, os vários métodos desenvolvidos para o ensino de língua estrangeira, que tem buscado oferecer, ao longo dos anos, subsídios, cada vez mais contextualizados, para que o sujeito-aprendiz possa desenvolver habilidades comunicativas. Consideramos, então, que este capítulo nos ajudará a compreender, no corpus de nossa pesquisa, as necessidades sociais emergentes, no atual contexto histórico, determinadas pelo fenômeno da “globalização”.

CAPITULO I

ARCABOUÇO TEÓRICO

1.1 Sujeito e identidade

Para compreendermos o conceito de identidade no contexto atual, visto conforme Hall (1992/2005, p. 13), como “ ‘uma celebração móvel’: formada e transformada continuamente”, bem como, a noção de sujeito tomada pela Análise do Discurso, heterogeneamente constituído, abordamos, neste item, algumas concepções de sujeito e de identidade, por meio dos estudos desenvolvidos por Robin (1997), Bauman (2004/2005), Hall (1992/2005), Woodward (1997/2000), Silva (2000), Eckert-Hoff (2004) e Coracini (2006,2007).

Sabemos que, ao longo das últimas décadas, a questão sobre a identidade tem servido como tema principal nas discussões contemporâneas, visto que vivemos hoje numa época de transformações intensas, rápidas e instantâneas. Acreditamos que estas mudanças, vinculadas aos fatores econômicos, políticos, sociais e culturais, têm sido definidas como característica da vida moderna, abalando a imagem de sujeitos finalizados e, podendo, também, estar relacionadas à afirmação e/ou manutenção das identidades e à emergência em assumir novas posturas enquanto sujeitos inseridos nessas transformações.

Nesse sentido, de acordo com Woodward (1997/2000, p. 31), “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito”, pois vivemos intensas transformações ocasionadas, principalmente, pelos processos relacionados às mudanças globais, o que provoca profundas alterações no padrão de comportamento, no estilo de vida, o que desperta novas necessidades. As mudanças e necessidades de ordem econômica, profissional, social provocam desestabilidade e a produção de novas identidades, num sujeito que procura, ilusoriamente, unidade, completude, fixidez, estabilidade, mas, no entanto, se encontra cada vez mais em meio às desigualdades de desenvolvimento e oportunidades que geram momentos de conflitos entre a identidade idealizada e a produção de novas formas de posicionamento, exigências para se viver num mundo moderno e globalizado. È considerando essa perspectiva que priorizamos discutir, neste primeiro item, deste capítulo, as noções de sujeito da Análise do Discurso, descentrado, fragmentado e suas identidades, instáveis, “fluidas”. Isso nos leva a compreender que seu

discurso, no corpus de nossa pesquisa, perpassado pela ideologia que lhe é própria, é resultado das mudanças, num mundo moderno, advindas pelo processo da globalização.

Disso, faz-se necessário conhecer algumas concepções de identidade que nos possibilitam entender o processo de constituição das identidades do sujeito-aprendiz. Desenvolvemos, pois, baseados na proposta de Hall (1992/2005, p. 10-3), uma breve abordagem sobre o sujeito do Iluminismo e o sujeito sociológico, sendo, no entanto, a concepção de sujeito pós-moderno, particularmente, a que mais nos interessa neste trabalho, por tratar-se da noção de sujeito própria à Análise do Discurso.

Dentro desta perspectiva, encontramos um sujeito descentrado, não sendo possível conceber a sua identidade como um princípio de unidade e coesão, muito menos tomá-lo num processo fixo, dado, uno. Aqui, a heterogeneidade inerente ao sujeito e a sua identidade, incompleta e em formação, constituir-se-á sempre num processo de relação com o outro, dentro de um contexto sócio-histórico.

Nessa concepção, a pós-moderna, o sujeito se encontra inserido num processo de constantes modificações que o levam a assumir diferentes identidades. Neste processo, o sujeito unificado, seguro, estável, coerente, encontra-se imerso num procedimento contínuo de constituição da sua identidade que, marcada pela fragmentação do eu, o conduz a vivenciar situações contraditórias que irão produzir diferentes versões de uma identidade de acordo com as situações específicas, determinadas pelo momento e pela necessidade em se adaptar.

Para Robin (1997) “o pós-modernismo não é somente a idade da identidade a *la carte*, transversa, da promoção do simulacro e do imaginário, é também o descentramento máximo”⁷. Neste mundo pós-moderno, o sujeito é parte de um constante processo de (re)construção, (re)definição, experimentações, criação e aceitação de novos conceitos e valores, num vasto e complexo mundo onde as influências culturais e as mudanças sociais revelam a multiplicidade do sujeito, num repentino jogo de transformações, onde a marca da nova sociedade é a lei do transitório e instantâneo.

Já no sujeito do Iluminismo, encontramos um ser humano centrado, unificado e dotado de razão, consciência e ação. Esse sujeito, completo, definia-se no seu nascimento e assim sendo, conservava essa inteireza ao longo de toda a sua existência. Portanto, essa essência do ser, único, estável, sólido, moldável, constituía a sua individualidade, garantia a sua singularidade e caracterizava a identidade do sujeito iluminista.

⁷ Tradução feita pela aluna Marisa Jordão do curso de Mestrado em Letras-Unincor/Três Corações/MG

A noção de sujeito sociológico nos remete à crescente complexidade do mundo moderno, onde a relação com o outro é responsável diretamente pela propagação de valores, sentimentos, símbolos, transmissão da cultura. Nesta concepção mais social do sujeito, o ser humano abandona a sua auto-suficiência e sua identidade é constituída na relação com as outras pessoas, processo marcado pela interação na sociedade em que convive com os outros indivíduos. Vale ressaltar que esta noção de sujeito sociológico, em especial, a abordagem sócio-interacionista, ainda é compartilhada pela maioria dos educadores.

Retomando o foco para o estudo do sujeito pós-moderno, consideramos que inúmeras são as transformações que incidem sobre a constituição das identidades desse sujeito, sendo o ritmo do mundo globalizado e o seu incessante processo emoldurador dos papéis que esse sujeito representa na chamada sociedade pós-moderna, a nosso ver, uma questão crucial. Esse novo ritmo, contínuo, envolvente, marcado pelas constantes mudanças, pela agilidade, pela destreza e pelo imediatismo, permitiu, se não geograficamente, pelo menos virtualmente, que a distância entre os países e, conseqüentemente, entre os povos, diminuísse. Hoje, as mais longínquas terras podem se interconectar, derivando daí uma nova concepção de tempo e de espaço, provocando um bombardeio cultural e produzindo, em todos os segmentos da sociedade, um novo indivíduo, submetido a constantes exigências de adaptação, de alteração dos seus valores, em busca de uma atualidade inatingível.

Assim, entendemos que esse processo global não cessa de produzir novos desejos, tais como, padrões de conduta, de beleza, tecnologias de ponta, intercâmbios culturais, tudo isto com uma rapidez jamais vista. Sob esse aspecto, procuramos, nesta pesquisa, investigar o sujeito-aprendiz que, a nosso ver, impulsionado pela complexidade da vida moderna, deseja, ainda que inconscientemente, estar preparado para atender aos novos padrões de exigências ditados por uma sociedade imersa na globalização.

Coaduna-se com essas reflexões Bauman (2004/2005), ao ressaltar que a identidade, nestes novos tempos, denominada como a época “líquido-moderna”, caracteriza-se pela transição da fase “sólida”, no sentido de ser duradoura para a fase “fluida” – líquida, devido à impossibilidade de se conseguir manter a mesma forma por muito tempo no mundo contemporâneo. No conceito deste autor, a constituição das nossas diversas identidades passa nos dias de hoje por um processo dinâmico e ininterrupto de transformações, seja na área profissional, social, cultural, sexual, religiosa e nos conduz por um caminho de incerteza, instabilidade, insegurança. Essa fase, segundo o mesmo autor, é marcada implacavelmente pelo impacto da globalização, reservando-lhe uma característica flexível, maleável, fluida, que torna os indivíduos agentes, prontamente receptivos e adaptáveis a essas novas mudanças.

Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativas – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2004/2005, p. 35)

Na modernidade-líquida, dentre as muitas instabilidades pelas quais vêm vivenciando os indivíduos pós-modernos na construção das identidade, Bauman (2004/2005) alerta para o perigo das relações interpessoais construídas através da “rede de conexões”. Este novo meio de comunicação permite as pessoas se apresentarem e representarem simultaneamente, se assim desejarem, em mil e uma identidades. Esta identidade, consciente, da qual nos fala o autor, nos leva a retomar a noção de sujeito do iluminismo, da racionalidade. Este sujeito, dotado da capacidade de pensar e raciocinar, assume o controle sobre si e os outros podendo optar em navegar entre uma e outra identidade, se (re)fazendo em múltiplos lugares, pois o que está em jogo não é mais a qualidade dos relacionamentos, mas sim, a quantidade. O sujeito portador de identidades variadas e articuladas, Bauman (2004/2005) chama de “homem sem vínculos”, pois não há mais laços sociais.

Devido à possibilidade de se fazer presente em lugares diversos, mantendo contato com pessoas igualmente virtuais, a constituição da identidade se dá através da representação e do imaginário do outro e por isto, o sujeito não precisa se preocupar em manter a solidez de um relacionamento. Hoje podemos evitar situações de embaraço, constrangimento, o que poderia ser perfeitamente normal num relacionamento tradicional, mas em contrapartida, perde-se a capacidade de interagir com as outras pessoas numa relação real, verdadeira, durável, consistente, substancial. Tudo isto nos leva a relações instáveis, efêmeras que inevitavelmente nos conduzem a situações de angústia, de perda e de insegurança. Podemos iniciar ou finalizar um relacionamento simplesmente com o acionar de um botão. Para o autor encontramos-nos,

lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo”. (BAUMAN, 2004/2005, p. 32)

Nessa mesma direção, as reflexões de Hall (1992/2005, p. 17) de que “a sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade”, levam-nos ao não acolhimento da concepção essencialista de identidade, que a definiria como um complexo transparente, uno, inalterável e solidificado de características entre os indivíduos de um grupo e que o distinguiria de um outro. Para Woodward, (1997/2000), a identidade emerge dos questionamentos sobre a diferença e a não demarcação da constituição da identidade, contemplando que a identidade não é fixa, permanente e não

vale para todas as épocas. Para a autora, “a identidade é vista como contingente; isto é, como o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares”(p. 38).

Sendo a identidade e a diferença uma relação social, como nos ensina Hall (1992/2005), podemos dizer que independente da sua livre e pronta aceitação, as identidades constituem os sujeitos, mesmo que de forma inconsciente. Através da afirmação da identidade e da diferença, numa estreita relação de poder, emergem nos grupos sociais desejos de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A ilusória idéia de acessibilidade, comodidade e facilidade com que esses bens são disponibilizados, cada vez mais condicionam as pessoas a descartar, mudar, trocar, substituir, fazendo com que a velocidade das mudanças aplaque de vez o valor da durabilidade.

Numa perspectiva semelhante, Coracini (2006) traz em seus estudos a identidade a partir do momento histórico-social impregnado pela ideologia da globalização, tendo como mola mestra desencadeadora das inovações tecnológicas, o sistema capitalista, que incentiva o consumo compulsivo, derivando daí o lucro desejado e programado. O sujeito insaciável, nunca realizado, é marcado pela incompletude, pela impossibilidade de fixação, encontrando-se envolto em um constante processo de busca, numa vã e fugaz tentativa de realização, proporcionada pela aquisição de bens de consumo que a sociedade capitalista sempre coloca como imprescindível e indispensável.

Nessa mesma direção, Coracini (2006, p. 137) chama atenção para o processo incessante de construção de necessidades provocadas pelo mercado consumista – “graças à ação da mídia” - promovendo sempre de uma forma naturalizada o desejo pelo novo, “afinal somos todos estimulados a acompanhar o que chamamos de “evolução” ou “progresso” ou “moda””. O celular, da sua função inicial de comunicação, tornou-se um acessório cujo valor está no maior número de opções disponíveis, mesmo que as pessoas não utilizem um terço delas. Sutilmente, os aparelhos eletrônicos foram introduzidos na nossa sociedade e construindo paulatinamente um processo de dependência, em que as pessoas não conseguem conceber a vida moderna sem a interferência e/ou assistência dos mesmos. Uma busca frenética pelo último lançamento que o conduzirá sempre a uma falsa ilusão de liberdade de escolha, mas que imperceptivelmente o leva cada vez mais à falta de controle das suas vontades e à dependência tecnológica. Na sociedade pós-moderna, segundo Coracini (2006), a busca desenfreada pelo consumo se dá não mais pela ostentação de um lugar de destaque na sociedade, mas os indivíduos buscam a realização pessoal, o prazer imediato.

Num mundo marcado por transformações ultra-rápidas, em que os recursos tecnológicos aceleram o tempo e os acontecimentos, busca-se na fugacidade das coisas um profundo e desejável bem estar, pois, afinal “a vida é curta” e, o que importa é viver intensamente o momento presente sem desperdiçar preocupações com o que nos resta para o futuro. Nunca uma regra de vida como o *Carpe Diem* esteve tão em voga “*colha o dia*” ou “*aproveita o momento*”⁸, como justificativa para o prazer imediato, sem medo do futuro. Numa relação contraditória, ambígua, incerta, essa nova era tecnológica que permite a proximidade das pessoas, promove também o distanciamento, o prazer imediato converte-se em desilusão, o assédio em isolamento, o real em imaginário, o social em individual. As pessoas no seu quarto, na sua casa, se fecham para o próprio mundo, limitam o seu espaço e ao mesmo tempo procuram na multiplicidade, no distante, no intocável, no virtual a concretização dos seus desejos. Esse “excesso de individualização” de acordo com Coracini (2006),

constrói em cada um de nós a ilusão do preenchimento da falta, a ilusão da completude, da onipotência, ainda que, com o passar do tempo, deixe, em muitos, o gosto amargo da solidão e da depressão. (p. 145)

Na era da falsa liberdade de escolha e de decisão, o controle sobre as ações das pessoas ocorre, muitas vezes, de uma maneira sutil, camuflada. Na justificativa de proporcionar segurança, as pessoas tornam-se dependentes da tecnologia, de uma vigilância invasiva, tendo a privacidade comprometida sob múltiplos olhares, como câmeras nas ruas, nos prédios, comércios, bancos. Sem darmos conta, somos participantes involuntários e, muitas vezes, isentos de malícia de um reality-show que nos determina de forma imperceptível, dividir nossa vida sem mesmo termos a escolha de aceitar entrar nesse jogo ou não. “A televisão se transformou em efeito-espelho de nossos problemas cotidianos e privados”⁹, afirma Robin (1997). Daí surge a urgência em se adaptar em meio a tantas novidades trazidas pelo desenvolvimento tecnológico. Para Coracini (2006), há necessidade de se converter em benefícios todas as oportunidades mediadas pelo avanço tecnológico, de forma que possamos “usar a máquina a nosso favor e não ser simplesmente usados, dominados, transformados por ela, engolidos pelo vício, pela avalanche da virtualidade”(p. 154).

⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Carpe_diem

⁹ Tradução feita pela aluna Marisa Jordão do curso de Mestrado em Letras-Unincor/Três Corações/MG

Esses estudos nos permitem refletir sobre o caráter transitório do processo identitário, levando-nos a compreender como o sujeito tem, através dos tempos, sofrido ações que condicionam a construção da sua identidade ao momento histórico-social e cultural vigente. Essa reflexão se dá por meio da análise dos recortes discursivos que compõe o corpus deste trabalho. Procuramos analisar e investigar como o sujeito-aprendiz de língua inglesa enfrenta os grandes impactos da mudança contemporânea, denominada, “globalização”, e como isso emerge em seu discurso. Observamos, em seus dizeres, que as mudanças os levam a experimentar diferentes identidades em decorrência dos inúmeros desafios encontrados para viver na atualidade, tais como, concorrer a uma vaga de trabalho, viver em um outro país, usar computadores, preparar-se para o vestibular.

Como vimos, no mundo pós-moderno, o jogo das identidades é determinado por novos padrões de comportamentos, num processo camaleônico de adaptações. Vivemos cheios de desafios, à procura de segurança e proteção, num mundo que a cada dia mais se habitua ao não limite, ao imediatismo, a viver programado, onde a prática da satisfação imediata é trocada pela da tolerância, paciência e busca, onde o importante é sempre recomeçar, é não se fixar, é não parar nunca, é estar conectado com o novo, o moderno, o atual, é ter a falsa idéia do original. Em suma, corremos o risco de cairmos no superficialismo das coisas e dos momentos, do individualismo, de esquecermos na pressa do dia-a-dia a essência sociável do ser humano.

Desenvolvendo essas reflexões sobre as identidades, os estudos de Grigoletto (2006) sobre concepções teóricas que lidam com a questão da identidade a partir dos enfoques: “de uma lógica agonística, em oposição a uma lógica da resolução; da subjetividade (do “eu”) como invenção; da impossibilidade de ajuste completo da identidade”(p. 15), vêm contribuir para a nossa pesquisa acerca da constituição do sujeito e da sua identidade, por meio da prática de linguagem observadas nos recortes discursivos. Aqui, a constituição identitária do sujeito-aprendiz de língua inglesa é analisada sob a perspectiva da não totalidade e homogeneidade, visto que a identidade se constitui na alteridade, na diferença e no antagonismo que marcam as posições assumidas pelo sujeito.

A autora aborda a perspectiva da lógica agonística na construção das identidades a partir dos estudos feitos por Bhabha (1998), que trata as diferenças culturais como um processo de alteridade, constituídas por tensões e conflitos, em oposição ao consenso e à conformidade. Nesse sentido, a construção da identidade a partir da lógica agonística acontece pelo fato da mesma se constituir num processo de indeterminação, diferença, antagonismo, num movimento contínuo onde o sujeito se (re)faz a partir da identificação com o outro, no

imaginário da completude e de preenchimento do espaço que marca a diferença entre o eu e o outro. Sendo assim, coadunamo-nos com Grigoletto (2006) quando ressalta que “os conflitos são inerentes à constituição das identidades, já que as identidades se constituem no espaço da diferença: o outro como aquilo que eu não sou, no meu imaginário, mas sem o qual eu não existo” (p. 16-17). Sob esse aspecto, o discurso do sujeito-aprendiz, nos recortes discursivos em análise, evidencia que, através do aprendizado da língua inglesa, o sujeito procura preencher, ainda que ideologicamente, a falta que lhe é constitutiva. Observa-se uma busca, muitas vezes, inconsciente, em assumir uma posição de destaque, de reconhecimento, de admiração, por meio do domínio da língua inglesa. No entanto, o desejo do outro, do novo, do diferente, pode parecer uma ameaça frente à impossibilidade de realização, visto que a completude da identidade é sempre uma ilusão.

Sob outra perspectiva teórica, a identidade é pensada pela autora a partir dos estudos feitos por Nikolas Rose (1996/2001), que traz a questão do agenciamento do sujeito, produzido por meio de tecnologias de subjetivação, criando uma multiplicidade de “eus”. Segundo Grigoletto (2006, p. 19) “essa invenção se dá de várias formas e por meio de variados agenciamentos, dentre os quais, o agenciamento da linguagem”. Dessa maneira, podemos considerar a construção da identidade como uma fabricação a partir das práticas exteriores, das técnicas e das disciplinas, que irão conceder uma aparência estável aos indivíduos através das tecnologias de subjetivação que são determinadas pelo momento histórico que vive cada sociedade.

Isso nos leva a investigar como essas questões se mostram no corpus de nossa pesquisa, considerando que o discurso produzido pela sociedade transmite a ideologia da aprendizagem da língua inglesa como necessidade absoluta e como expressão de uma unidade. Conforme afirma Le Breton (2005, p. 23), “tudo ocorre como se “pensar em inglês” se tornasse necessário para entender o mundo”, o que nos impulsiona, também, a buscar, nos recortes discursivos, o processo conflituoso que parece envolver o sujeito-aprendiz de língua inglesa, ao se deparar com as emergentes necessidades deste idioma para os mais variados fins. A urgência em se dominar a língua de maior prestígio e utilização no mundo dos negócios e do entretenimento, ainda que, de acordo com Coracini (2007) “seja apreendida com um fim meramente utilitarista, traz sempre consigo conseqüências profundas e indeléveis para a constituição do sujeito” (p. 152). Em face dessa reflexão, entendemos que, mesmo sendo para atender as necessidades vivenciadas por esses sujeitos, sendo utilizada como principal meio para se comunicar com pessoas de diferentes nações, para se posicionar em vantagem frente às exigências do mercado de trabalho, a língua estrangeira poderá provocar

desestabilidade na identidade do sujeito-aprendiz, visto que novos saberes e a interação com outras culturas implica sempre mudanças de costumes, de comportamento e de posicionamento.

Numa outra reflexão de Grigoletto (2006), o estudo da identidade é baseado em Ellsworth (1997/2001) que transfere a noção de modo de endereçamento dos estudos do cinema para as questões relacionadas à educação. Para esta autora, assim como o cinema erra ao imaginar o seu espectador ideal, também os currículos erram o seu público. Trazendo estas reflexões para este estudo, entendemos, de acordo com Grigoletto (2006), que há sempre impossibilidade em se alcançar um completo ajuste das identidades exigidas pela sociedade, pois, o sujeito é constituído pela incompletude, pelo desejo, pela busca do lugar do outro, pelo que somos e pela imagem que passamos para os outros, portanto, sujeitos instáveis e indeterminados.

Considerando a multiplicidade do sujeito, podemos concluir que as três concepções teóricas abordadas por Grigoletto (2006) nos permitem repensar sempre a questão da construção da identidade como um processo conflituoso, instável e necessário, visto que a prática identitária é constituída pela contingência e indeterminação.

As reflexões sobre sujeito e identidade, aqui abordadas, nos impulsionam a buscar, no corpus de nossa pesquisa, como a constituição da identidade do sujeito-aprendiz de língua inglesa, por meio do aprendizado de um novo idioma, sofre influências e interferências relacionadas às transformações características deste século, marcado pela inovação, instabilidade e desajuste.

1.2 Discurso, ideologia e relações de poder-saber

Neste item, desenvolvemos os conceitos de discurso, de ideologia e de relações de poder-saber, que nos permitem compreender os dizeres do sujeito-aprendiz de língua inglesa e seus efeitos de “verdade”, numa relação imaginária, portanto, ideológica, com o objeto de desejo, no caso, a língua inglesa.

Assim sendo, procuramos, através dos trabalhos de autores como Althusser (1985/2003), Foucault (1979/2006), Pêcheux (1969/1997a, 1975/1997b) e Orlandi (1999/2005), compreender como a Análise do Discurso trabalha a relação língua-discurso-ideologia, refletindo sobre “a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (Orlandi, 1999/2005, p. 16). A ideologia se materializa no discurso produzido pelo sujeito, permitindo-nos descobrir os diferentes sentidos produzidos num processo discursivo e captar os efeitos de sentido de um dizer, partindo do pressuposto da não transparência da linguagem e da desmitificação da língua em seu sentido único.

A partir dos estudos de Althusser (1985/2003), temos que “a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (p. 85). Consideramos então, que a relação imaginária sugere certo distanciamento da realidade, por isto, a ideologia apresenta-se como uma instância possibilitadora da representação do real, sendo este suscetível de interpretação.

Na busca do verdadeiro sentido do dizer, o sujeito inserido em um dado momento histórico interpreta e atribui sentido ao seu discurso através da ideologia da completude e da unidade que, segundo Althusser (1985/2003), irá produzir um efeito ideológico elementar que é o da evidência, sustentando sobre o já dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como naturais.

Este é aliás o efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos deixar de *reconhecer* e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”): “é evidente! é exatamente isso! é verdade! (ALTHUSSER, 1985/2003, p. 94-95)

Nesse sentido, a magnificência da língua inglesa se dá através da ideologia da unidade, do imprescindível, do imperdível, da completude, constituindo um discurso institucionalizado que difunde a idéia de que a ascensão social, a garantia de um emprego - o “se dar bem” - está estritamente ligado e dependente do fato de ter a proficiência desse idioma ou não.

Outro fator determinante para a compreensão dos processos ideológicos, propostos por Althusser (1985/2003), refere-se à natureza da ideologia ao afirmar que “a ideologia tem uma existência material”, dito em outras palavras, a ideologia existe porque se encontra na concretude de um aparelho ideológico¹⁰ vigente na sociedade, como por exemplo, a família, a escola, a igreja e nas suas práticas vividas e representadas, envolvendo diretamente a participação do sujeito ideologicamente determinado, ou seja, na discursividade de uma prática social. Sendo assim, podemos compreender que o assujeitamento¹¹ não acontece somente no campo da idéias, mas nas suas práticas, rituais, no modo como o sujeito vive suas relações. Por meio da ideologia, o sujeito governa as suas atitudes, modos de pensar, de agir e, inclusive, é através dela que as palavras são produzidas e o indivíduo se faz sujeito do seu discurso, o qual impõe à realidade o seu sentido sob a forma de universalidade. Portanto, a ideologia tem existência material, sendo a linguagem o meio privilegiado para se compreender o exercício da ideologia, que faz com que o discurso proferido seja tomado como detentor de verdades.

Ainda apoiados nos conceitos Althusserianos, temos que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”, ou seja, “transforma os indivíduos em sujeitos” (ibidem, p. 98). Portanto, o sujeito é ideologicamente constitutivo e esta conversão do indivíduo em sujeito acontece no momento em que o sujeito inconscientemente se insere nas práticas e ações cotidianas reguladas pelos Aparelhos Ideológicos do Estado. Estes se impõem de forma imperceptível, conforme afirma Althusser (1985/2003, p. 97), “a ideologia nunca diz: eu sou ideológica”, e procuram desenvolver mecanismos para a perpetuação do poder e, até mesmo, estabelecem normas de comportamento que levam o indivíduo a práticas sociais reconhecidas. Isso se dá por meio da ideologia, que garante a “verdade” do seu discurso. Assim, entendemos que o dizer dos indivíduos, interpelados em sujeitos concretos, constrói seu sentido através de sua inscrição na história, dentro do jogo dos efeitos ideológicos que simula as evidências deste dizer.

Retomando esses estudos em Althusser, Pêcheux (1969/1997a) afirma que o sujeito é falado por uma ideologia que o constitui e que atribui sentido ao seu discurso, interpelado

¹⁰ Para Althusser (1985/2003, p. 68), designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.

¹¹ Tal como é entendido por Althusser (1985/2003, p. 104), no mecanismo da sujeição “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão, para que ele “realize por si mesmo” os gestos e atos de sua submissão. Os sujeitos se constituem pela sua sujeição.”

pela formação discursiva¹² que controla a sua prática discursiva, dentro do lugar em que se anuncia, determinando o que pode ser dito ou não, já que o seu discurso é preestabelecido, determinado, dominado pela formação ideológica¹³. Nessa perspectiva, o sujeito evidencia uma identificação ideológica por meio do seu discurso e faz crer na veracidade do seu dizer, pois é deste sujeito que se espera um discurso racional, uma coerência com seus discursos anteriores, um pertencimento ideológico.

Já Foucault (1979/2006), em quem nos apoiaremos para desenvolver as análises do corpus de nossa pesquisa, considera que a ideologia “está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade” (p. 7) e que esta verdade “não existe fora do poder ou sem poder” (p. 12). Sendo assim, o autor vincula ao discurso a questão do poder e mostra que no interior dos discursos vão sendo construídos, historicamente, “efeitos de verdade”, a partir das relações de poder que o sujeito assume, mediante posições discursivas determinadas por um pertencimento ideológico. Considerando ainda, de acordo com o mesmo autor,

estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 1979/2006, p. 180)

Apoiados na concepção de ‘verdade’ expressa por Foucault (1979/2006), procuramos mostrar, no corpus de nossa pesquisa, as relações de poder-saber no discurso do sujeito-aprendiz de língua inglesa.

Para o autor, o exercício do poder está sempre atrelado ao saber, sendo essa, uma relação maliciosa no sentido de que o poder em si não é somente uma força negativa, cuja função seria somente a de coibir, “mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (p. 08). Desse modo, a ideologia em Foucault é sempre uma relação de poder e de saber e é nessa noção que nos apoiamos para proceder as análises

¹² Para Pêcheux (1975/1997, p. 160), chamaremos, então, formação discursiva aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. O conceito de formação discursiva foi tomado de empréstimo do filósofo Michel Foucault (1969).

¹³ As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas. (ibidem, p. 160).

dos discursos produzidos pelos alunos entrevistados, considerando, principalmente, as condições de produção¹⁴ em que esses discursos foram gerados, num contexto globalizado.

Podemos compreender, com base nos estudos de Pêcheux (1969/1997a) e Orlandi (1999/2005), que o discurso é um objeto histórico, cuja materialidade específica é a língua e, a partir das considerações tomadas pela análise do discurso que traz em si a idéia de percurso, de movimento, é que procuramos compreender os efeitos de sentido produzidos na enunciação do sujeito-aprendiz de língua inglesa, por meio da manifestação lingüística de suas percepções do local e do mundial, de como o seu discurso é muitas vezes constituído por influências exteriores.

Em face destas abordagens, podemos ainda afirmar que o discurso desse sujeito-aprendiz é constituído numa relação imaginária de completude, de controlador de sentidos e como fonte de si mesmo. O sujeito que anuncia é afetado por duas formas de esquecimentos que, segundo Pêcheux (1975/1997b), distinguem-se da ordem da enunciação, ou seja, (esquecimento nº 2), as palavras remetem incondicionalmente a um único significado e, (esquecimento nº 1), da instância do inconsciente, em que acreditamos ser a origem do nosso dizer.

Nessa mesma direção, reafirmamos, segundo Authier-Revuz (1990, p. 27), que “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’”. Sob esse enfoque, consideramos que o discurso é sempre uma relação com os outros dizeres, são sempre marcados por outras vozes. Sendo assim, uma entidade heterogênea, incapaz de controlar os efeitos de sentido do seu dizer, visto que, o próprio sujeito - na concepção da AD - criador desse discurso, é também, múltiplo, heterogêneo, cujas palavras sempre lhe escapam.

Assim, entendemos, ainda, que as palavras se constituem na/pela relação com a exterioridade e que o discurso se processa na sua historicidade e na real situação em que o dizer é enunciado, o que leva o sujeito-aprendiz a construir discursos múltiplos e não originais, os quais escapam à exatidão ideológica de seu sentido.

Dessas acepções, podemos ressaltar que a própria ideologia possui uma materialidade específica. E é a partir do momento em que a língua, a história e o sujeito se encontram que podemos identificar as evidências discursivas através do discurso produzido e assim, entendermos que o sentido de uma palavra dita, de uma expressão, não possui uma relação

¹⁴No sentido proposto por Pêcheux (1969/1997), condições de produção são as “circunstâncias” de um discurso, ou seja, o contexto histórico-ideológico e as representações que o sujeito faz de si mesmo e do seu interlocutor a partir da posição que ocupa.

direta, imediata e transparente ao significante, mas é sim, determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico que marca esse discurso. Comprendemos que o sujeito, ao se manifestar linguisticamente, traz consigo as marcas e influências de um processo que o constitui na sua relação com o outro, com o meio em que vive e nas suas aspirações ideológicas que determinam o seu dizer e o seu fazer.

Valendo-nos da afirmação de Orlandi (1999/2005, p. 20) de que “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós”, acreditamos que o discurso proferido pelos sujeitos-aprendizes de língua inglesa, no nosso corpus, é perpassado por conceitos cultivados por uma ideologia que veicula e transmite, num processo ininterrupto, uma sucessão de dizeres e argumentos que se solidificam na medida em que o sujeito toma para si a verdade desse discurso e faz dessa verdade a busca maior para a realização de seus projetos de vida.

A partir dessas reflexões, propomos-nos a investigar, na análise dos recortes discursivos que compõe o corpus da nossa pesquisa, o discurso do sujeito-aprendiz que revela a sua “verdade”, constituída ideologicamente, dentro da atual conjuntura social e histórica, produzindo um efeito de “evidência” que aos poucos vai se ancorando no seio da sociedade.

1.3 Questões de cultura num mundo globalizado

Considerando a heterogeneidade inerente ao sujeito da Análise do Discurso e, a partir daí, sua constituição identitária na relação com o outro, dentro de um contexto sócio-histórico que irá determinar o seu dizer e a sua ação, é que discutimos, neste capítulo, sobre cultura num mundo globalizado, questões importantes para o nosso estudo. Buscamos compreender o discurso do sujeito-aprendiz de língua inglesa, marcado pelas rápidas e constantes transformações que têm feito parte da sua formação, despertando desejos, necessidades até então desconhecidas. Assim, refletimos as transformações culturais em nível nacional e mundial, seus reflexos na constituição identitária do sujeito pós-moderno que, a nosso ver, é evidenciada na interação com outras culturas e mediada pelo processo da globalização.

Sob esse enfoque, Bhabha (1998, p. 19) assegura que “a nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente””. A partir desta declaração, procuramos discutir sobre o conceito contemporâneo de cultura, numa era marcada essencialmente pelo processo de globalização com seus reflexos nas sociedades e na constituição do sujeito pós-moderno. ‘Viver nas fronteiras do presente’, implica valorização do amanhã, do futuro, do imaginável. Dessa maneira, vivemos num estado de constante alerta, envolvidos numa luta, desgastante e exaustiva, pela sobrevivência. Isso, origina instabilidade e insegurança frente às necessidades absolutas e imprescindíveis do mundo de hoje. Numa busca incessante pelo novo, moderno, atual, o ‘ontem’ nos parece longe demais, ultrapassado, antigo, portanto, descartável, substituível. Acreditamos que estas características das sociedades modernas colaboram para a constituição e determinação de um sujeito marcado pela incompletude e pela necessidade de sobrevivência, e deixam suas marcas indeléveis na formação e desenvolvimento cultural de um povo.

Para entendermos melhor os processos de transformações culturais que têm acontecido no Brasil e no mundo, e, a participação efetiva do sujeito pós-moderno nesse processo, buscamos em Silva (2000) o conceito de representação, pelo qual construímos sentidos para nossas ações. Para o autor, “a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (p. 91). E estando a representação, segundo o mesmo autor, ligada também à questão da identidade e da diferença é que encontramos o sujeito na sua heterogeneidade, procurando construir na e pela diferença cultural aquilo que irá diferenciá-lo e destacá-lo dos demais, almejando uma posição de privilégio e ascensão social numa relação de poder e de saber, que para Foucault (1979/2006),

não deve ser considerada como uma força negativa, mas “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social” (p. 8).

Nessa mesma direção, é interessante observar que Bhabha (1998, p. 76) destaca que a formação identitária do sujeito não é pré-concebida, mas faz parte de um processo de representação. Sendo assim, de acordo com este autor, “a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”. Portanto, novas identidades culturais (trans)formam-se a partir das imagens e dos processos imaginários construídos pelo sujeito através da inserção e assimilação de outras culturas.

Sob a mesma perspectiva, Hall (1992/2005) explica que,

à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (p. 74)

Por isso, podemos considerar que esse ‘bombardeamento cultural’ é resultado de inúmeras mudanças ocorridas nos últimos anos, principalmente no campo das inovações tecnológicas, que desencadearam, sem dúvida, um processo de difusão e inserção de diferentes culturas, permitindo aos povos das mais longínquas terras compartilharem de um universo de informações que exigem adaptações e provocam mudanças sociais e culturais. Nesse novo panorama cultural, alguns conceitos ganharam uma redefinição, como por exemplo, o conceito de tempo e espaço. Segundo Peruchi e Coracini (2003),

a distância, com essa nova perspectiva, não é mais algo objetivo, mensurável: “o longe” e o “próximo” dependem mais da possibilidade de o indivíduo ser “global”, ter acesso à Internet, a meios de comunicação e transporte rápidos, a canais de televisão internacionais etc. (p. 366)

Em face desse novo cenário mundial, num mundo sem fronteiras, percebemos uma grande disparidade cultural nas sociedades de hoje, que cada vez mais exclui, discrimina, diferencia, separa e controla a participação dos indivíduos na aldeia global. Esses efeitos são mais claramente evidenciados nas questões de domínio tecnológico e da diversidade lingüística, o que acentua, drasticamente, a diferença entre o ser ou não ser globalizado. Em função disso, consideramos que numa era pós-moderna, a questão cultural não poderia ser desvinculada das reflexões sobre o processo de globalização que afeta as sociedades em nível planetário. Isso nos leva a questionar como o processo de disseminação, expansão e domínio

cultural dos países de primeiro mundo, mais precisamente os Estados Unidos, tem seus efeitos atrelados à questão da globalização e que a mesma, num movimento direto ou indireto, traz implicações sócio-históricas e culturais imediatas na nossa sociedade, tornando-se muitas vezes meio essencial de sobrevivência.

Coadunamo-nos, pois, com a concepção de globalização entendida por Hall (2003, p. 17) de que “o sistema é global, no sentido de que sua esfera de operações é planetária. Poucos locais escapam ao alcance de suas interdependências desestabilizadoras”. Com base nesta “interdependência desestabilizadora”, voltamos nossas reflexões no sentido de compreender melhor esse movimento de inclusão e exclusão, que nos arrasta ‘por mares nunca dante navegados’ e transmite, algumas vezes, uma falsa ilusão de sermos os reais donos e controladores das nossas ações. Muitas vezes, não percebemos que esse processo condiciona os nossos dizeres, desperta desejos, molda e dita um novo padrão de comportamento frente às ‘modernidades’ e novidades do século XXI. Nesse sentido, Woodward (1997/2000, p. 20) aponta que “o desenvolvimento global do capitalismo não é, obviamente, novo, mas o que caracteriza sua fase mais recente é a convergência de culturas e estilos de vida nas sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto”.

Essa reflexão nos remete ao seguinte questionamento: somos seres completamente livres nas nossas escolhas ou somos envolvidos arbitrariamente por essa (R)Evolução¹⁵ de idéias, conceitos, procedimentos, hábitos, costumes, crenças? É importante considerarmos o processo de abertura e interação cultural que ocorre nos dias atuais e que possamos abrir bem os olhos para além de nós mesmos, do local, do individual, haja vista que fazemos parte de uma ciranda viva, chamada globalização, que nos envolve e nos impulsiona à absorção de novos valores que circulam e atravessam nossas vidas, nos permite a criação e inovação de novos conceitos, nos direciona e inquieta na busca de novos caminhos, de novas oportunidades e de uma posição privilegiada, seja, socialmente, culturalmente ou financeiramente frente às demandas do mercado global.

Nesse sentido, entendemos que a globalização provoca, por meio da disseminação e inserção cultural, a dissolução das fronteiras e nos permite adquirir novos conhecimentos, ampliar nossas experiências, construir novos relacionamentos, e nos possibilita, a partir dessa nova conquista, ‘tentar’ assegurar um traço diferenciado e particular, meio às exigências que nos são impostas enquanto cidadãos globalizados. Assim sendo, poderíamos, como participantes de um intercâmbio universal, compartilhar e assimilar as demais culturas que

¹⁵ Buscamos associar à idéia ‘progressiva’ de evolução, o caráter, ‘dinâmico’ e ‘perturbador’ da revolução.

também se encontram envolvidas nesse processo de integração de maneira inovadora, objetiva e criativa.

Hall (2003) nos alerta, porém, para um contra-senso no processo de globalização e para efeitos contraditórios que a mesma pode gerar, por considerar que,

o sistema, entretanto, não é global, se por isso se entende que o processo é de caráter uniforme, afeta igualmente todos os lugares, opera sem efeitos contraditórios ou produz resultados iguais no mundo inteiro. Ele continua sendo um sistema de desigualdades e instabilidades cada vez mais profundas, sobre o qual nenhuma potência – nem mesmo os Estados Unidos, que é a nação mais poderosa em termos econômicos e militares da terra – possui o controle absoluto. (HALL, 2003, p. 17)

Para o autor, a globalização é uma “novidade contraditória”, pois “seus circuitos econômicos, financeiros e culturais são orientados para o Ocidente e dominados pelos Estados Unidos” (ibidem, p. 17). Sendo assim, sua crítica recai na multiplicação das diferenças geradas mediante um processo discriminatório, no sentido de não oferecer as mesmas condições, oportunidades e competências aos não participantes dessa aldeia global. As pessoas, poderíamos metaforicamente sugerir, se encontram ‘emparedadas’, julgadas e eliminadas desse jogo de competitividade, dessa acirrada disputa social, que de forma desigual e desumana, privilegia principalmente os participantes tecnologicamente inseridos nessa ciranda que não pára de girar.

A proliferação da língua inglesa em nível mundial, fator essencial para a disseminação cultural, tem sido amplamente favorecida pelo processo da globalização e, conseqüentemente, pela grande avalanche tecnológica dos meios de comunicação, o que contribui para a influência cultural e para a exportação do jeito americano de ser aos demais países expostos à sua esfera de ação. Conforme afirma Le Breton (2005, p. 16), ela é, “de facto, a língua do poder” – nas instituições políticas, mas também nos negócios, no comércio, na indústria e na cultura”. Podemos então dizer que, segundo o mesmo autor, “encontramo-nos na confluência entre os meios de comunicação e as indústrias culturais que são destacados veículos transmissores da língua inglesa” (ibidem, p. 24).

Nessa mesma perspectiva, destacamos também as reflexões de Lacoste (2005, p. 11), por considerar que “a mundialização do inglês americano se faz também indiretamente por meio de uma série de fenômenos culturais mais ou menos associados uns aos outros”. Sua presença é absoluta no mercado cinematográfico, na música, no estilo de alimentação ‘fast food’, nos meios de comunicação, nos setores de pesquisas científicas. Compartilhando da mesma opinião, Le Breton (2005, p.20) afirma que “as indústrias culturais são dominadas pelos Estados Unidos” e, indo além, o autor afirma, de forma categórica, que “tudo ocorre

como se “pensar em inglês” se tornasse necessário para entender o mundo” (p. 23). Sendo assim, os Estados Unidos monopolizam a tecnologia digital, levando em conta que, ainda segundo o mesmo autor, “a densidade dos internautas acompanha os avanços do inglês. A internet é um índice revelador da potência cultural americana – isto é, da língua inglesa”. [...]”o inglês lança suas redes muito além do que a geografia ensina” (ibidem, p. 23).

Enfim, há uma tendência mundial em seguir o jeito americano de ser. Para Le Breton (2005, p. 20), “as novas formas de cultura de massa, o rádio, a imprensa escrita e, mais ainda, o cinema, vão contribuir para a americanização do mundo”.

Essa expansão do domínio americano além fronteiras e sua influência sobre as demais culturas levam-nos a discutir sobre seus reflexos no Brasil, visto que temos convivido, desde a colonização das terras brasileiras, com as mais diversas variedades culturais e que, muitas vezes, essa absorção cultural aconteceu em detrimento à nossa cultura, num processo de super valorização do que é importado dos países do primeiro mundo. Embora, de acordo com Hall (2003, p. 18), “culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo), existe entretanto, concomitantemente, a proliferação das “diferenças”. Por isso, não podemos negar que a invasão cultural americana tem sido motivo de questionamentos, não por acreditarmos que ela poderia acarretar na perda da identidade nacional e cultural, mas por ser um movimento invasivo e impositivo. Hoje, a não inserção nesse grupo que compartilha de características muito semelhantes e que, ao mesmo tempo são tão diferentes, traz consigo conseqüências sociais e culturais imediatas na vida de uma grande parcela da população brasileira, como por exemplo, o fato de estar à margem do convívio tecnológico ou mesmo o não falar a ‘língua do poder’, fato este que poderá implicar exclusão social.

Os estudos desses autores nos permitem refletir sobre os dois lados da moeda no processo de globalização, quais sejam, sua intervenção direta e hostil na transformação cultural pela qual sofrem as sociedades nos dias atuais, bem como para o risco de nos isolarmos às margens desse processo. É, no entanto, nesse sentido que buscamos um novo conceito, um novo olhar para a compreensão do processo de assimilação cultural. Nesta direção, Bhabha (1998) discute a heterogeneidade das sociedades, critica a forma simplista de se perceber as transformações culturais ocorridas e aponta para um “terceiro espaço”, ou seja, para a “hibridação cultural”, entendida não como uma simples união de duas raças, mas como ‘tradução cultural’. Na interpretação de Souza (2004) é o lugar onde os elementos lingüísticos e culturais se interagem de maneira contraditório e conflituoso, “atravessado por toda gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito” (p. 119).

Portanto, para Souza, é preciso que se veja a cultura híbrida como “um verbo”, “uma estratégia de sobrevivência” (ibidem, p. 125), marcada pela transformação, num processo produtivo, dinâmico e em constante evolução, daí sua característica “agonística”, pois sempre estarão em jogo as diferenças e os traços da outra cultura, ou seja, um processo de tradução, de ‘ressignificação’ dos símbolos e valores culturais. Sendo assim, Bhabha apud Souza (2004) garante que,

a tradução é também uma maneira de imitar, porém de uma forma deslocadora, brincalhona, imitar um original de tal forma que a prioridade do original não seja reforçada, porém pelo próprio fato de que o original se presta a ser simulado, copiado, transferido, transformado etc. o “original nunca é acabado ou completo em si. O “originário” está sempre aberto à tradução. (p. 125)

Caminhando no mesmo sentido, compartilhamos com Hall (2003), a idéia de que as sociedades de hoje se tornaram formações híbridas, “como resultado da globalização em seu sentido histórico amplo” (p. 31), não como uma simples união de raças ou oposição entre o tradicional e o moderno, mas uma “cultura da modernidade – aberta, racional, universalista e individualista” (ibidem). Assim, inferimos que, nessa miscigenação cultural, surge um novo sujeito, a partir de uma “relação dialógica mais ampla com “o outro”” (ibidem), incompleto, marcado pela heterogeneidade, envolvido num contínuo processo de (re)definição identitária, objetivando sempre a sua participação nesse espaço de convivência das diversidades culturais, que irá contribuir para sua maior integração social.

E é isso que buscamos investigar, na análise dos recortes discursivos que compõem o corpus desta pesquisa, para então compreender melhor o sujeito e o seu dizer, a partir de um contexto histórico e social, o que nos permite repensar o aprendizado de uma segunda língua, já que esta, inevitavelmente, implica constante trans(formação) identitária.

Neste capítulo, abordamos algumas concepções de sujeito e identidade, refletimos sobre a questão da ideologia que se revela no ato discursivo e discutimos algumas transformações culturais e seus reflexos na constituição do sujeito pós-moderno.

CAPITULO II

O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Aprender uma língua estrangeira é sempre,
um pouco, tornar-se um outro.

(Authier-Revuz)

2.1 Sob uma perspectiva histórica

Sabemos que a história do ensino de línguas estrangeiras no Brasil não é um acontecimento recente e que este traço histórico traz uma relevante contribuição para os nossos estudos por nos permitir conhecer a trajetória do seu ensino no Brasil e refletir sobre as implicações na sociedade nos dias de hoje. Nesse sentido, faz-se imprescindível, para a análise do corpus desta pesquisa, buscar a história do ensino de língua inglesa no Brasil, haja vista um novo cenário mundial, globalizado, em que a diminuição da distância entre as nações se faz possível mediante crescente utilização da língua inglesa como instrumento de interação e comunicação entre os povos.

Objetivamos, neste item, traçar os caminhos que o ensino da língua inglesa percorreu ao longo dos anos no Brasil, conhecer como se deu a sua legitimação no currículo escolar, seu prestígio e descaso atrelado aos diferentes momentos históricos, bem como abordar os diversos métodos de ensino adotados. Refletimos, ainda, sobre a atual situação do ensino desse idioma, visto que vivemos numa sociedade envolta aos apelos de um mundo globalizado que demanda, como forma de acolhimento, inclusão, integração social e cultural, o aprendizado de pelo menos uma outra língua - a língua inglesa - que de fato, como afirma Le Breton (2005, p. 16), é “a língua do poder”.

O acesso às informações sobre o ensino de inglês no Brasil é ainda bastante escasso e com raras bibliografias, por isto nos apoiamos – no que diz respeito ao momento histórico - nos estudos realizados e disponibilizados na página eletrônica Helb (www.unb.br/il/let/helb) preparada pela equipe de pós-graduandos do professor José Carlos Paes de Almeida Filho, da Universidade de Brasília – ‘sobre a história do ensino de línguas no Brasil’¹⁶. É a partir dos

¹⁶ Ressaltamos que não partimos da mesma noção de sujeito e de discurso desses estudos, apenas nos utilizamos deles para traçar o histórico sobre o ensino da língua inglesa no Brasil.

levantamentos destes pesquisadores que apresentamos os caminhos pelos quais o ensino da língua inglesa no Brasil se enveredou.

De acordo como Almeida Filho (2003), o ensino de língua estrangeira no Brasil iniciou-se num período distante, há mais de 500 anos, com a colonização Portuguesa e com a chegada dos padres jesuítas e a partir daí com o ensino do Português como língua estrangeira, “ensinada aos índios para assimilá-los à igreja e ao cristianismo” (p. 22).

De acordo com esses estudos, foi somente com o Alvará de 28 de junho de 1759, devido às divergências de objetivos, que o então primeiro ministro de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, determinou a expulsão dos jesuítas das colônias e do Brasil e instituiu o português como única língua a ser falada. Na primeira metade do século XIX, as línguas clássicas, o latim e o grego, eram disciplinas dominantes na escola secundária, somente se igualando com as línguas modernas, o inglês e o francês, a partir da fundação do Colégio Pedro II em 1837.

A inclusão do ensino das línguas modernas no currículo escolar aconteceu a partir da vinda da família real para o Brasil em 1808. Tratava-se de línguas nobres que já estavam sendo estudadas pelos países da Europa e gozavam de grande prestígio após a independência dos Estados Unidos em 1776 e da Revolução Francesa em 1789. Com a finalidade prática de comercialização, proporcionada pela abertura dos portos para o comércio exterior, a língua inglesa no reinado de D.João VI (1808-1821) legitimou-se pelo fato de proporcionar maior êxito ao promissor comércio estrangeiro. Criaram-se as cadeiras de inglês e francês, a partir do Decreto de 22 de junho de 1809, sendo esse um marco inicial na história do ensino oficial de línguas estrangeiras no Brasil.

A língua inglesa passou a ser exigida na matrícula para os cursos jurídicos com o Novo Estatuto dos Cursos Jurídicos e Sociais do Império em 1831. Em 1834, através do Ato Adicional de 12 de agosto, artigo 10, no.2, o inglês passou a ser obrigatório no currículo escolar. Em 1854, o latim, o francês e o inglês começaram a ser exigidos para admissão nos cursos de medicina.

Em 1889, ano da Proclamação da República, as línguas inglesa e alemã passaram a ser opcionais no currículo escolar, após Benjamin Constant assumir o Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, criado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, e voltaram a ser obrigatórias no Ministério de Fernando Lobo em 1892 e de Epitácio Pessoa em 1900. O ensino do inglês no Brasil ganhou impulso na década de 1930 devido à crise política que resultou na Segunda Guerra Mundial.

A difusão da língua inglesa no Brasil passou a ser vista como uma necessidade estratégica para contrabalançar o prestígio internacional da Alemanha que encontrava no Brasil particularmente eco devido à imigração ocorrida no século anterior. (www.sk.com.br/sk-perg9.html)¹⁷

Em 1935 foi feito o primeiro acordo de cooperação entre a “Escola Paulista de Letras Inglesas” e o Consulado Britânico, que deu origem à “Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa”, precursora da atual Cultura Inglesa. O primeiro instituto binacional surgiu em 1938, em São Paulo, com o apoio do consulado norte-americano, sob a denominação de “Instituto Universitário Brasil-Estados Unidos” que mais tarde recebeu o nome de “União Cultural Brasil-Estados Unidos.

A partir da década de 60 houve a disseminação dos cursos comerciais de inglês sob o regime de franquias. No entanto, nos anos 70, marcados pela ditadura do regime militar no Brasil, o ensino de língua estrangeira sofreu com o descaso governamental, consequência de um momento histórico que exigia absolutamente o patriotismo dos brasileiros. Contudo, foi nesse período que a história do ensino de línguas no Brasil é revitalizado pelos intelectuais que vinham principalmente da Europa introduzindo novidades e mudanças. Dentre os movimentos organizados por esses profissionais, destacaram-se o 1º. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, da PUC-SP, a Associação de Professores Universitários de Inglês, da ABRAPUI e diversos encontros nacionais, como o 1º. Seminário Nacional para o Ensino de Línguas promovido pela UFSC.

Caminhando de acordo com as deliberações legais, o ensino de línguas no Brasil sofreu com os efeitos oriundos de várias leis e resoluções. Nessa perspectiva, seria impossível compreender a “evolução” do ensino de línguas no Brasil sem se reportar a essas leis: em 1971 foi sancionada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 5692/71, que manteve a mesma linha militar da época, dando pouca importância ao ensino de língua estrangeira e, com isto, previa o ensino a título de recomendação e não como obrigatório. Somente em 1976, a partir da resolução 58/76, o ensino de língua estrangeira moderna passou a ser obrigatório no 2º. Grau e se manteve ainda somente como recomendação para o 1º. Grau. Já em 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases no. 9.394, torna obrigatório o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna a partir da 5ª. Série do ensino fundamental.

O aprendizado de línguas estrangeiras tem, ao longo dos séculos, exercido papel primordial na formação educacional do cidadão brasileiro e se tornou uma fonte inquestionável de intercâmbio de valores sociais, culturais e tecnológicos. Na tentativa de

¹⁷ English Made in Brazil. Free Educational Site. Projeto educacional criado e patrocinado por Schutz & Kanomata, ESL. Página acessada em 20/01/2007.

desenvolver uma estratégia eficiente que conduzisse o aprendiz de línguas a dominar um novo idioma, adquirir conhecimentos, fluência, interação cultural e uma maior assimilação da língua alvo, o ensino de línguas tem, ao longo dos anos, desenvolvido vários métodos para alcançar esse objetivo.

Apoiados principalmente nos estudos de Brown (1994) e de Coracini (2003) faremos a abordagem de três movimentos importantes no processo de ensino de línguas estrangeiras. No entanto, devemos lembrar que, segundo Schütz¹⁸, as metodologias desenvolvidas sempre estiveram no Brasil a um passo atrás das tendências de cada época.

Desde o século XVIII até meados do século XX a metodologia preponderante concentrava os estudos na análise de estruturas sintáticas e na memorização de regras gramaticais como suporte para a tradução de textos literários, com isto, restringia-se à escrita o aspecto fundamental do ensino de línguas. Proporcionava-se a aquisição de conhecimentos da língua em estudo e o acúmulo de vocabulário, objetivando a proficiência na leitura em língua estrangeira. Conhecida primeiramente como "Método Clássico", por basear-se nos mesmos princípios de ensino do Grego antigo e do latim, essa metodologia passou, segundo Brown (1994, p.18), a ser conhecida como "Método de Tradução e Gramática"¹⁹. Esse método se caracterizava de acordo com Prator and Celce-Murcia (1979:3) apud Brown (1994, p. 18) principalmente "no ensino predominantemente na língua materna, somente com um tímido uso da língua alvo; vocabulários ensinados em forma de lista de palavras isoladas; ênfase nas regras gramaticais; leitura de difíceis textos clássicos iniciadas desde cedo; pouca atenção dada aos contextos das leituras sendo usadas apenas como exercícios de análise gramatical; exercícios de preenchimento de lacunas em frases desconectadas de sentidos da língua alvo para a língua materna; pouca ou nenhuma atenção à pronúncia"²⁰. Desse modo, Coracini (2003, p. 140) critica dois aspectos fundamentais na metodologia tradicional, sendo que o primeiro, "acreditava-se na transparência da linguagem e, conseqüentemente, na transposição entre as línguas, de modo que ler significava traduzir na sua língua o texto escrito em outra", e, o segundo, "não se levava em conta a noção de sujeito em nenhuma instância, o que pressupunha um sujeito passivo, vazio, recipiente que precisava ser preenchido pelo conhecimento transmitido pelo professor".

A mudança da ênfase do aspecto gramatical da língua para uma abordagem mais comunicativa aconteceu no século XX com o desenvolvimento do "Método Direto", que

¹⁸ Criador e patrocinador do site English Made in Brazil <www.sk.com.br/sk.como.html>

¹⁹ "Grammar Translation Method"

²⁰ Tradução nossa

consistia principalmente em ensinar a língua estrangeira na própria língua estrangeira. Esse método foi instituído oficialmente no Brasil em 21 de Dezembro de 1931 pelo decreto lei nº 20.833, artigo primeiro, que dizia:

O ensino das línguas vivas estrangeiras (francês, inglês e alemão), no Colégio Pedro II e estabelecimentos de ensino secundário a que este serve de padrão terá caráter eminentemente prático e será ministrado na própria língua que se deseja ensinar, adotando-se o método direto desde a primeira aula. Assim compreendido, tem por fim dotar os jovens brasileiros de três instrumentos práticos e eficientes, destinados não somente a estender o campo da sua cultura literária e de seus conhecimentos científicos, como também a colocá-los em situação de usar para fins utilitários, da expressão falada e escrita dessas línguas. (www.unb.br/il/let/helb)²¹

O método direto baseava-se no princípio de aprendizagem da língua materna, reproduzindo situações da vida cotidiana e, de acordo com Richards and Rogers (1986:9-10) apud Brown (1994, p. 21), incluía basicamente “muita interação oral; uso espontâneo da língua alvo sem tradução para a língua materna; ensino de vocabulário e sentenças de uso prático; habilidades orais desenvolvidas progressivamente baseadas em perguntas e respostas com turmas pequenas; pouca ou nenhuma análise das regras gramaticais; aquisição de vocabulário através de demonstrações, objetos e gravuras, o vocabulário abstrato era ensinado através de associação de idéias; fala e compreensão oral ensinados com ênfase na correção da pronúncia com o objetivo de se assemelhar a um nativo e a gramática ensinada de forma indutiva”²².

Esse método foi amplamente difundido nos institutos particulares de ensino de língua estrangeira no Brasil com um considerável prestígio. No entanto, o sucesso do mesmo estava estreitamente vinculado ao alto grau de motivação apresentado pelos alunos e na contratação de professores nativos da língua estrangeira, o que explicaria a eficiência do método de acordo com os investimentos pessoais e financeiros. Brown (1994) justifica que “quase todos os métodos podem ser bem sucedidos quando os clientes estão dispostos a pagar altos preços por classes reduzidas, atenção individual e estudos intensivos” (p. 22)²³. Contrariamente, Coracini (2003, p. 141) salienta que “é evidente que era impossível reproduzir exatamente as situações de aprendizagem da primeira língua, sobretudo no que diz respeito à espontaneidade das situações, das falas que só podiam acontecer na infância”. Vale esclarecer que o mesmo sucesso obtido no ensino particular através do método direto não se aplicou ao ensino público,

²¹ Site da Universidade de Brasília – Departamento de Língua Estrangeira e Tradução (LET). Site acessado em 29/01/2007.

²² Tradução nossa

²³ “almost any “method” can succeed when clients are willing to pay high prices for small classes, individual attention, and intensive study”

devido a fatores, tais como o grande número de alunos em sala de aula, o número insuficiente de horas/aula, a carência de profissionais qualificados.

Apesar da popularidade do Método Direto na Europa e nos Estados Unidos, inúmeras críticas lhe foram feitas por lhe faltar uma base metodológica sólida, conforme afirma Brown (1994, p. 22): “seu sucesso pode ter sido mais um fator da habilidade e personalidade do professor do que a metodologia em si”²⁴.

Também, Paiva (2005), em seu texto - Como se aprende uma língua estrangeira?- é categórica ao afirmar que,

apesar de todo o esforço para fazer o aprendiz ignorar sua própria língua e ‘pensar em inglês’, o insumo fornecido era muito pobre e constituído por frases artificiais e descontextualizadas e que na prática, a gramática continuava como foco central, pois os materiais eram estruturados a partir da gradação de estruturas gramaticais. (www.veramenezes.com)²⁵

No entanto, foi a partir do Método direto que uma nova concepção de ensino de línguas ocorreu por volta dos anos 50, quando o behaviorismo de Skinner, na área da psicologia, e o estruturalismo de Saussure, na área da lingüística, estavam em voga. O novo método, conhecido no Brasil como áudio-oral, foi desenvolvido nos Estados Unidos e, de acordo com Brown (1994), surge por ocasião da explosão da segunda guerra mundial, buscando abarcar as necessidades comunicativas dos soldados americanos em tempo recorde. Baseado no conceito de aprendizagem como produto de estímulo e resposta, a língua passa a ser vista como um conjunto de hábitos a serem automatizados e recebeu suporte do estruturalismo para a seleção das estruturas sintáticas a serem inseridas nos materiais didáticos.

Segundo Prator & Celce-Murcia (1979) apud Brown (1994, p. 23), algumas características do método áudio-oral e áudio-visual podem ser resumidas na “apresentação de novos materiais em forma de diálogo; as estruturas devem ser praticadas pela memorização; as estruturas são apresentadas numa seqüência de significados; as regras gramaticais são ensinadas intuitivamente através de analogia; o vocabulário limitado e aprendido em contextos; uso de recursos áudio-visual; ênfase na pronúncia e na entonação devido ao avanço da fonologia; erros eram sempre evitados; permite-se um pouco do uso da língua materna; respostas corretas são imediatamente reforçadas”²⁶. Foi um método que agregou anos de popularidade e é encontrado até os dias de hoje adaptações nas metodologias contemporâneas.

²⁴ “Its success may have been more a factor of the skill and personality of the teacher than of the methodology itself”

²⁵ Site da Professora Doutora Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva, titular da Faculdade de Letras da UFMG e pesquisadora do CNPq. Site acessado no dia 25/01/2007.

²⁶ Tradução nossa

Sua popularidade, segundo Brown (1994) pode ser justificada por muitas razões, dentre elas o cuidado com que os materiais eram elaborados e testados. No Brasil, ainda é um método muito popular devido ao baixo custo, facilidade de ser montado e não depender de um alto grau de proficiência na língua estrangeira por parte dos profissionais contratados.

Para Paiva (2005),

o método teve o mérito de dar aos aprendizes bastante fluência, pois as habilidades orais eram desenvolvidas desde o primeiro dia do curso. As fitas gravadas forneciam bons modelos de pronúncia e entonação, as dificuldades eram graduadas, era possível prever os erros e oferecer a prática necessária para tentar impedi-los. (www.veramenezes.com)

Apesar do grande sucesso alcançado e da popularidade deste método, surgiram algumas críticas em relação à artificialidade dos materiais didáticos e às interações conversacionais com pouco estímulo às atividades mentais, além de atividades cansativas. Nesse sentido, Coracini (2003) também destaca a artificialidade do ensino de língua estrangeira que busca, por meio desse método, reproduzir situações de comunicação do cotidiano pela memorização e repetição de estruturas. A autora critica, ainda, o fato de ser “necessário fazer tabula rasa dos conhecimentos que o aluno trazia enquanto falante em sua língua materna e partir do zero para ensiná-lo a falar outra língua” (p. 141). Acredita-se que a proficiência em uma língua estrangeira não pode se assegurar somente por meio do condicionamento e ser garantido pela automação, imitação, repetição de frases e a não incidência de erros. Com o declínio do método áudio-oral, a partir dos anos 70, alguns cursos no Brasil retomaram parcialmente o método de tradução e gramática com algumas variantes, como livros de exercícios.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, um novo conceito de ensino/aprendizagem, pautado nas novas teorias nas áreas da lingüística e da psicologia educacional, desenvolvidas por Piaget, Vygotsky e Chomsky, revolucionou a história do ensino de línguas estrangeiras, fazendo nascer uma nova abordagem que recebeu o nome de – abordagem comunicativa. Esse novo método é caracterizado pela tentativa de se conseguir autenticidade por meio da simulação de situações reais de comunicação por meio de atividades contextualizadas, com vista a proporcionar ao aprendiz de línguas estrangeiras, a vivência de situações reais na sala de aula. Para Brown (1994, p. 43), é difícil oferecer uma exata definição para esse método, no entanto, ele descreve no capítulo 3 do seu livro ‘Teaching by Principles’, seis características interconectadas, sendo: “o objetivo das aulas focado em todos os componentes da competência comunicativa; técnicas desenvolvidas para assegurar uma aprendizagem num contexto autêntico, funcional, pragmático, em propósitos significantes de uso; a fluência tem

maior importância do que a exatidão; o aluno deverá fazer uso na sala de aula de atividades contextualizadas que desenvolvam habilidades reais e necessárias para a comunicação fora da sala; aprendizado de acordo com o estilo de cada aluno através de estratégias próprias; o papel do professor como facilitador da aprendizagem e encorajador de situações de interação entre os alunos”²⁷.

Para Coracini (2003), há nesse novo método comunicativo uma modificação em relação ao uso da língua materna e da língua alvo nas salas de aula. Embora o uso predominante seja da língua alvo, o professor poderá lançar mão à tradução ou à comparação para esclarecer ou facilitar a compreensão de algum item gramatical, expressão ou aspecto cultural. Um outro ponto, ressaltado pela autora, é o deslocamento do foco das preocupações com o ensino para preocupar-se com a aprendizagem e com os interesses e necessidades dos alunos. Todavia, esse novo método continua “a defender a concepção de linguagem enquanto instrumento de comunicação e de sujeito dotado de razão e capaz de atingir a consciência e, portanto, o controle do processo de ensino-aprendizagem (p. 142)”. Portanto, esse método não difere muito do método direto uma vez que as concepções de sujeito e de linguagem são as mesmas.

De acordo com Brown (1994), uma das características que dificultaria a prática da abordagem comunicativa deve-se à exigência de um profissional altamente proficiente na segunda língua em questão, capaz de conduzir atividades que envolvam diálogos, simulações de situações reais, discussões num ambiente propício de interação. Podemos considerar a característica acima mencionada como um dos empecilhos para uma ampla utilização da abordagem comunicativa no Brasil, ficando o ensino de inglês nas escolas regulares preso ao método de tradução e gramática, enquanto os cursos particulares se restringiram ao método áudio-oral. Outros elementos inibidores de uma eficaz utilização da abordagem comunicativa no Brasil, conforme descreve Paiva (2005), recaem em fatos como a dificuldade de muitos professores não conseguirem se desvencilhar do ensino da gramática pela gramática, desprovida de sentidos, os materiais didáticos disponíveis, que apesar de se intitularem comunicativos, apresentam textos artificiais ou atividades descontextualizadas. No entanto, a abordagem comunicativa constrói um novo cenário na área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, garantido ao sujeito-aprendiz um lugar de protagonista, tendo o professor como mediador na sala de aula, responsável pela preparação de materiais autênticos, atividades bem

²⁷ Tradução nossa

planejadas, elaboradas e voltadas para as reais necessidades de comunicação do aluno, dentro de um contexto sócio-político e cultural.

A partir do conhecimento dos caminhos percorridos pelo ensino da língua inglesa no Brasil, considerando sua história, sua trajetória ao longo dos anos, o prestígio e a influência com que a mesma tem se difundido nos dias de hoje, somos levados a pensar sobre a importância do seu ensino não somente no Brasil, mas em todos os países, cujas necessidades emergentes recaem sobre a sua utilização para os mais diversos fins, tais como, relações comerciais, interações culturais, desenvolvimento tecnológico, projetos científicos e principalmente a questão da imigração pela qual têm vivido vários países.

Nesse sentido, os estudos deste item nos permitem compreender melhor o sujeito-aprendiz de língua inglesa, visto que o discurso se processa na sua historicidade. Ao estudarmos a evolução do ensino da língua inglesa ao longo dos anos no Brasil, entendemos que a sua solidificação, seus reflexos e influências aconteceram em virtude das necessidades inerentes a cada época, portanto, como requisito para as demandas econômicas, sociais e culturais vigentes.

Permitem-nos, ainda, por meio da abordagem feita dos diversos métodos de ensino que foram, ao longo do tempo, se desenvolvendo para atender, principalmente, as demandas comunicativas, questionar, embora não seja esse o foco desta pesquisa, como o profissional de língua inglesa, no atual momento sócio-histórico, marcado pelo fenômeno “globalização”, pode trabalhar, além dos propósitos pedagógicos, as questões conflituosas que emergem da relação do sujeito com o aprendizado de um novo idioma e da imersão em outras culturas.

2.2 Sob a perspectiva da globalização

Estando presente direta ou indiretamente em todos os lugares no mundo, a disseminação da língua inglesa de algumas décadas para cá, especialmente depois da segunda guerra mundial, não parou mais de crescer como afirma Le Breton (2005). E nesse contexto sócio-histórico, Almeida Filho (2003, p. 20) reflete que “o ofício de ensinar novos idiomas é hoje uma atividade profissional em proporção vantajosa sobre o exercício leigo da prática como nunca antes na longa história do ensino de línguas no mundo”. É, pois, considerando este contexto que abordamos, neste item, algumas questões relativas à língua inglesa sob a ótica da globalização.

Intitulando-se como “língua universal” ou “língua da globalização”, o inglês é hoje utilizado nas mais diversas áreas e é considerada uma língua de prestígio, influência, domínio, status, e se torna, ainda, mais revitalizada pela intensa procura do seu aprendizado no país. Segundo Le Breton (2005),

de língua nacional, ele se tornou imperial. E tende a tornar-se universal, e não apenas por uma questão de geografia. Ele aspira manifestamente a se tornar a língua do progresso, da ciência, da pesquisa; a língua da inovação, da conquista material; a língua da riqueza; a língua dos homens que são seguros de si e que podem ser tomados como modelo. (p. 21)

Essa disseminação abrangente e progressiva da língua inglesa é hoje inquestionável. No entanto, sua invasão, aceitabilidade e viabilidade trazem consigo implicações sociais, econômicas, políticas e culturais, bem como diferentes questionamentos e avaliações. Seria uma língua responsável pela veiculação e transmissão do ponto de vista de um país dominante das relações internacionais ou seria uma língua inocente que se propõe simplesmente a atender aos propósitos de comunicação internacional, uma língua neutra, uma língua do mundo? Para Le Breton (2005, p. 25) “a geopolítica do inglês é, somando tudo, um reflexo do triunfo político, econômico, cultural dos povos de língua inglesa e um meio de aumentar a sua influência pela difusão da língua”.

Frente ao exposto, podemos dizer que a língua inglesa, longe de ser considerada hoje um simples privilégio de uma classe social, permeia pelos mais diversos campos, levando milhares de pessoas a se preocuparem com o não domínio deste idioma, tendo em vista, que implicaria ser excluído de alguns contextos sociais, culturais e, até mesmo, econômicos. Conforme afirma o mesmo autor (ibidem, p. 17), “não há nenhuma categoria humana que não se veja afetada pela universalidade da difusão da língua inglesa”, o que nos levar a investigar,

através do discurso dos sujeitos-aprendizes de língua inglesa, as reais necessidades de uso deste idioma e as influências culturais sofridas pela inserção deste sujeito no processo de globalização.

Parece-nos então, que não dominar a língua inglesa implica, nos dias de hoje, exclusão frente às exigências de um mundo globalizado e dominado pelas inovações tecnológicas. Verificamos o predomínio desse idioma nos mais variados segmentos mundiais. É a língua utilizada nas tecnologias, na informática e em diversas outras áreas. No campo da aviação acontece comunicação entre os pilotos e as torres de controle de diversos países. É, também, a língua de interação entre os passageiros de diversas nacionalidades em viagens aéreas, que estão sendo difundidas em larga escala com a prática do turismo. A língua inglesa é, ainda, multiplicada através dos fenômenos culturais, como o cinema, a música, mundialmente cantada e comercializada. No campo das comunicações, cada vez mais os internautas se utilizam desse idioma na tentativa de se integrarem oficialmente à teia de relações virtuais.

Como afirma categoricamente Lacoste (2005, p. 11), “para seguir esse movimento e dele participar; é preciso falar inglês.” Não podemos esquecer que tudo isto contribui para a manutenção da posição, soberana, da língua inglesa nos dias de hoje, posição esta sem nenhum precedente anteriormente visto. Porém, ainda, de acordo com o autor, “tudo isso tem conseqüências geopolíticas e participa das rivalidades de poderes e de influências em nível mundial e no quadro de todos os países.” Assim, o ‘antiamericanismo’ nunca se expressou com tamanha proporção, intensidade e clareza na opinião pública de todos os países.

As relações de força e poder, que veiculam por meio do domínio da língua inglesa, fazem com que as pessoas que dominam este idioma desfrutem de uma série de vantagens, mas por outro lado, a não inserção nesta aldeia global ameaça categorias sociais, pois, acredita-se que ela seja a língua do sucesso e que somente seja possível compreender o mundo através dela. Para Rajagopalan (2005, p. 149), “tal atitude não precisa ser de subserviência ou de rejeição dos próprios valores por parte de quem aprende e passa a utilizar a língua para fins específicos”, e que, portanto, nada adianta remar contra a maré, negar o óbvio, numa posição hostil e reacionária frente à sua propagação em níveis mundiais.

Essas reflexões nos impulsionam a investigar a relação do sujeito-aprendiz com esse idioma, suas implicações e reflexos na sociedade brasileira. Isso nos leva, em nossa pesquisa, a questionar se os relatos dos sujeitos-aprendizes de língua inglesa evidenciam um processo conflituoso entre o eu e o desejo, inconsciente, pelo outro; entre aquilo que sou e o que eu gostaria de ser, ou seja, a busca, imaginária, pela completude através da língua outra.

É considerando todas as preocupações concernentes à propagação da língua inglesa que Rajagopalan (2005), defende a tese do hibridismo, ou seja, do surgimento de uma nova língua, denominada “World English”. Para o autor, a partir da sua disseminação e abertura para um processo de integração mundial, a língua inglesa deixou de ser propriedade exclusiva de seus países de origem e passou a constituir parte da vida de milhares de pessoas que, em meio às exigências de um mundo globalizado, utilizam o inglês nas mais variadas instâncias de comunicação, em situações rotineiras e práticas do cotidiano. Dessa perspectiva, “World English”, é um novo fenômeno lingüístico e se caracteriza pela desvinculação com a cultura anglo-saxã, pois não se trata da mesma língua inglesa que se fala nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália, etc., mas, segundo o mesmo autor, “é a língua inglesa que circula no mundo, que serve como meio de comunicação entre os diferentes povos do mundo de hoje” (p. 151). Acreditamos que esse conceito proposto pelo autor não pressuponha, no entanto, a neutralidade da língua inglesa para fins globais, haja vista que nenhuma língua é inocente, neutra e/ou desprovida de uma história e de seus acontecimentos.

Trazemos, ainda, para este trabalho as contribuições de Bauman (1998/1999) acerca das conseqüências para as sociedades, advindas do processo de globalização. O autor assevera que “hoje em dia estamos todos em movimento” (p. 85). Dito em outras palavras, na época do global, da mobilidade, da flexibilidade, da velocidade, a sociedade é, todo momento, intimada a inserir-se nesse círculo, cuidando para não ficar do lado de fora, afastada, deslocada.

Bauman (1998/1999) aponta, em seus estudos, algumas dimensões cruciais da globalização para o sujeito pós-moderno, a saber, a “compressão espaço-temporal”, que trouxe nova concepção para “longe” e “perto”. Estes termos, numa nova era global, excedem os seus significados para muito além do aspecto físico, esbarrando-se nas questões de ordem social e cultural. Isso, nos remete, nos dias de hoje, às emergentes mudanças impostas para se (sobre)viver, mediante constante preocupação em se posicionar do lado certo. “Longe”, neste contexto global, significa encontrar-se do lado de fora, à margem, ausente, excluído, e, “perto”, por sua vez, é estar no global, ser incluído, integrado, aceito e adaptado aos novos hábitos, costumes, estilos, vindos de lá para cá, agregando ou contrapondo-se aos daqui. Sob essa perspectiva, podemos dizer que a língua inglesa, objeto deste estudo, tal como o processo da globalização, possui tendências opostas, aproxima e distancia, une e separa, inclui e exclui, ao mesmo tempo.

Desenvolvendo essa reflexão a respeito da língua inglesa, em tempos de globalização, coadunamo-nos com o autor ao afirmar que, “o que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é

um destino indesejado e cruel” (BAUMAN, 1998/1999, p. 8). Disso, compreendemos que o aprendizado da língua inglesa, muitas vezes, se faz por imposições externas à vontade do sujeito-aprendiz, pois, “não se pode “ficar parado” em areia movediça” (ibidem, p. 86), visto que seu não aprendizado, no mundo globalizado, pode significar distanciamento das conquistas almejadas ou das realizações planejadas. Com isso, a redução do tempo, a mobilidade constante, a flexibilidade imposta pela globalização, leva o sujeito à emergência de inserir-se no aprendizado da língua inglesa, talvez, com o objetivo de esquivar-se da progressiva “segregação social” advinda da globalização e seus efeitos sobre as sociedades, e, a partir disso inserir-se por meio da relação de “poder-saber” (talvez imaginária) que emerge da representação que se tem desse idioma.

Essa sensação de termos o chão saindo sob nossos pés, de termos perdido o controle das nossas próprias decisões, de estarmos à mercê dos efeitos globais, incomoda e perturba a imaginária estabilidade identitária do sujeito que, no receio de ser deslocado para fora de um espaço, por exemplo, o emprego, se vê na emergência de inserir-se, por meio do aprendizado da língua inglesa, no novo espaço demarcado pela globalização. Assim sendo, o desafio da comunicação, por meio da língua inglesa, faz parte de um empenho constantemente renovado, por permitir ao sujeito a mobilidade em direção ao global. Nesse sentido, os limites traçados pelo global e pelo local fazem, também, com que o sujeito se reconheça no outro, por meio da diferença, daquilo que lhe falta, e, portanto, o que desperta desejo e provoca novos desafios. Isso nos leva a investigar, neste trabalho, por meio do discurso do sujeito-aprendiz, os conflitos identitários que emergem da imposição da língua inglesa – língua do poder –, objeto de desejo, mas de exclusão também.

Nessa nova era de liberdade sem precedentes, de deslocamentos e mudanças, que surgem a partir do fenômeno da globalização, temos, na ilusão da igualdade, as fronteiras geográficas sendo desafiadas, superadas, eliminadas, mas, presenciamos, também, a construção de novos muros virtuais mais altos, sólidos. Esses muros separam um mundo do outro, o “globalizante” que se abre para o progresso, para a evolução, para a conquista e, o “localizante”, que esbarra, isola, confina, sendo ainda, um espaço de exclusão a ser conquistado, visto que “as pessoas vivem no mesmo espaço, mas são colocadas em situações diametralmente opostas” (BAUMAN, 1998/1999, p. 41).

Uma outra questão relacionada ao processo da globalização de acordo com o autor, encontra-se na produção do efêmero, do passageiro, do volátil, da condição descartável dos produtos e serviços, que caracterizam a instabilidade deste século. Isso gera na sociedade insegurança, incerteza, dúvidas, necessidades despertadas e substituídas na mesma velocidade

em que outras emergem. Nessa direção, as forças do mercado, atualmente globais, provocam impactos que causam grande apreensão nas sociedades atuais, pois o que “parece flexibilidade do lado da procura vem a ser para todos aqueles jogados no lado da oferta um destino duro, cruel, inexpugnável” (BAUMAN, 1998/1999, p. 113). Assim, considerando essa perspectiva, a comunicação global por meio da língua inglesa é, ainda, nos dias atuais, um instrumento de caráter oposto, contraditório, pois ao mesmo tempo em que se propõe a assegurar comunicação entre todos os povos – caráter flexível - é, também, a língua que dificulta, esbarra – caráter seletivo.

No entanto, dentro desse contexto atual e mundial, a franca expansão da língua inglesa e, com isto, a sua ampla utilização em nível planetário, tem despertado um crescente interesse pelo seu aprendizado no Brasil. Sob esse enfoque, propomos-nos a analisar como essas questões se mostram no corpus de nossa pesquisa, procurando compreender os reflexos, implicações, influência desse idioma na construção da identidade do sujeito-aprendiz de língua inglesa.

Nesta primeira parte do nosso trabalho, buscamos refletir sobre algumas noções da análise do discurso que embasam a pesquisa, discorrendo sobre a noção de sujeito e de identidade. Procuramos compreender essas noções a partir do momento histórico-social, principalmente, do processo da globalização que gera novas mudanças, adaptações e desafios para um sujeito que procura, ilusoriamente, estabilidade. Tentamos, também, considerando o caráter heterogêneo do sujeito e a não transparência da linguagem, compreender como a ideologia se materializa no discurso, produzindo diferentes sentidos em um dizer. Discutimos, ainda, sobre o conceito contemporâneo de cultura procurando compreender melhor os processos de transformações culturais vividos no Brasil e a participação do sujeito pós-moderno neste processo. Abordamos, também, a história da língua inglesa no Brasil sob uma perspectiva histórica e da globalização, expomos alguns dos caminhos percorridos, os métodos desenvolvidos, bem como as implicações desse idioma na sociedade atual em tempos de globalização. Passemos, pois, a análise dos dados.

PARTE II

ANÁLISE DOS DADOS

Eu agia como um boto que salta na superfície da água deixando um vestígio provisório de espuma e que deixa que acreditem, faz acreditar, quer acreditar ou efetivamente acredita que lá embaixo, onde não é percebido ou controlado por ninguém, segue sua trajetória profunda, coerente e refletida.

(Foucault)

Para buscarmos, pois, o revés da profundidade de nosso corpus e oferecê-lo a possíveis gestos de interpretação – impossíveis de serem esgotados na sua totalidade – constituímos, como forma de organização, em dois capítulos essa segunda parte da dissertação. O primeiro capítulo, intitulado “condições de produção”, consta da abordagem metodológica utilizada para proceder as análises dos recortes discursivos. Considerando o caráter heterogêneo do discurso e do sujeito, buscamos compreender a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa, a partir dos discursos produzidos, tendo em vista que os vários sentidos de um dizer nascem de condições específicas, determinadas pelo momento no qual se inserem. Relacionamos, também, as perguntas que nortearam os dizeres dos sujeitos-aprendizes, sendo que estas funcionaram, apenas, como um portal aberto para outros e tantos dizeres. Buscamos, ainda, neste capítulo, descrever o sujeito-aprendiz. No capítulo II, intitulado “no universo da língua inglesa: os gestos de interpretação”, passamos a investigar no primeiro item, “o ‘local’ ocupado pela língua inglesa”, a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa a partir dos conflitos advindos das imposições geradas com a abertura global. No segundo item, “a língua inglesa no espaço ‘global’”, procuramos entender o discurso do sujeito-aprendiz, num novo cenário mundial que se descortina por meio do processo da globalização.

CAPITULO I

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

1.1 Configuração do corpus e metodologia

Objetivando caracterizar a Análise do Discurso na sua relação entre língua, sujeito, história, ideologia e os seus efeitos na materialidade discursiva, faz-se mister discorrer neste capítulo, sobre a relação indissolúvel entre dois conceitos fundamentais nesta teoria, o intra e o inter-discurso.

Dessa perspectiva, consideramos que o discurso do sujeito-aprendiz de língua inglesa é marcado pela heterogeneidade, pela constituição de diferentes vozes e pelo contexto histórico-social que produzirá sentidos diversos de acordo com o momento e a condição de produção em que esse discurso foi enunciado. Sendo assim, para retomar os termos de Pêcheux (1988/2006), os sentidos estão sempre em movimento e, por isto, poderá tornar-se outro a partir do deslocamento discursivo. Sendo atravessado por discursos outros, é impossível pensar no funcionamento da linguagem sob uma forma linear, mas em momentos de re-significação dos sentidos que emergem a partir das relações entre o intra e o inter-discurso.

De acordo com a teoria aqui adotada, o próprio sujeito, ilusoriamente, acredita na transparência e exatidão da linguagem (esquecimento nº 2), no entanto, constrói discursos múltiplos e não originais (esquecimento nº 1). Estes esquecimentos são partes da constituição dos sujeitos e dos sentidos, sendo necessários para haver linguagem (PÊCHEUX, 1969/1997a). Por meio das marcas deixadas pela impossibilidade de controle do seu dizer procuramos, nesta pesquisa, investigar o discurso desse sujeito dentro de um contexto globalizado, na difusão das culturas, na presença do outro que incomoda, provoca questionamentos, desperta desejo, haja vista, segundo Orlandi (1999/2005, p. 53) que, “ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos”. Para isso, observamos o modo de construção, a estruturação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos dos recortes submetidos à análise, sendo os vestígios, o escapar das

palavras, o equívoco, a falta, pistas para buscar compreender o funcionamento discursivo, considerando a heterogeneidade do sujeito.

A metodologia utilizada, neste trabalho, para procedermos a análise do discurso do sujeito-aprendiz, se dá na relação entre o intradiscurso e o interdiscurso. Compreendemos como intradiscurso a materialidade da língua, o fio do discurso de um sujeito falante numa determinada formação discursiva a partir da realidade presente, como se as palavras possuíssem um sentido transparente e exato, desconsiderando o assujeitamento ideológico, a heterogeneidade constituinte do sujeito e do seu discurso. Mas, é, no entanto, no interdiscurso, o lugar onde se instaura a memória discursiva do sujeito e que nos permite compreender os efeitos de sentido que constitui o ponto de encontro entre o que está sendo dito no fio do discurso, no intradiscurso, e o emaranhado de sentidos produzidos pelo dizer do sujeito.

Para investigarmos a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa, procedemos a gravação em áudio das seguintes perguntas, que foram posteriormente, transcritas: Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional? Você ouve músicas americanas? Você considera os Estados Unidos uma nação dominante e/ou repressora? Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho? Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana? Como você vê o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por esse processo? A Língua inglesa concede algum tipo de status para o brasileiro que fala este idioma? Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Os entrevistados estudam em um curso livre de inglês, na cidade de Coronel Fabriciano-MG, possuem faixa etária entre 15 a 50 anos de idade, diferentes níveis de proficiência da língua inglesa e segmentos profissionais. O curso compreende um período de quatro anos dividido em 4 níveis - *beginner*, *basic*, *intermediate* e *advanced*, sendo a duração das aulas de uma hora e quinze minutos, duas vezes por semana. Alguns que já concluíram o curso ou estão em nível avançado participam, semanalmente, por uma hora, da aula de conversação, no intuito de manter um maior contato com a língua inglesa. São pequenas turmas, máximo cinco alunos, cujos temas, atualizados e variados, proporcionam a interação e participação de todos os alunos que buscam maior proficiência na comunicação em língua inglesa.

Queremos salientar que as condições de produção no sentido proposto por Pêcheux (1969/1997a), como sendo, as ‘circunstâncias’ em que o discurso num contexto sócio-histórico-ideológico é produzido, nos remete ao momento de globalização e, com isto, maior

abertura para o mercado exterior por parte das empresas. Isso nos chamou atenção num primeiro momento e nos levou a investigar outros pontos que parecem derivar do processo de globalização.

Em face desses acontecimentos, os entrevistados, na sua maioria, relacionam o estudo da língua inglesa às exigências do mercado de trabalho, e isto se deve ao fato de que muitos deles trabalham em grandes empresas da região do Vale do Aço²⁸ que mantém relações internacionais, como por exemplo, a Cenibra – Celulose Nipo-Brasileira S.A. Empresa de celulose que tem como principal detentora do controle acionário um grupo de empresas japonesas denominadas Japan Brazil Paper and Pulp Resources Development Co.,Ltd–JBP. A Acesita S.A – única produtora integrada de aços planos inoxidáveis e siliciosos da América Latina. Além de deter alta tecnologia na produção de aços carbonos ligados, é líder em seu segmento no mercado brasileiro, com 90% de participação, e exportação para outros 57 países. A exportação ganhou um impulso maior através da integração com a rede de distribuição da Arcelor, um dos maiores grupos siderúrgicos mundiais, com sede em Luxemburgo, e acionista majoritária da Acesita²⁹.

Aqui, trazendo para nosso estudo as palavras de Coracini (2007, p. 143) que, “é pelo e no olhar do outro que me vejo como um”, julgamos pertinente esclarecer que quase todos os entrevistados estavam diante o próprio professor do curso de inglês³⁰, o que nos levou a optar pela realização das entrevistas num ambiente fora da escola, geralmente, na casa do entrevistando, na tentativa de transferir a posição de professor para a de pesquisador. No entanto, sabemos que a presença do outro (entrevistador), por si só, compromete a espontaneidade do entrevistando, uma vez que, seu discurso é constituído pelas “formações imaginárias”, sendo direcionado (inconscientemente) em função da imagem que o sujeito faz de si, do outro e do objeto do qual fala. (PÊCHEUX, 1975/1997b).

A seguir, passamos para uma breve descrição dos sujeitos-aprendizes de língua inglesa, cujas entrevistas compõem o corpus de nossa pesquisa:

SA1³¹ - 41 anos, curso superior completo, 2 anos de curso de inglês, secretária na Cenibra – Celulose Nipo-Brasileira S.A.

SA2 – 28 anos, curso superior em direito, 3 anos e meio de curso de inglês, advogada e professora.

²⁸ Localizada no leste de Minas Gerais, a região do Vale do Aço é composta pelos municípios de Coronel Fabriciano, Ipatinga, Timóteo e Santana do Paraíso.

²⁹ Informações retiradas dos sites das empresas <www.acesita.com.br>,<www.cenibra.com.br> no dia 15/09/2007.

³⁰ Cabe esclarecer que trabalho neste curso desde 2000.

³¹ Elucidamos que: SA significa sujeito-aprendiz; o número corresponde ao sujeito da entrevista.

SA3 – 53 anos, segundo grau, 2 anos de curso de inglês, funcionário da Acesita S.A.

SA4 – 46 anos, curso superior em administração, 2 anos de curso de inglês, funcionária da Acesita S.A.

SA5 – 35 anos, curso superior em engenharia elétrica, 3 anos de curso de inglês, funcionário da Acesita S.A.

SA6 – 17 anos, estudante do 2º ano do curso técnico, 4 anos e meio de curso de inglês.

Apresentamos, neste capítulo, a metodologia utilizada para proceder as análises dos recortes que compõe o corpus desta pesquisa, que uma vez transcritos nos permitem, num gesto de interpretação, verificar a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa em tempos de globalização. Trouxemos, ainda que de maneira bastante sucinta, a descrição do sujeito-aprendiz, que no atual contexto sócio-histórico, busca por meio do aprendizado da língua inglesa atender às exigências de um mercado global. Passamos, então, para as análises.

CAPÍTULO II

NO UNIVERSO DA LINGUA INGLESA: os gestos de interpretação

Um texto só é texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. (Jacques Derrida)

2.1 O “Local” ocupado pela língua inglesa

Neste item, desenvolvemos a investigação dos discursos dos sujeitos-aprendizes de língua inglesa, por meio da análise de recortes discursivos do corpus, constituídos a partir de entrevistas realizadas com os sujeitos-aprendizes. Os diversos sentidos produzidos por seus dizeres não estão presentes nas palavras, mas construídos pelo imaginário social que evidencia a ideologia da completude do sujeito, por meio do domínio da língua inglesa. Nas análises, deste item, procuramos investigar o “local” ocupado pela língua inglesa na vida dos sujeitos-aprendizes e as implicações resultantes da imobilidade, rigidez, inflexibilidade, em tempos de globalização.

Recorte 1 – SA1

Bom / pessoal nenhuma / profissional atualmente também não tem muita aplicabilidade / eu não necessito do inglês / basicamente para atuar no meu trabalho / eu trabalho com um diretor japonês que fala português muito bem / mas os diretores eles ficam um tempo na empresa vão embora e vem outro / a minha preocupação maior é o próximo que vier / se / ele não fala português normalmente eles falam inglês / né // então eu tenho que saber alguma coisa pelo menos para eu me comunicar com ele / então eu não preciso do inglês hoje / hoje / mas no futuro // não sei / também não tem uma previsão assim / daqui um ano / dois anos ele tá indo embora / vem outro e se vai querer ficar comigo e se ficar comigo como secretária e ele não falar português o principal vai ser o inglês / né / mas pode até ser que eu nem venha usar este inglês / mas se eu precisar³²

³² A legenda usada para a transcrição é caracterizada por: / (pausa curta; e // (pausa longa).

Ao dizer sobre a aplicabilidade da língua inglesa na sua vida pessoal ou profissional, SA1 deixa transparecer em seu discurso, “*então eu tenho que saber alguma coisa pelo menos para eu me comunicar com ele*”, a idealização da competência lingüística nesse idioma, pois isto o colocaria num patamar de igualdade em relação ao outro, portanto, lugar de poder dentro do que seria para SA1 a representação da competência profissional. A este respeito, afirma Biplan (2005, p. 133) que “o inglês transformou-se no esperanto dos negócios e se supõe que toda pessoa o fale ou ao menos se vire numa situação de urgência. Questão de eficiência e de custos, mas também de relação de forças”. Esse cenário mundial pode ser observado no discurso de SA1, em que o sujeito-aprendiz encontra-se envolto às emergentes circunstâncias inerentes à aquisição das habilidades lingüísticas, internas às empresas, haja vista que as mesmas buscam ampliar, cotidianamente, considerando a abertura do mercado, a partir do fenômeno globalização, suas relações internacionais. Disso decorre que a difusão da língua inglesa e sua ampla utilização para o desenvolvimento dos negócios trazem a exigência de um profissional que atenda às necessidades comunicativas da empresa, sendo, portanto, um diferencial neste mercado.

A nosso ver, o discurso de SA1 traz em sua memória a imagem idealizada de um sujeito que, conhecendo, ainda que em nível elementar a língua inglesa, idioma estrangeiro prestigiado mundialmente, principalmente nas relações comerciais, é de acordo com Rajagopalan (2003, p. 65), “admirado como pessoa culta e distinta”, isto, segundo o mesmo autor, se deve pelo fato da língua estrangeira ser “comumente reservada para qualificar uma outra língua que conta com mais respeitabilidade que a língua de quem fala”. Isso nos remete à língua inglesa com todo seu prestígio social, símbolo de um poder-saber que, de acordo com Foucault, se faz na/pela ideologia.

A expressão enunciativa “*pelo menos*”, nos permite compreender como se constituem os efeitos de sentido no discurso de SA1, revelando a não transparência e exatidão destes sentidos, pois, de acordo com a teoria adotada, a relação linguagem e pensamento não acontece de forma direta, inequívoca, mas é perpassada pela ideologia, constituinte do sujeito e dos sentidos. Nesse sentido, de acordo com Orlandi (1999/2005, p. 47), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”. Ao tentar demonstrar um tratamento de insignificância em relação à necessidade de comunicação através da língua inglesa, SA1 deixa escapar, “*basicamente para atuar no meu trabalho*”, a importância, o lugar de destaque e de reconhecimento, da língua inglesa como instrumento indispensável para a posição em que ocupa na empresa. Sendo a expressão “*basicamente*” uma derivação de “*básica*”, que etimologicamente se refere a algo que serve de base, de apoio, podemos compreender que

SA1 se contradiz ao afirmar “*eu não necessito do inglês*”, pois seu dizer, “*basicamente*”, ressalta o caráter fundamental, essencial da língua inglesa.

Conforme podemos observar, no uso enfático do operador argumentativo “*mas*”, o dizer de SA1 revela uma determinada verdade que a sociedade acolheu e faz funcionar como verdadeira. O sujeito-aprendiz acredita na representação da língua inglesa como lugar de prestígio não somente profissional, mas também social e cultural e, portanto, um lugar de poder em que se faz necessário estar preparado previamente para uma possível utilização no futuro, imaginário esse construído pelo evento da globalização.

Podemos observar no discurso de SA1, “*mas no futuro*”, “*não tem uma previsão assim*”, “*o principal vai ser o inglês*”, imagens conflitantes, socialmente construídas que, reforçadas pelo discurso da globalização, deixam transparecer a preocupação do conhecimento da língua inglesa, não como uma necessidade imediata, mas, como construção da identidade lingüística em constante processo de redefinição, por meio do poder avassalador da influência estrangeira, representada no discurso de SA1 pela língua inglesa.

A insegurança, a dúvida, contrapondo-se à certeza da necessidade inquestionável da língua inglesa, seja hoje ou no futuro, evidenciada no discurso de SA1, é revelada, também, nos dizeres de SA6 ao responder sobre a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida,

SA6 - *No momento não é tão importante quanto no futuro / mas quando eu for colocar no meu currículo vai ser fundamental / porque o inglês hoje está sendo uma língua que você tem que ter mesmo*

Observamos que a incerteza se constrói na medida em que o uso da língua inglesa não se efetiva imediatamente, mas funciona como um concreto para a construção de um alicerce, que poderá servir de base para utilização em tempos futuros. As contraposições “hoje-futuro”, “no momento-no futuro”, parecem revelar a incompletude constitutiva do sujeito-aprendiz que se faz na incerteza, “*mas se eu precisar*”, na expectativa, “*mas no futuro*”, e nos permite pensar na construção do discurso da verdade que, segundo Foucault (1979/2006), reproduz efeitos de poder que nos obrigam a desempenhar tarefas, neste caso específico, a tarefa de aprender a língua inglesa num momento sócio-histórico influenciado pelo movimento da globalização que, inevitavelmente, desperta e estimula o desejo de inclusão. Em certa medida, é possível afirmar que, ao enunciar “*mas pode até ser que eu nem venha usar este inglês*”, SA1 revela em seu discurso a construção de uma identidade lingüística caracterizada pela

instabilidade, por constantes renegociações e adaptações que vêm surgindo mediante novas circunstâncias e novas exigências sociais.

Do que foi dito e silenciado na materialidade do discurso de SA1, podemos perceber que o conflito constitutivo do sujeito-aprendiz de língua inglesa se caracteriza pelo desejo de ser completo na língua do outro, ainda que seu discurso pareça revelar conformidade e aceitação pela lacuna ainda não preenchida com o domínio do idioma. Retomando o enunciado “*pode até ser que eu nem venha usar este inglês*”, acreditamos que o dizer do sujeito-aprendiz acena para o desejo de estar preparado para a utilização deste idioma quando se fizer necessário, ainda que SA1 procure transparecer certo desprezo para com a língua outra ao utilizar o demonstrativo “*este inglês*” para determinar algo que lhe parece estar exterior, distante, indiferente, desnecessário, mas, no entanto, objeto de interesse e desejo deste sujeito.

É possível afirmar que as questões de identidade, reveladas no discurso de SA1, estão marcadas pela fragmentação que lhe é própria, de acordo com a Análise do Discurso, denunciando um sujeito dividido entre o hoje e o amanhã, entre a possibilidade e a certeza, entre a necessidade e o desejo, portanto, uma identidade conflitante em oposição, em tensão.

SA1 revela em seus dizeres, um discurso subjacente à vida na sociedade pós-moderna sobre forte influência de um momento marcado pela redefinição cultural, acentuada em grande escala pela “invasão” da língua inglesa. Momento este em que a interação com pessoas de outras culturas, através deste idioma, nos leva à compreensão mais ampla da linguagem como processo de (trans)formação e (re)construção de novas identidades, percebidas de acordo com Rajagopalan (2003, p. 69) “como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante”.

É possível afirmar, por meio da análise discursiva dos dizeres de SA1, que o sujeito-aprendiz, interpelado pela ideologia da língua inglesa como instrumento indispensável para a sobrevivência num mundo globalizado, se encontra imerso num processo dinâmico, que envolve, seduz e faz parte da (trans)formação da sua identidade, inevitavelmente, fragmentada.

A análise nos permitiu compreender, ainda, que essa relação de poder atribuída à língua inglesa, conforme hipótese inicial deste trabalho, faz com que o sujeito-aprendiz se submeta ao seu ensino, não pelo desejo, mas pela necessidade nem sempre presente, pois trata-se de uma possível necessidade futura, a qual está associada, em seu imaginário, à sua própria sobrevivência no emprego e na vida.

Recorte 2

A intenção deles é dominar o mundo / né / eu vejo assim [...] hoje a língua mais falada no mundo todo é o inglês / né / além da língua regional / é o inglês a segunda opção / é o inglês né / tudo hoje que você vê / um programa de computador / aqui no Brasil pode até ser fabricado aqui / mas vem todo em inglês / isto eu acho um absurdo // eu não sou obrigada a falar inglês eu não sou obrigada a entender inglês agora eu compro um computador aqui e tem um monte de coisa que eu não sei o quê que é porque vem todo em inglês / eu acho isto um absurdo / mas quer dizer o país também se deixa dominar / o povo brasileiro se deixa dominar / Os países do terceiro mundo se deixam muito dominar e os outros também / talvez os outros nem tanto quanto os do terceiro mundo // aprender mesmo esta língua que eu odeio / entre aspas / a minha vontade é não fazer inglês / eu não gosto / eu nunca gostei / acho que por isso eu tenho muita dificuldade em aprender / e não gosto porque tenho raiva do povo americano não

Ao ser questionado se os Estados Unidos é uma nação dominadora, os dizeres de SA1, “mas quer dizer o país também se deixa dominar / o povo brasileiro se deixa dominar”, apontam para o assujeitamento de que nos fala Pêcheux (1969/1997a). Por meio do uso enfático da expressão “se deixa”, SA1 declara a sua inconformidade diante do silenciamento frente à notável difusão da língua inglesa no Brasil e no mundo, “talvez os outros nem tanto”. Ao enunciar “se deixa dominar”, SA1 revela um discurso ideologicamente constituído, que veicula a imagem estereotipada do povo brasileiro, passivo, adaptável e, por isto, facilmente influenciado, seduzido e dominado. Ao mesmo tempo denuncia ao dizer que, “a intenção deles é dominar”, a força incontestável com que os Estados Unidos têm se projetado mundialmente nas diversas áreas como da política, economia, cultura, etc. Nesse sentido, o discurso de SA1 vai ao encontro do que Le Breton (2005, p. 26) havia assinalado em seus estudos, “o poder da língua inglesa decorre do fato de que ela é a língua dos Estados Unidos”. Isto aponta para a língua inglesa, no imaginário de SA1, como símbolo de poder, de triunfo, um meio utilizado para aumentar a influência dos Estados Unidos, ‘primeiro mundo’, sobre os demais países dependentes econômico-politicamente, como é o caso dos “países do terceiro mundo”. Ainda conforme afirma Le Breton (ibidem, p. 23) “o inglês lança suas redes muito além do que a geografia ensina”. No entanto, SA1 não se dá conta de que também é submetido às imposições sociais e ideológicas que caracterizam o momento histórico em que vivemos. Ao enunciar “a minha vontade é não fazer inglês”, SA1 confessa³³ que existe uma força maior que transcende a escolha natural e revela um sujeito, ao mesmo tempo livre e

³³ Entendemos, aqui, o sentido da expressão “confessar” como um olhar de reconhecimento, uma declaração, uma confirmação frente a uma suposta “obrigatoriedade” em estudar inglês. Nesse sentido a confissão “não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito” Foucault (1988) apud Eckert-Hoff (2004, p.131).

submisso. Este dizer nos parece revelar que SA1 se reconhece avesso às expectativas do atual contexto histórico-social, na contra-mão do progresso, da modernidade, da globalização, mas rende-se frente às exigências de uma nova época. Acreditamos que aí se instaura o conflito neste sujeito, pois, ao mesmo tempo em que manifesta o desejo de se colocar em evidência, em destaque por conhecer a língua do outro, SA1 professa um discurso de indignação pela maneira com que o inglês se impõe como regra, se infiltra nas sociedades e ninguém questiona essa dominação social e cultural.

SA1 refere-se primeiramente ao “*país*”, como se esperasse um posicionamento mais firme dos governos no sentido de “defender” a nação de uma invasão político-econômica que, inevitavelmente, remete a uma submissão, a uma dependência cultural, e, com isto, cada dia mais ao domínio lingüístico. Conforme afirma Biplan (2005, p. 134) “depois da língua propriamente dita, nós nos pomos a adotar, de maneira insidiosa, todos os comportamentos americanos”. Essa difusão do jeito americano de ser, promovida pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias, se faz presente de maneira bastante generalizada e impositiva no mundo, se fortalecendo, ainda mais, por meio da disseminação da língua inglesa.

Nas diversas vezes em que usa a expressão “*todo em inglês*”, SA1 argumenta que nós, os brasileiros, vivemos sob o grande poder com que a língua inglesa abrange diversos segmentos sociais, econômicos, culturais. Expressões estas, como “*todo/tudo*”, remetem ao que Le Breton (2005) assevera como,

o peso político do mundo de língua inglesa e por seu sucesso insolente em todos os âmbitos da vida científica, econômica e industrial, que a torna atraente, qualquer que seja o peso das tradições com as quais ela se enfrente. (p. 17)

O discurso de SA1, nos parece revelar o aprendizado da língua inglesa sendo algo que deva ser aprendido como parte constituinte de uma formação global, não só nos dias de hoje, mas uma verdade que antecipa uma necessidade absoluta e inevitável no futuro. Nesse sentido, os motivos que levam SA1 a estudar a língua inglesa, como já comprovam os estudos de Rajagopalan (2005, p. 149), estão relacionados ao fato de que “estima-se que perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo – isto é ¼ da população mundial – já possui algum grau de conhecimento da língua inglesa e/ou se encontra na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia”. Portanto, saber a língua inglesa, língua de prestígio e de status simboliza inserir-se na memória discursiva da língua inglesa como garantia de uma posição privilegiada frente a um grande número de pessoas que não desfrutam do mérito de “estar à frente”, “ser diferente”, “ser culto”.

Percebe-se que SA1 traz em seu dizer “*eu não sou obrigada*”, a ideologia da auto-suficiência que o faz acreditar numa falsa liberdade de escolha, numa ilusão de independência, de autonomia, de dono das suas vontades e decisões. Ao afirmar a sua “não” obrigatoriedade em usar a língua inglesa, SA1 acaba revelando no contexto enunciativo em que se encontra inserido, o não dito, porém subentendido, de que existe uma cobrança interior/exterior, uma exigência, uma insatisfação por “não ser” suficientemente proficiente neste idioma. Sabemos que, no Brasil, o conhecimento da língua inglesa, nos dias de hoje, faz-se necessário para muito além das implicações sociais, como a crescente concorrência no mercado de trabalho e a exigência do domínio tecnológico. Sua utilização, através de um amplo empréstimo lingüístico, é observada em adesivos, roupas, marcas de carros, casas comerciais, produtos importados. Isso aponta, no discurso de SA1, para uma suposta “obrigatoriedade” em conhecer a língua do outro, essa língua que, segundo Coracini (2007), impede o sujeito

de ocupar um lugar confortável no grupo a que pertence, perturba o sentimento de pertença, de identidade, que, embora ilusoriamente, todo sujeito constrói para si, a partir do olhar do outro com quem se relaciona. (p.140)

A nosso ver, o discurso de SA1 revela o desejo imperceptível do outro, do estrangeiro, daquilo que nos constitui pela sua superioridade, pela valorização e reconhecimento em níveis mundiais, considerando, a partir de Bhabha (1998, p. 76), que, “é sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo é articulado”. Relacionando isso ao nosso trabalho, é possível compreender que é na competência lingüística que o sujeito-aprendiz de língua inglesa busca silenciar a “*preocupação maior*”, insistente, perturbadora que o acompanha e marca uma relação de desejo a partir da imagem que se tem do outro e de si mesmo, numa sociedade regida pelas relações de poder.

Dessas reflexões, visto que o sujeito é heterogêneo, fragmentado, incompleto, o que temos, então, são “ilusões de identidades” que se constroem no imaginário (CORACINI, 2007), nas imagens resultantes das projeções do sujeito em função de uma posição que poderá assumir, a partir do conhecimento da língua inglesa. Daí, o discurso do sujeito-aprendiz, atravessado pelas formações imaginárias, remeter à proficiência na língua inglesa como fato determinante para se viver em uma sociedade pós-moderna, num mundo envolvido pelo processo da globalização.

Faz-se perceptível, ao enunciar “*aprender mesmo esta língua que eu odeio / entre aspas*”, que SA1 afirma o desejo de possuir um conhecimento mais profundo e invoca um

saber atravessado pela ideologia do poder, no entanto, conforme afirma Coracini (2007, p. 154), “é sempre o desejo do outro, desejo de plenitude que mobiliza o amor ou o ódio, a aprendizagem ou a resistência a uma dada língua”. Nisso, podemos observar que a manifestação de desamor, “*odeio*”, revela que SA1 reconhece que a língua inglesa o destitui da completude idealizada, exige adaptações, mudanças, enfim, provoca desestabilidade na identidade desse sujeito. Seu aprendizado para SA1, parece ter um caráter irrevogável, “*aprender mesmo esta língua*”, como sendo o único caminho, escolha, decisão a ser tomada para se valer dos benefícios proporcionados pelo aprendizado da língua inglesa, como forma de inclusão social e profissional. Dito em outras palavras, SA1 odeia porque não sabê-la significa não fazer parte deste jogo discursivo. Atribui-se à língua um poder infinito de vida ou morte para o sujeito. Por isso, SA1 odeia tanto a língua inglesa, pois não tem escolha.

Evidencia-se no dizer de SA1, uma estreita relação entre ódio e amor, uma mistura de sentimentos que se confundem e revelam a ilusão da legitimação da existência do sujeito-aprendiz, por meio da língua inglesa. Podemos dizer que tal inscrição do sujeito na e pela linguagem “pode também ser vivida como exclusão, no caso das crises de identidade quando não se é reconhecido (pelo outro) em um dado grupo” (CORACINI, 2007, p. 51). Nesse sentido, sendo a ‘língua do poder’, língua relacionada à característica comum dos que alcançaram o sucesso, conquistaram a competência lingüística em outro idioma, é possível afirmar que a língua inglesa exerce influência na constituição da identidade do sujeito que procura ocupar uma posição confortável frente ao grupo a que pertence.

Vivendo numa época de incessantes criações, inovações, transformações, principalmente, tecnológicas, e, considerando, sobretudo, a heterogeneidade constitutiva do sujeito, observamos, no discurso de SA1, que a identidade do sujeito pós-moderno, em meio às pressões de ordem social, política, cultural, encontra-se em constante redefinição provocada, em grande parte, pelas mudanças oriundas da supremacia dos Estados Unidos no mundo. Portanto, o domínio americano vai além das forças militares, revelando-se, essencialmente, por meio da língua inglesa que desperta o desejo de identificação com o país símbolo de poder político e econômico. Através deste idioma, o sujeito-aprendiz procura preencher a falta, o anonimato, o descrédito, o sentimento de inferioridade que, geralmente, atravessa as nações em desenvolvimento. Instaure-se aí, o conflito identitário gerado pela necessidade imposta pelo atual momento histórico que instiga, cada vez mais, a inserção na cultura do outro, a substituição de valores, mudanças comportamentais e, conseqüentemente, instabilidade na identidade do sujeito que procura, neste contexto global, o papel de protagonista da sua história.

Disso decorre que, o sujeito-aprendiz, parece procurar por meio do aprendizado da língua inglesa a garantia de êxito nos empreendimentos, pessoais e profissionais, como forma de atender às reais necessidades que se fazem presentes em vários segmentos da sociedade ou como um gesto de antecipação para um futuro incerto e imprevisível.

A nosso ver, “*entre aspas*” aponta para o interdiscurso, ou seja, é como se ela ao perceber que o verbo “*odeio*” vazou, só lhe resta, agora, modalizá-lo. Disso, podemos considerar que o ódio confessado por SA1 pela língua inglesa não está relacionado ao idioma em si, mas à “obrigação” em falar ou entender esta língua, ao desejo de ocupar o lugar do outro, de preencher a lacuna vazia representada pelo língua do outro, de assumir uma posição superior através da proficiência nesse idioma e, assim, assumir o lugar de poder, supostamente, garantido pelo saber. Isso nos leva a perceber que, ao apresentar os fatores de sua não motivação em aprender a língua inglesa, “*eu não gosto / eu nunca gostei / acho que por isso eu tenho muita dificuldade em aprender*”, SA1 revela um imbricamento de elementos - ódio/amor, desejo/negação, obrigação/liberdade -, ligados ao desejo do diferente, do estranho, do desconhecido, daquilo que eu não sou, mas que eu gostaria de ser, ao imaginário que se tem do estrangeiro e que atravessa de modo constitutivo a sua identidade.

Como se pode notar, nos dois recortes discursivos, o discurso de SA1 é marcado incisivamente pela regularidade lingüístico-discursiva da negação que, de acordo com Eckert-Hoff (2004, p. 110), “funciona como um mecanismo de defesa e de confissão”. Sendo assim, a denegação revela diferentes vozes que constituem um dizer dissimulado, oculto à vista, mas que afirma na interdiscursividade, o que está sendo reprimido, sufocado, censurado e que, ainda de acordo com Eckert-Hoff (ibidem, p.113), “marca a materialização de um movimento contraditório de identificação entre o ser e o não ser, entre o fazer e o não fazer”. Dessa perspectiva, entendemos que a negação no discurso de SA1, funciona como uma pista que nos incita a rastrear a materialidade discursiva para melhor compreendermos a relação que o sujeito-aprendiz estabelece com a língua inglesa e suas implicações na constituição identitária desse sujeito. Ao enunciar, pela negação, “*eu não sou obrigada*”, “*não necessito*”, “*não preciso*”, percebemos o caráter heterogêneo do discurso de SA1 revelando a presença de outras vozes, da mídia, da tecnologia operante, da sociedade globalizada, pois ao negar, SA1 está auto-afirmando a sua dependência em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Nesse sentido, compreendemos que o discurso de SA1 apresenta um sujeito que sofre as coerções de uma formação ideológica, e por isto, assujeitado pela formação discursiva em que este dizer está inserido, segundo afirma Eckert-Hoff (ibidem, p. 114), “dizer o que não somos, significa também dizer o que somos, já que somos um pouco daquilo que negamos”.

Nisto, podemos perceber o conflito que se instaura no discurso de SA1, pois ao mesmo tempo em que afirma “*eu acho isto um absurdo*”, reconhece na expressão “*mas quer dizer*”, que algo foge ao seu controle, independe de uma aceitação pessoal, individual. Esta expressão explicativa nos leva à compreensão de que o discurso de SA1 está inserido em condições de produção determinadas pelo momento histórico-social em que vivemos, imerso nas exigências ditadas pelo movimento da globalização e na necessidade de cada vez mais se inserir neste processo para se projetar em âmbito mundial.

Neste contexto, entendemos que o discurso de SA1, dividido entre a indignação e a obediência, nos revela e traz à tona a fragilidade e impotência frente ao poder avassalador da língua inglesa no Brasil e no mundo. Fragilidade essa que aliada ao desejo de não se submeter a uma super-potência como os Estados Unidos, parece permanecer viva e presente na memória do povo brasileiro. Isso nos remete, historicamente, a um passado de exploração realizada pela colônia portuguesa e de valorização da cultura europeia em detrimento da cultura nacional. Nesse sentido, trazemos, dos estudos feitos por Coracini (2007), a seguinte constatação:

o estrangeiro permanece no imaginário do brasileiro como o explorador, o indesejável, aquele que se gostaria de esquecer, de banir, porque perturba, exhibe a própria fragilidade indesejada, mas que está aí, no inconsciente, na memória, reminiscências de um passado esquecido, mas que se faz presente o tempo todo no inconsciente, que pode manifestar em “ressentimento” ou numa certa implicância que o leva a ressaltar os defeitos dos outros, suas falhas e sofrimentos, na busca de um consolo para o seu próprio sentimento de inferioridade; e esse ressentimento ou essa implicância o faz viver, dá sentido à sua existência e lhe imprime um sentimento de identidade. (p. 76)

A reflexão acima, correlacionada ao discurso de SA1, resgata na memória e na história a constante presença estrangeira no território brasileiro. Primeiramente, a dependência do Brasil em relação à corte portuguesa, que explorava não somente o território brasileiro com suas riquezas, como também os povos indígenas que aqui viviam. Esse sistema dominante deu origem à subordinação econômica, política e cultural à Europa, passando mais tarde das mãos dos portugueses diretamente para as mãos americanas. Isso nos leva a compreender a relação conflituosa que se evidencia no discurso do sujeito-aprendiz de língua inglesa. A insegurança e desconfiança manifestada no discurso de SA1 podem estar relacionadas a um sentimento de ausência de identidade em função do imaginário que se tem do estrangeiro desde o início da história do Brasil como o explorador, aquele que aproveita, que impõe sua língua, sua cultura sobre os demais países e provoca um sentimento de inferioridade e incapacidade, influenciando, assim, a construção identitária desse sujeito. Isso pode incitar certa atitude de rejeição pela língua inglesa, uma sensação de desconforto provocada pela

instabilidade e insegurança que se tem vivido ao longo dos anos. Essa situação mexe com a imaginária solidificação da identidade do sujeito que se vê na emergência de inserir-se, por meio da língua inglesa, num contexto de globalização, para atender às demandas de um mercado competitivo e aberto para as transações internacionais.

Sendo assim, é possível verificar, conforme consta da hipótese inicial deste trabalho, que a construção da identidade do sujeito-aprendiz se refaz, continuamente, em virtude das constantes renegociações necessárias para sua sobrevivência profissional, em meio a uma crescente inserção na cultura do outro e aos conflitos que nascem das exigências das habilidades lingüísticas. Porém, verificamos por meio da análise dos recortes discursivos de SA1 que, nas suas escolhas e nas não escolhas, percebe-se o assujeitamento ao contexto global. O sujeito acredita, imaginariamente, possuir domínio sobre seus desejos e decidir, deliberadamente, sobre a sua participação ou não nos diversos elementos globais que envolvem vários segmentos da sociedade.

Considerando que os sentidos produzidos pelo discurso não estão nas palavras, mas são originados no interior da situação em que o mesmo é produzido, passamos para a análise dos recortes discursivos de SA2, que nos remetem às relações conflituosas que emergem da relação imaginária de “poder-saber”.

Recorte 1 – SA2³⁴

Eu acho que sim / mesmo em questão do poderio econômico / da força que eles têm / da força militar / você vê que o que eles estão fazendo no oriente médio / repressão / as guerras / as invasões / eles estão dominando tudo // O inglês é mundial / né / o inglês é mundial / não sei se talvez porque as duas maiores potências do mundo falam inglês / tanto os Estados Unidos / como a Inglaterra / eu acho que talvez seja por isso // as relações comerciais deles são muito forte / eles nunca se rebaixaram a outra língua // porque o brasileiro / ele / a primeira coisa que ele faz é tentar estudar / tentar aprender o inglês / é tentar falar o inglês / pra ele estar se comunicando com outras pessoas / agora o americano não // ele fala a língua dele / quem quiser comunicar com ele que aprenda // eu acho que uma questão de patriotismo esse amor que eles têm pela língua deles

Recorte 2³⁵

³⁴ SA2 responde à seguinte pergunta:

Recorte 1 – Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

³⁵ SA2 responde às seguintes perguntas:

Com certeza / tanto é que já perdi emprego por causa do inglês

Recorte 3

Já / já precisei de inglês pra concorrer a uma vaga de trabalho [...] quem não soubesse inglês não podia nem concorrer [...] eu não pude concorrer por causa disso

Recorte 4

Eu decidi estudar inglês pela necessidade / vigência do mercado mesmo / tanto nas questões de entrevista / uma vaga na Cenibra / por exemplo // e mesmo que o meu objetivo hoje é o ingresso no curso de mestrado que exige pelo menos uma leitura adequada em inglês

Os dizeres de SA2, no recorte discursivo 1, “*porque o brasileiro / ele / a primeira coisa que ele faz é tentar estudar / tentar aprender o inglês / é tentar falar o inglês*”, a nosso ver, apontam para sentidos diferentes que buscamos analisar. Primeiramente, seu discurso reforça a idéia estereotipada do povo brasileiro que tem sido formada ao longo dos anos, ligada à subserviência, passividade, mansidão, obediência. Nesse sentido, a imagem que se tem é de negatividade, marcada pela submissão e, frequentemente, assumida como verdade no imaginário do brasileiro.

Desenvolvendo essa análise, acreditamos que as regularidades discursivas de SA2, “*tentar estudar / tentar aprender / tentar falar*”, revelam, na interdiscursividade, as características próprias do povo brasileiro, que foram desenvolvidas como meio de sobrevivência frente às inúmeras crises econômicas e políticas já enfrentadas. SA2 evidencia no seu discurso um dizer marcado pela atual situação histórico-social que atravessa o país, imerso em uma nova realidade que exige adaptações ao contínuo processo de transformações e mudanças que vêm acontecendo nas sociedades pós-modernas, processo este marcado pela globalização, haja vista que estamos na era da informação, da velocidade, do processamento imediato e da instabilidade. Disso decorre, “a liberdade global de movimentos indicando promoção social, progresso e sucesso, e a imobilidade exalando o odor repugnante da derrota, da vida fracassada e do atraso” (BAUMAN, 1998/1999, p. 129). Dessa perspectiva, do global versus o local, temos que o aprendizado da língua inglesa em tempos de globalização se faz

Recorte 2 – Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho?

Recorte 3 – Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Recorte 4 – Por que você decidiu estudar a língua inglesa?

mediante extrema necessidade em atender às expectativas de um mercado inovador, flexível, exigente. Isso simboliza para o sujeito-aprendiz ‘promoção social’, sendo essas características próprias dos atuais padrões globais. No entanto, ao mesmo tempo em que o sujeito, ilusoriamente, se imagina livre, graças à eliminação das barreiras geográficas, proporcionada pelas inovações tecnológicas, que tornam as pessoas mais próximas, mais “perto” da suas realizações, encontra-se, também, devido às inúmeras exigências advindas com a globalização, afastado, deslocado, “longe” daquilo que poderia simbolizar progresso, sucesso, ou seja, o outro lado, resultando ‘segregação social’.

Outro sentido, que observamos na discursividade de SA2, está relacionado ao discurso da “verdade” criado em torno do estrangeiro e da sua auto-suficiência. Ao anunciar, “*agora / o americano não // ele fala à língua dele*”, SA2 revela a representação imaginária que fazemos do outro, a ilusão que se instaura no sujeito em reconhecer no estrangeiro, naquele que é diferente de mim, o melhor, o desejado. Sendo assim, entendemos que a disseminação da língua inglesa e, conseqüentemente, sua ampla utilização como veículo de comunicação entre diferentes povos, faz desse idioma, na atualidade, o centro, o foco, a excelência e sugere, no discurso de SA2, a superioridade daquele que fala a “*língua dele*”, referindo-se ao povo americano.

Acreditamos ainda que, possivelmente, os motivos de SA2 ao revelar a sua indignação pelo suposto menosprezo do americano em relação ao interesse pelo aprendizado de outras línguas, compactua-se com as idéias apresentadas por Biplan (2005) no que diz respeito à predominância da língua inglesa nas relações comerciais e na posição confortável assumida pelos americanos. Segundo este autor, “eles não fariam o esforço de falar a língua dos outros”(p. 133). A esse respeito, garante Le Breton (2005, p. 12), “aquele que se exprime em sua língua materna desfruta uma séria vantagem sobre aquele que é obrigado a se exprimir em uma língua que lhe é estranha”. Presencia-se aí, a questão do poder que uma língua de grande difusão, como a língua inglesa, desempenha nas sociedades atuais. Imposta a diferentes povos para a subsistência econômica, política e cultural seu conhecimento é justificado, principalmente, nas questões comerciais, como forma de enfrentar os desafios e tentar diminuir o grau de dificuldade existente numa relação marcada pela diferença. Nota-se, também que, ao afirmar que o americano “*fala a língua dele*”, SA2 problematiza a questão de uma suposta “preocupação” do brasileiro em aprender a língua do outro. Isso, inevitavelmente, remete à construção das representações, constituição da imagem idealizada de superioridade e sucesso do povo americano em oposição à imagem de inferioridade do povo brasileiro. A utilização do pronome possessivo “*dele*” aponta, também, para a questão

do pertencimento de que nos fala Coracini (2007), visto que o sujeito constrói a sua identidade numa ilusão de pertencimento a um grupo, uma língua.

Dessa perspectiva, podemos observar que SA2 revela em seu discurso acreditar na possibilidade da língua como objeto de pertencimento a uma nação, “*língua dele*”, e se esquece, conforme afirma Rajagopalan (2005, p. 151), de que “a língua inglesa que circula no mundo, que serve como meio de comunicação entre os diferentes povos do mundo de hoje, não pode ser confundida como a língua que se fala nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou onde quer que seja”, mas uma língua de domínio internacional, na medida em que se propõe estabelecer comunicação global entre as nações. Mas, por outro lado, exatamente, por ser uma língua do domínio mundial, do poder, da influência, da posição privilegiada, ocupada, ainda, por um pequeno grupo, acreditamos que o discurso de SA2 mostra uma tentativa de distanciamento, de não pertencimento a esse grupo, de auto-exclusão e não aceitação das imposições lingüísticas subjacentes a uma língua que provoca sentimentos conflituosos e de desconforto, considerando a relação de dependência econômica, política que liga o Brasil aos Estados Unidos há muitos anos. Através da exposição e inserção na língua “dele” uma série de fatores sociais, culturais passam, também, a exercer influência direta na vida do brasileiro. Novos campos, perspectivas, desafios, precisam ser enfrentados e vencidos para que se possa conseguir sobreviver frente às pressões emergentes a cada dia e atender a flexibilidade do mercado e às exigências que parecem não cessar nunca.

Percebemos, ainda, que a questão de pertencimento é reforçada por SA2 ao enunciar “*já perdi emprego por causa do inglês*”. Mais uma vez a interferência do outro, da língua que separa e que classifica se faz presente como principal culpada, motivo maior da desclassificação de uma vaga de trabalho. É a língua que exclui, discrimina, pelo fato do sujeito não fazer parte desse grupo. Isso, conforme aponta o discurso de SA2 assinala a palavra de ordem – “inserção”, para acompanhar as transformações que emergem com o fenômeno da globalização.

Ainda, nessa mesma direção, o dizer de SA2, “*quem quiser comunicar com ele que aprenda*”, evidencia a ilusão do monolinguismo e, conseqüentemente, a falsa idéia da identidade fixa, definida, construída e acabada. SA2 retoma a ilusão de pertencimento exclusivo a uma nação, a uma cultura, a uma língua, não se dando conta de que é através da linguagem que o sujeito se constitui, pois, segundo afirma Coracini (2007, p. 48-49), “toda língua não passa de um simulacro de unidade, porque ela se constitui de outras línguas, de outras culturas”. Sendo assim, torna-se impossível, principalmente, na atual conjuntura, pensar na reclusão da língua, na auto-suficiência, sobretudo, quando a distância entre os

povos das mais longínquas terras, a partir das facilidades tecnológicas, é praticamente inexistente. Considerando, ainda, neste cenário, as grandes migrações que têm marcado as últimas décadas e que fazem surgir um novo panorama que traz, forçosamente, a fusão das línguas, resultando no “multilinguismo” como uma “norma” no mundo e não uma “exceção” (RAJAGOPALAN, 2003). Nesse sentido, em meio à ação dinâmica, viva e transformadora da linguagem, encontramos o sujeito em meio à impossibilidade da completude imaginada e desejada da sua identidade, sendo estas as características do mundo pós-moderno e da constituição do sujeito.

Os dizeres de SA2 indicam, também, que há um discurso em circulação, afirmando que, ao contrário do povo brasileiro, o americano, supostamente, pouco se interessa em aprender um outro idioma, pois “*eles nunca se rebaixaram a outra língua*”. A expressão rebaixar, ou seja, colocar-se numa relação de inferioridade, estar aquém de outra pessoa, submeter-se, aponta para um discurso bastante recorrente na nossa sociedade, qual seja, a subordinação do Brasil às demandas dos Estados Unidos. Entendemos, também, que este discurso marca a representação imaginária de SA2 em relação à língua inglesa, que, por ser considerada um símbolo de poder, parece estar, diretamente, relacionada a uma suposta autoconfiança do povo americano.

Ao encontro dessas reflexões, o discurso de SA2 nos parece denunciar uma relação marcada pelo confronto das duas línguas. SA2 revela o desejo, idealizado, de que a língua materna tivesse a mesma expressão comunicativa, o mesmo prestígio e poder que a língua inglesa. Sendo assim, ao falar sobre a “*questão de patriotismo*” dos americanos, “*esse amor que eles têm pela língua deles*”, SA2 declara o apego à sua nacionalidade, à sua língua, expressão maior de um povo, de uma cultura, que simboliza, também, as relações de força e de poder.

Nessa mesma direção, os dizeres de SA2 “*o americano não // ele fala a língua dele / quem quiser comunicar com ele que aprenda*”, vai ao encontro do que descreve Lopez & Estrada (2005, p. 56), ao afirmar categoricamente, “os Estados Unidos são unanimemente reconhecidos como uma das nações do mundo menos bilíngües, que apresenta a menor diversidade lingüística” e, ainda, segundo os mesmos autores, “o monolinguismo americano está em nítido contraste com o resto do mundo” (ibidem, p.57). A partir dessas informações trazemos, para nossos estudos, os questionamentos de Coracini (2007, p. 137), “existiria realmente uma língua à qual poderia ser atribuído o possessivo “*nossa*”?”. No caso deste estudo, principalmente, por se tratar da língua inglesa, considerando toda a sua abrangência universal, caberia conferir a condição “*deles*” a esse idioma? A esse respeito escreve

Rajagopalan (2005, p. 153), atribuindo à língua inglesa a condição de “commodity”, termo inglês usado para um produto que pode ser negociado. No mesmo sentido, afirma Coracini (2007),

qualquer língua é fragmentada, híbrida, constituída de outras – línguas, culturas, ideologias – tão fragmentadas quanto o sujeito (da linguagem, que busca em vão a completude, sua e da “sua língua”, porque se percebe incompleto, falho assim como homogêneo (ou assim desejaria ser), mas se flagra na heterogeneidade. (p. 145)

Outro aspecto que pode resultar num sentimento conflituoso em relação à língua inglesa pode estar relacionado à dificuldade encontrada em desenvolver proficiência neste idioma, como atesta o dizer de SA2 nas repetições como: “*tentar estudar / tentar aprender o inglês / é tentar falar o inglês*”. Sob esse mesmo enfoque, observamos no recorte 3 que os dizeres de SA2, “*Já / já precisei de inglês pra concorrer a uma vaga de trabalho / quem não soubesse inglês não podia nem concorrer*”, nos remetem à forma árdua com que grande parte dos brasileiros aprendem a língua inglesa, geralmente, em meio às circunstâncias de necessidades, “*eu decidi estudar inglês pela necessidade / vigência do mercado mesmo*”, recorte 4. Conforme assinalamos na hipótese inicial deste trabalho, podemos perceber que o discurso de SA2 revela que o aprendizado da língua inglesa encontra-se, intrinsecamente, relacionado às necessidades e pressões frente às demandas de uma sociedade em tempos de globalização. Portanto, seu conhecimento, nos dias de hoje, suplanta uma necessidade esporádica e demarca uma época de emergentes adaptações, sendo que a não inserção neste novo espaço poderá implicar exclusão e prejuízos profissionais como enunciado no recorte 2, “*já perdi emprego por causa do inglês*”.

Em função das análises desenvolvidas, entendemos que o discurso de SA2 problematiza a questão da ilusão da completude identitária do sujeito e, do imaginário pertencimento da língua como objeto de domínio de um povo. Conforme reflete Coracini (2007),

sendo “a monolíngua do outro”, a língua estrangeira é a língua do desejo e do preenchimento da falta que constitui o sujeito, portanto, é a língua que veicula a promessa da totalidade que parece conduzir à inteireza, fixação e estabilidade tão desejada da identidade que nos colocariam, ilusoriamente, numa relação de semelhança uns com os outros e pertencentes ao mesmo grupo social. (p. 142)

Focalizamos, nas nossas análises, uma outra regularidade discursiva que se evidenciou nos dizeres de SA2 ao fazer uso da modalização “*eu acho que*”. O emprego desta modalidade nos remete, a princípio, à expectativa do modo pessoal de ver do enunciador sobre determinado assunto, mas, no entanto, reconhecemos nessa modalidade o lugar da manifestação da voz do outro, da “interpretação”, que segundo Orlandi (1999/2005, p. 59),

consiste na “manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos”. Isso nos permite afirmar que, no momento em que enuncia, “*eu acho que sim*”, “*eu acho que talvez*”, “*eu acho que uma questão*”, sob a ilusão de que o dizer lhe pertence, SA2 confessa a completude idealizada do sujeito e se reconhece como singular, ainda que, conforme podemos observar, atravessado pelos discursos político-sociais, “*questão do poderio econômico / da força que eles têm / da força militar*”, que marcam o momento histórico em que vivemos.

Não se pode deixar de refletir sobre a distância que se verifica nos dizeres de SA2 ao usar, sistematicamente, o pronome na terceira pessoa para se referir ao povo brasileiro, “*o brasileiro / ele / a primeira coisa que ele faz [...] pra ele estar se comunicando com outras pessoas*”. Isso, em certa medida, revela um sujeito que acredita na possibilidade de dissociação entre o eu e o outro. Essa impossibilidade é constatada, nos estudos de Coracini (2007, p, 49), quando afirma que somos “sempre ditos pelo outro, pelo olhar do outro que se faz verdade”. Assim, nos parece que SA2 procurar eximir, afastar, negar a própria carência e o seu desejo do outro, suas necessidades e dependências em relação à língua do outro. A nosso ver, SA2 busca isentar-se de uma suposta traição à língua materna ao se dispor aprender a língua outra, e, com isto, contribuir para a legitimação da supremacia dos Estados Unidos e da língua inglesa sobre os demais países.

Podemos depreender, a partir das análises deste item, que a língua inglesa fortalecida pelo advento da globalização, ocupa uma posição inevitável na vida do sujeito-aprendiz, fazendo com que o mesmo busque renovar-se continuamente no intuito de atender as exigências de um mercado globalizado, muito embora, isso aconteça em meio a incessantes conflitos.

No próximo item, nosso gesto de interpretação, busca revelar os conflitos que surgem da relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa e investigar o espaço “global” conquistado pela língua inglesa, em meio às transformações provocadas pela globalização.

2.2 A língua inglesa no espaço “Global”

Para alguns globalização é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. (Bauman)

Recorte 1 – SA3³⁶

Olha / eu vejo a globalização no Brasil no primeiro momento / é que nós temos que ter hoje o sentimento / é / moramos no Brasil / mas temos que sentir que nós moramos no mundo / entendeu? / falamos o português em casa quando nós temos que assimilar os conhecimentos que o mundo tem / outros idiomas / outras línguas / conhecer outros produtos / nossa mente precisa ser aberta pra morar no país globalizado / conforme está o Brasil // isso tem trago muita dificuldade pra quem não está preparado / quem não está preparado está sofrendo muito // as emergências do país globalizado / a primeira coisa é falar um idioma mundial / certo? / primeiro você tem que falar / isso / se não falar você fica praticamente é / confinado [...] e você vê que quem / quem consegue falar outro idioma / por exemplo / ele tem acesso a empregos melhores // dentro de uma organização / se você é uma pessoa que fala inglês você tem oportunidade para viajar para o exterior // por tudo isso você vê o país dentro da globalização // há aquelas pessoas que estão / é navegando / né? / melhores / porque abriram a cabeça para os idiomas / para os novos produtos que chegaram pelas novas tecnologias / e / têm os outros que simplesmente rejeitaram / isso / não quer / vão ficar a margem / é o que eu penso

Como podemos observar no discurso de SA3, existe, no Brasil, uma crescente demanda pelo aprendizado de um idioma mundial e, conseqüentemente, a busca pelas competências lingüísticas inerentes a ele, “a primeira coisa é falar um idioma mundial / primeiro você tem que falar”. Esse idioma, conforme apontam os estudos de autores, como Bauman (1998/1999), Rajagopalan (2005) é, inquestionavelmente, a língua inglesa.

A partir dessas constatações, entendemos que os dizeres de SA3 estão intrinsecamente relacionados às emergentes circunstâncias que impulsionam o sujeito-aprendiz a buscar um lugar de destaque e/ou de reconhecimento, ainda que imaginário, por meio do domínio da língua inglesa num mundo globalizado: “nós temos que ter hoje o sentimento”. Entendemos, ainda, que o uso da palavra “sentimento” para SA3 se opõe a “certeza”, haja vista as dificuldades enfrentadas “pra quem não está preparado” para este novo momento. Nesse dizer de SA3, a primazia da língua inglesa e a necessidade imediata são enfatizadas pelo uso

³⁶ SA3 é questionado sobre o processo de globalização no Brasil e sobre os efeitos deste fenômeno na vida dos brasileiros.

de “*primeira*”, “*primeiro*” que caracteriza, a nosso ver, a posição notável dessa língua, que precede às outras relativamente ao tempo, ao lugar ocupado e à categoria.

Nesse sentido, observamos, no dizer de SA3 “*vão ficar a margem*”, que surge, novamente, a oposição “global” versus “local”. O manter-se “local”, à margem da globalização, do lado de fora dos acontecimentos mundiais, pode significar prejuízo social, pois o processo de globalização impõe de forma sutil um sistema cada vez mais envolvente de normalização, pertencimento, exclusão, classificação. Estas condições, associadas a um sistema de representação, faz com que as identidades do sujeito, no mundo globalizado, sejam construídas a partir da idéia de “tornar-se” em oposição ao ser. Isso, é possível verificar nas diversas vezes em que SA3 usa a expressão “*nós temos*”, revelando a busca pelas identificações que sinalizam o pertencimento a um grupo que procura acompanhar as tendências, os movimentos indicativos de inclusão social e cultural. Tornar-se globalizado, tornar-se aceito em um grupo, tornar-se destaque em uma empresa, tornar-se usuário das novas e inesgotáveis tecnologias, caracterizam a pluralidade da vida moderna, considerando que nos dias de hoje não ser globalizado, segundo Bauman (1998/1999, p. 8), “é sinal de privação e degradação social”.

Essa busca pela inserção social e cultural nos leva a pensar, então, que possa ser uma tentativa de diluir a diferença existente no seio da sociedade, que separa os seus membros classificando-os de acordo com sistemas de pertencimentos diversos, como a roupa ou o calçado usado, a participação em comunidades virtuais, a preferência musical e cinematográfica, o domínio de um segundo idioma, portanto, convenções sociais que estabelecem fronteiras simbólicas e ditam o que é aceito e o que se exclui dentro de uma prática cultural e social. A partir dessa reflexão, retomando nosso objeto de estudo, a língua inglesa, acreditamos que nascem daí as relações de poder existentes num contexto social. O sujeito procura ocupar na sociedade uma posição, imaginária, de prestígio por meio do aprendizado desse idioma.

Outro aspecto que nos chama a atenção no discurso de SA3 está, também, relacionado à questão do pertencimento. Ao mencionar a possibilidade de ficar “*à margem*”, ou seja, marginalizado, excluído, do lado de fora de uma sociedade transformada pelas mudanças globais e construída, principalmente, a partir das diferenças, SA3 retoma a questão da necessidade do sujeito em se adaptar às mudanças deste século que perturbam a tão desejada estabilidade identitária. Dessa perspectiva, podemos dizer, em conformidade com Bauman (2004/2005), que o rompimento das barreiras geográficas, comerciais, culturais, lingüísticas se tornou um paradoxo, pois, para alguns é sinônimo de “liberdade” e de união, mas, por

outro lado, um “destino indesejável e cruel” (p. 8). Nesse sentido, a identidade lingüística do cidadão do mundo globalizado, também, vulnerável às influências estrangeiras, se encontra, conforme afirma Rajagopalan (2003, p. 61), “rasgada ao meio pelas forças de submissão ao poder avassalador da influência estrangeira (representada pela língua inglesa)”. Nesse contexto, compreendemos o discurso de SA3 como um processo, através da língua inglesa, de redefinição identitária. No entanto, acreditamos que este processo é, inevitavelmente, frustrado devido à natureza instável da língua e, conseqüentemente, da identidade, pois, ambas, são vistas como “ ‘contingente’ – isto é, como o produto de uma intersecção de diferentes componentes” que emergem em “momentos históricos particulares” (WOODWARD, 1997/2000, p. 38).

Novamente, a idéia de pertencimento é evocada por SA3 ao mencionar a condição de confinamento daquele que não fala a língua inglesa. Nesse caso, a expressão, “*confinado*”, remete aos limites impostos ao sujeito que não está sensível às mudanças sociais. Estando com seu espaço restringido pelas exigências globais, o sujeito é, obviamente, intimado a inserir-se nesse movimento em que a única certeza que se tem é o “destino irremediável do mundo” em permanente mudança, “um processo irreversível” (BAUMAN, 1998/1999) que exerce influência direta a todos os povos. Nessa direção, entendemos que a relação do sujeito-aprendiz de língua inglesa se dá em meio a uma circunstância que impõe o seu aprendizado como elemento indispensável para acompanhar as evoluções inerentes ao século e assumir novas posições, exigidas por uma sociedade em ritmo de globalização.

Essa questão de pertencimento pode ser verificada, ainda, no seguinte recorte discursivo de SA2 ao ser questionado, também, sobre o fenômeno da globalização e seus efeitos sobre a vida dos brasileiros.

Eu acho que a globalização é um fenômeno mundial né? / então / acho que o brasileiro está sendo afetado nisso / porque na verdade ele está tendo que se aperfeiçoar profissionalmente / ele está tendo que aprender outras línguas / ele está tendo que melhorar o produto que fabrica / ele está tendo que melhorar sempre

Percebemos, no discurso de SA2, a forte eminência do processo de globalização. Seu dizer é perpassado pela idéia do global e nos instiga, novamente, a retomar as reflexões acerca desse “*fenômeno mundial*”. Nota-se que seu discurso é fortemente marcado pela imposição do momento em que o país busca uma maior integração social e política, inserido num mercado determinado pelas inovações tecnológicas e num mundo denominado de “aldeia-global”. Acreditamos, considerando os dizeres de SA2, que esse sujeito, vivendo num “*país*

dentro da globalização”, se encontra receptivo às influências discursivas de interação e integração, que geram e estimulam, na sociedade, um discurso ideológico, de extrema e inadiável necessidade de adaptação desses novos mecanismos de ascensão sócio-cultural.

O discurso de SA3, *“o brasileiro está sendo afetado”*, *“está tendo que se aperfeiçoar”*, nos remete para a questão da ideologia que atravessa os dizeres do sujeito e se solidifica na medida em que faz veicular na sociedade uma sucessão de argumentos, que passam a constituir uma verdade concebida. Em relação a isso, conforme podemos observar nos dizeres de SA3, veicula na sociedade brasileira certa verdade pré-determinada da língua inglesa como requisito indispensável para a sobrevivência numa era globalizada. Seu caráter imprescindível é fundamentado nas questões de ordem econômica, política e cultural. Retomamos, aqui, a hipótese de que o sujeito-aprendiz sente-se pressionado a inserir-se no aprendizado da língua inglesa, considerando, principalmente, o contexto da globalização. Ao afirmar que o brasileiro *“está tendo que aprender outras línguas”*, SA3 evidencia o imaginário construído de que o fato de não falar inglês possa esgotar todas as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Nesse sentido, a materialidade linguística do discurso de SA2, *“está tendo que se aperfeiçoar”*, *“está tendo que aprender”*, *“está tendo que melhorar”* e, por isto, *“está sendo afetado”*, deixa revelar que as imposições advindas da globalização acontecem de forma progressiva, contínua, permanente, sob constante controle e submissão. Isso parece contribuir para assegurar com êxito a posição do inglês como língua indispensável para obtenção do sucesso. Acreditamos, pois, que muitas vezes essa verdade se torna, para o sujeito-aprendiz de língua inglesa, o elemento determinante e impulsionador na busca da realização pessoal e profissional, a chave alavancadora do progresso e o passaporte para o sucesso.

Porém, a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa, conforme podemos retomar dos dizeres de SA1, *“a minha vontade é não fazer inglês / eu não gosto / eu nunca gostei”*, nem sempre é amistosa e parece provocar desestabilizações na identidade desse sujeito. Em meio a sentimentos conflituosos, encontramos o sujeito-aprendiz, ora imerso no desejo de pertencimento proporcionado pela língua outra, *“o principal vai ser o inglês”*, ora numa posição hostil perante a submissão imposta pelo poder desse idioma, *“aprender mesmo esta língua que eu odeio”*.

O discurso de SA2, *“ele está tendo que melhorar sempre”*, e de SA3, *“assimilar os conhecimentos que o mundo tem / outros idiomas / outras línguas”*, nos leva a compreender que a preocupação com as mudanças lingüísticas surgidas nos últimos anos, como resultado da globalização, não se restringe somente à língua inglesa. Tendo em vista a abertura do mercado econômico e as facilidades proporcionadas para os propósitos de comunicação em

realizações comerciais, cresce o interesse por “*outros idiomas*”, “*outras línguas*” como o espanhol, a segunda língua mais estudada no Brasil, depois do inglês³⁷, e o francês, idioma que, particularmente, foi amplamente utilizado nas relações comerciais da empresa Acesita S.A por ocasião da participação majoritária da Usinor - grupo siderúrgico francês. Essas mudanças têm levado o sujeito-aprendiz a se inserir em novos contextos, buscar aprender novos idiomas como forma de atender às exigências globais. Acreditamos que esse possa ser um dos fatores determinantes na constituição identitária do sujeito, haja vista as influências estrangeiras, as constantes adaptações exigidas, as inserções culturais e o excesso de informações advindas dos meios de comunicação. Tudo isso, de acordo com Rajagopalan (2003, p. 59) tem feito com que a “volatilidade e instabilidade tenha se tornado as marcas registradas das identidades no mundo pós-moderno”.

Em face desse novo cenário mundial que se descortina, entendemos que o discurso de SA3, ao relacionar a língua inglesa como meio de “*acesso*” às vantagens provenientes ao seu uso “*you ver que quem / quem consegue falar outro idioma / por exemplo / ele tem acesso a empregos melhores*”, evidencia a grande disparidade existente nas sociedades de hoje que, cada vez mais, parece controlar a participação do sujeito na aldeia global. Nota-se, nesse discurso, que a língua inglesa é vista como um obstáculo que impede a participação e o ingresso do sujeito nos diversos segmentos da sociedade. Isso pode ser percebido, também, nos dizeres de SA4, “*deveria ser globalizado em todos os sentidos*”, o que nos leva a compreender que a ideologia da globalização, como processo de integração e participação, está longe do seu propósito de inclusão social. O uso do verbo “deveria” no futuro do pretérito, nos remete ao fenômeno da globalização como uma falsa promessa. Aponta, ainda, para a ilusão da verdade presente no discurso social, político, que transmite e faz acreditar numa “real” possibilidade de unificação dos povos. Isso, ideologicamente, seria possível por meio do rompimento das barreiras geográficas pelos sofisticados meios de comunicação e de tecnologia, com o uso de um mesmo idioma para os propósitos de comunicação, negociação, interação, com a possibilidade de emigração para outras terras, mas, o dizer de SA4 revela a incapacidade de realização desses propósitos humanos, frente às barreiras sociais, políticas e culturais que acabam excluindo e marginalizando.

Nesse contexto, assegura Bauman (1998/1999, p. 9) que, “uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão”. Isso, podemos observar quando SA3 afirma: “*tem os outros que simplesmente*

³⁷ Informação extraída do site <http://www.clipping.planejamento.gov.br/noticias>. Este artigo foi escrito por Ricardo Peidró Conde – Embaixador da Espanha no Brasil e publicado em “O Globo” em 17/07/2007.

rejeitaram / isso / não quer / vão ficar a margem". Disso, reconhecemos que as conseqüências sobre o sujeito-aprendiz de língua inglesa vão muito além da simples questão de se aprender ou não este idioma. A inter-relação de ordem econômica, social e cultural atravessa, contundentemente, a identidade desse sujeito que, em meio às pressões impostas para se viver no mundo atual, assume diferentes identidades geradas por conflitos e tensões.

Sabemos que o advento da chamada "globalização" provocou um abalo, um deslocamento na realidade social brasileira, como vimos no discurso de SA3, "*muita dificuldade pra quem não está preparado*", revelando novas necessidades de adaptações que emergem das imposições pelas quais tem vivido a sociedade, tais como inserção social por meio de bens de consumo e o aprendizado de um novo idioma. Podemos observar que, numa sociedade altamente consumista, sendo este um dos reflexos da globalização, muitas vezes, a idéia de inclusão está diretamente vinculada a de posse. Isso, é possível verificar por meio do crescente aumento de bens de consumo que cria, ainda que imaginariamente, uma forma de aceitação desse sujeito pela sociedade. Sendo assim, o celular da moda, o computador ligado à rede mundial de comunicação, o predominante uso de cartões de crédito, a escolha pelo fast-food são necessidades que foram geradas a partir do fenômeno da globalização, mas que, muitas vezes estão distantes da realidade de um país, como por exemplo o Brasil, cuja população, em uma grande parte, carece de recursos de primeira necessidade como saúde, educação, segurança e emprego.

Ainda buscando, nesse item de análise, conhecer os efeitos da globalização sobre a vida do sujeito-aprendiz, destacamos, no recorte discursivo a seguir, a questão da aplicabilidade ou não desse idioma na vida pessoal e/ou profissional.

SA4 - [...] na própria Acesita³⁸ em geral / pra cargos comuns eles pedem que tenha fluência no inglês / muito embora a atividade da pessoa não vai requerer

Acreditamos, considerando os dizeres de SA4, ser questionável o discurso que move o sujeito em direção ao absolutismo da língua inglesa. Seu caráter determinante e imprescindível é, cotidianamente, reforçado por um discurso que instaura a necessidade imediata desse idioma para as questões de ordem profissional. Entendemos, no entanto, que uma parte significativa desse discurso está relacionada às relações de força subjacente à ascensão do inglês em nível planetário. Ao fazer uso da conjunção "*embora*", a qual podemos

³⁸ Empresa da região do Vale do Aço conforme descrição no capítulo I, segunda parte.

conferir, também, o sentido de, “ainda que”, “não obstante”, “apesar de”³⁹, SA4 deixa transparecer a incerteza que acompanha o sujeito e que marca uma relação baseada na desconfiança, na incerteza, na instabilidade gerando identidades conflituosas. Sendo de fato a língua do poder, das relações exteriores, do progresso e ascensão social, podemos perceber que o sujeito-aprendiz, no contexto atual sofre, inevitavelmente, com a influência da língua inglesa, vista como objeto de desejo, de consumo, de realização pessoal e que permitirá a esse sujeito assumir uma posição não somente de destaque, mas, também de poder, de superioridade. Quando SA4 afirma que eles “*pedem*” fluência no inglês retoma, aqui, a discussão sobre o caráter indispensável desse idioma, haja vista que o não preenchimento desse requisito poderá implicar não aceitação no mercado, chances de emprego reduzidas, desprestígio profissional. Nisso vimos que, apesar de a língua inglesa ser uma solicitação e não uma exigência para uma possível contratação, evidencia-se no discurso de SA4 a realidade que atesta Rajagopalan (2005, p.17) ao afirmar que “não há nenhuma categoria humana que não se veja afetada pela universalidade da difusão da língua inglesa”. Portanto, não há como viver num mundo pós-moderno imerso nas exigências globalizadas, insensível às mudanças pelas quais tem enfrentado a sociedade.

Retomando o discurso de SA3, “*you vê o país dentro da globalização // há aquelas pessoas que estão / é navegando / né? / melhores / porque abriram a cabeça*”, podemos perceber que o processo de globalização tem seus efeitos atrelados à questão do domínio dos países sobre os demais. Etimologicamente, navegar, conforme consta no dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2001), significa “percorrer (mar, rio, [...] atmosfera ou espaço cósmico) em navio, embarcação, aeronave, ou outro veículo” (p. 482). Desses sentidos, que a palavra navegar pode ser tomada, buscamos interpretar, discursivamente, de que forma o emprego deste verbo, usado por SA3, nos remete a memória histórica em que, por meio da navegação, vários países abriram novos caminhos para suas grandes expedições e conquistas.

Sabemos que as grandes colonizações, portuguesa, espanhola, britânica, francesa, somente foram possíveis graças à expansão marítima que permitiu o deslocamento das nações de vanguarda e, conseqüentemente, a exploração e domínio de novas terras. Hoje, não muito diferente do que se viveu naquela época, mais uma vez, é preciso ser perspicaz para perceber para onde o mar corre, ou seja, as tendências mundiais. Observamos que o sujeito-aprendiz encontra-se, também, muitas vezes, como acontecia com as antigas expedições marítimas, sem um rumo certo, perdido, desorientado em meio à incerteza do futuro, mas, certamente,

³⁹ Dicionário da língua portuguesa do site http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

convencido de que se vive num período onde o constante e veloz movimento dos acontecimentos não permite ficar parado no tempo, e, é preciso navegar, traçar metas, percorrer novos caminhos, conquistar novos horizontes.

Dessas aventuras, acreditamos que seja possível fazer uma analogia entre o sujeito-aprendiz de língua inglesa e os aventureiros colonizadores, no sentido de que ambos, tomados pelo desejo do sucesso, mas, temerosos dos riscos, numa turbulência de dúvidas, mas, estimulados pela conquista, foram impulsionados pelo desenvolvimento tecnológico vigente, dentro de um determinado contexto histórico-social, a procurar, em terras outras, desconhecidas, para o sujeito-aprendiz, na língua outra, “estrangeira”, “estranha”, a realização de um ideal.

Os enunciados de SA5, analisados no próximo recorte discursivo, parecem revelar no interdiscurso, em consonância com a hipótese inicial deste trabalho, que a disseminação da língua inglesa, em níveis mundiais, provoca identidades conflituosas.

SA5⁴⁰ - [...] não tem jeito de não ouvir / né?!/ porque se você for olhar o próprio rádio / as novelas / os filmes // qualquer um tem músicas americanas [...] apesar que nem sempre a gente entende a letra mas as melodias são boas / todo mundo ouve

Ao enunciar, “*todo mundo ouve*”, SA5 traz à tona a questão da influência cultural americana sobre os demais países. Por meio de atividades de entretenimento, como as músicas e os filmes, a cultura americana imprime a generalização do gosto, da preferência, a homogeneização, pois “*não tem jeito de não ouvir*”. Isso implica imposição, ordem, exigência, a partir do momento em que esse, assujeitamento, passa a ser para o sujeito uma condição indispensável para inserir-se na globalização. É o sujeito constantemente interpelado pela indústria cultural, poderoso veículo de disseminação da língua inglesa, pela idealização do melhor, do superior pelo fato de advir da cultura do outro, moderna, atualizada, valorizada.

Nesse sentido, percebemos, no discurso de SA5, que esse dizer revela, também, o poder da mídia sobre a formação de opiniões públicas como meio fortalecedor da valorização da cultura americana e da tecnologia que opera de forma determinante sobre a sociedade brasileira, contribuindo, conforme Coracini (2007, p. 211), “fortemente para a proliferação de verdade, com base em interesses – econômicos e mercantilistas”. Em face dessa realidade, a mundialização dos produtos americanos, principalmente, com a abertura do mercado global,

⁴⁰ A seguinte pergunta foi feita à SA5: “Você ouviu músicas americanas?”

se faz presente por meio de uma série de fenômenos culturais mais ou menos interligados, como o mercado cinematográfico, a música, os meios de comunicação e a propagação da língua inglesa através da monopolização da tecnologia digital pelos Estados Unidos.

É interessante como esse mesmo efeito de sedução, “*apesar que nem sempre a gente entende a letra*”, pode ser observado no discurso de SA1 ao responder se a cultura brasileira sofre influência da cultura americana.

SA1 – As pessoas dão muito mais valor às coisas de fora do que às coisas que estão ali / só de falar assim é dos Estados Unidos / tem mais valor do que o que é nosso[...] o valor cresce

Nesse discurso, a questão da constituição identitária do sujeito pós-moderno, atravessado pela ideologia da globalização, é marcada pelas formações imaginárias que trazem consigo uma atração pelo que vem de “*fora*”, pelo diferente, pelo desconhecido, por aquilo que é do outro, e, portanto, fonte de desejo. Este processo envolve o sujeito num cenário ideal para as representações em relação a si mesmo e aos outros. Cria, também, a idealização do imaginário social que gera novas normas de condutas, estilos de vida e desperta no sujeito a idealização de inserir-se nesse novo espaço, de desfrutar dos benefícios proporcionados aos que conseguem romper as barreiras sociais e culturais. Cria-se, ainda, uma falsa impressão de unidade, estabilização, normalização para o sujeito que constrói seus sonhos e aspirações por meio de imagens que circulam o espaço social.

Tais efeitos culturais sobre as redefinições identitárias, pelas quais sofrem o sujeito no mundo contemporâneo, ganham espaço num mercado consumista que, através da construção de necessidades, promovem a homogeneização dos sentidos e faz com que o sujeito sinta-se moderno, atualizado, inserido, apto a acompanhar os progressos deste século através da aquisição de novos produtos. Sendo assim, o sujeito busca a realização, a completude, por meio da aquisição de bens de consumo que o mercado coloca como indispensável. O discurso de SA1 nos remete às vozes conflitantes originadas dessa suposta homogeneização, das imposições culturais projetadas pela mídia e, sobretudo, das desigualdades sociais visíveis entre os países. Seus dizeres revelam um discurso incidente na sociedade que, na expectativa de provocar identificações, acaba revelando a multiplicidade, a fragmentação e a instabilidade desse sujeito.

Podemos, ainda, observar, no recorte acima, a representação imaginária em relação ao estrangeiro. Ao afirmar que as pessoas “*dão muito mais valor às coisas de fora do que às coisas que estão ali*”, SA1 reforça a questão da valorização, da superioridade de um produto, estritamente, relacionada ao fato do mesmo ter sido importado de um outro país. O discurso

de SA1 veicula uma suposta “verdade” de que o que vem de fora é sempre melhor, “*tem mais valor*”, e por isto atribui-se o status de excelência da qualidade a um produto, a partir do rótulo da sua nacionalidade. Acreditamos poder correlacionar à representação ideológica acerca da superioridade da língua inglesa sobre a língua nacional, pois, sendo um “produto” estrangeiro, seu “*valor cresce*” na medida em que a sociedade “acolhe” esse discurso e “faz funcionar como verdadeiro” (FOUCAULT, 1979/2006, p. 12). Nesse discurso, a língua inglesa, bem como uma grande variedade de produtos que, cada dia mais, fazem parte vida dos brasileiros, reforçam a ideologia de inclusão, de pertencimento que nascem a partir do desejo e de uma extrema valorização por aquilo que pertence ao outro.

Nesse sentido, a identidade “fluida” do sujeito, descentrada, transformada continuamente, desestabilizada pelos efeitos globais, constitui-se a partir dos conflitos resultantes da ilusão de ter, por meio da aquisição de bens de consumo, o passaporte carimbado para a tão desejada inclusão social e cultural. Acreditamos poder incluir, aí, a língua inglesa - objeto de desejo – com seu propósito de união e integração entre os povos, pois na mesma proporção que une, também, separa, haja vista que a fixação na “localidade”, ou seja, a imobilidade, a não adesão à língua do poder, num mundo em constantes mudanças, representa “segregação social”.

Disso, conforme vimos na primeira parte deste trabalho, temos que o aprendizado da língua inglesa sempre esteve em consonância com as imposições e exigências de uma época. Hoje, o fenômeno da globalização faz emergir, incessantemente, novas necessidades, desafios, anseios que desarticulam a posição, imaginariamente, fixa do sujeito em sua “localidade”. Nesse sentido, o sujeito, por meio do aprendizado da língua inglesa, procura deslocar-se em busca do “global”, entendido como sinônimo de liberdade, flexibilidade, abertura, promoção social.

Entendemos que é preciso, no âmbito da educação, rever os vários métodos desenvolvidos para o aprendizado da língua inglesa, que foram caminhando, gradativamente, em direção às necessidades comunicativas. Um novo desafio, que a nosso ver, vai muito além das questões pedagógicas e do alcance dos métodos adotados, surge nos dias atuais, talvez em função das relações de “poder-saber” que emergem da língua inglesa, num contexto sócio-histórico que, o processo de globalização, contribui inquestionavelmente para sua ampla disseminação. Trata-se dos conflitos identitários, apontados nesta pesquisa, que irrompem em meio à imposição da língua inglesa como idioma para comunicação universal e o desejo revelado pelo sujeito-aprendiz de não se submeter às demandas externas sociais e políticas que predominam sobre os países em desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho levantamos questões acerca da (re)construção da identidade do sujeito-aprendiz de língua inglesa em meio aos permanentes desafios que rondam este século. Consideramos, aqui, o caráter heterogêneo do sujeito e do seu discurso num momento histórico-social, em que o fenômeno da “globalização” interfere incisivamente e definitivamente na vida do sujeito-aprendiz de língua inglesa, provocando desestabilizações identitárias.

Partimos do pressuposto de que esse sujeito, em seu discurso, revela-se imerso na chamada “crise de identidade”, pois, muitas vezes, a opção pelo aprendizado da língua inglesa se faz em meio às pressões existentes em vários segmentos da sociedade, como por exemplo, a abertura do mercado econômico. Objetivamos, então, a partir dos discursos produzidos pelos sujeitos-aprendizes, compreender a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa em tempos de globalização. Para isto, buscamos os pontos de identificação desse sujeito com a sua cultura e a cultura do outro, investigamos o processo de construção das identidades do sujeito-aprendiz de língua inglesa na/pela linguagem e verificamos a relação imaginária de poder do sujeito que fala a língua inglesa.

Nosso estudo mostrou que os sujeitos-aprendizes de língua inglesa, ao professarem um discurso fundado na necessidade, que esbarra, inevitavelmente, na emergência do seu aprendizado, revela sim, que vivemos, ainda que ideologicamente, submetidos a uma constante pressão, seja ela de ordem social, cultural ou econômica e que o seu aprendizado tornou-se para os brasileiros uma questão crucial de sobrevivência, ou de uma sobrevivência mais digna e aspirada por uma grande maioria da população.

Nessa medida, o discurso (re)produzido, incessantemente, no nosso país, que transmite uma suposta “obrigatoriedade” em relação à língua inglesa, conduz o sujeito-aprendiz à idéia absoluta de verdade, de realidade, de lei, e que a sua transgressão poderia acarretar uma sanção, ou seja, exclusão social e/ou profissional. Esta verdade, ligada ao sistema de poder, que a produz e apóia (FOUCAULT 1979/2006), presente nos discursos dos sujeitos-aprendizes, nos permitiu compreender que o seu posicionamento, muitas vezes repulsivo em relação à língua inglesa, não é uma simples negação ou rejeição pela língua do outro ou pelo outro, mas existe, aí, a questão de “poder-saber” que emerge das relações entre países em desenvolvimento, como o Brasil, e países que dominam a política e a economia, como os Estados Unidos. Isso gera no sujeito-aprendiz uma situação de desconforto, insegurança e

certo desejo de se desvincular da dependência que, até alguns anos atrás, estava somente nas bases financeiras, mas que, hoje, amplia-se muito além da economia e da política. O domínio americano, por meio da disseminação da língua inglesa, lança suas redes sobre os demais países, incutindo novas tendências, novos padrões de vida, diferentes necessidades e desejos que criam um jeito “americano” nas sociedades globalizadas e estereotipadas, considerando que aquilo que “*vem de fora*” tem “*mais valor*”.

Daí, constatamos que surge um antagonismo em relação à língua inglesa. Por ser um idioma mundialmente falado, que oferece novas oportunidades e abre novos caminhos é, incontestavelmente, objeto de desejo, de sedução, sinônimo de liberdade, de progresso, de poder. No entanto é, também, instrumento de opressão, pois sufoca, causa dependência e desestabiliza a identidade, imaginariamente una e fixa do sujeito. Disso encontramos, conforme vimos nas análises do corpus desta pesquisa, um sujeito relutante frente às imposições advindas de um país dominante e a inevitável imersão nesse mundo globalizado.

Considerada como o “esperanto” dos negócios, a língua inglesa, conforme vimos nas análises dos dizeres dos sujeitos-aprendizes, predomina no mercado de trabalho, na tecnologia e se faz presente, de forma indiscutível, na vida pessoal e profissional desses sujeitos. Sendo assim, o sujeito-aprendiz absorvido pela esperança, pela expectativa, pela probabilidade, se rende ao aprendizado da língua inglesa por acreditar, ainda que, receoso e resistente, que esse seja o “caminho para as pedras”, o “lugar ao sol”, a provável realização dos seus desejos. Nesse sentido, podemos dizer que a preocupação revelada pelos dizeres aqui analisados, em relação ao aprendizado da língua inglesa, é fruto do atual momento político e social, tendo em vista a inquestionável disseminação da língua inglesa em níveis mundiais proporcionada pelo processo de globalização. A partir das análises, podemos afirmar que, por mais que o sujeito procure escapar dessa rede, negar o óbvio, navegar contra a maré, a força e poder desse idioma faz com que o sujeito-aprendiz, ainda que relutante, na emergência de se inserir nesse novo contexto mundial, abra mão de algumas convicções sociais e culturais, mergulhando nesse mar de novidades, descobertas e adaptações inadiáveis, que são determinantes para se viver neste século de inovações. Ao encontro dessas reflexões, vale a pena trazer as palavras de (Rajagopalan, 2003, p. 59), quando afirma que, “nunca na história da humanidade a identidade lingüística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras”.

Nesse sentido, ainda que o conhecimento da língua inglesa, em algumas situações, pareça ao sujeito-aprendiz uma exigência infundada, exagerada ou mesmo, absurda, podemos observar, por meio desta pesquisa, que a pura atitude de rejeição em nada contribui para

diminuir as implicações desse idioma na vida do sujeito-aprendiz, haja vista sua expansão no mundo dos negócios e do entretenimento. Sob essa perspectiva, vale ressaltar que se o protesto contra o domínio da língua inglesa é a de que ela predomina com seu poder sobre o restante da humanidade, nossas análises mostraram que existe, por parte do sujeito-aprendiz, um desejo, ainda que inconsciente, de colocar-se numa posição de “empoderamento” por meio desse idioma, ocupando, assim, um lugar de destaque e de reconhecimento em relação às demais pessoas. Essa relação nasce do interesse provocado pelo desejo, ainda que inconsciente, do lugar ocupado pelo outro, por aquilo que eu posso me tornar a partir da língua do outro, por uma posição privilegiada na sociedade, por um lugar de admiração e respeito. Assim, nosso estudo mostrou que a relação do sujeito-aprendiz com a língua inglesa se estabelece pelo poder, imaginário, que este idioma traz consigo. Por se tratar de uma língua que prevalece pelo poder é, também, a língua que concede poder a quem fala e precisa se valer dela para diversos fins, como: inserir-se no mercado de trabalho; manter uma posição já ocupada; para trabalhos acadêmicos; para acompanhar o desenvolvimento tecnológico; para relações inter-pessoais; para viajar a passeio ou em busca de novas oportunidades.

A partir da análise dos discursos produzidos pelos sujeitos-aprendizes, percebemos que a relação com a língua inglesa não é tranqüila, visto que sua escolha é, geralmente, feita mediante imposição econômico-social. Ainda que sua aplicabilidade seja questionada, colocada em pauta, podemos chegar à conclusão que, pelo sim, pelo não, o sujeito-aprendiz procura estar preparado para viver as conseqüências desse marmoto, chamado “globalização”, que num jogo de poder e por meio das relações que se estabelecem, invade a vida sem pedir licença, provocando mudanças, novas adaptações e, conseqüentemente, instabilidade identitária.

Nosso trabalho permitiu compreender e repensar o posicionamento, muitas vezes, hostil do sujeito-aprendiz em relação ao papel fundamental que a língua inglesa representa hoje em dia em nível mundial. Faz-se mister ressaltar que o conflito e desestabilização identitária do sujeito-aprendiz, provocados, em grande escala, pelo fenômeno da globalização, é essencial para reavaliar nossas ações, nossos limites e os desafios que vão surgindo todos os dias, tendo sempre em mente que devemos aproveitar o conhecimento da língua inglesa em prol dos nossos interesses e crescimento pessoal e profissional. Cabe lembrar, ainda, que o idioma falado pelo mundo é o “inglês” e não o idioma “americano”. Em outras palavras, acreditamos contribuir, através deste trabalho, para que o sujeito-aprendiz possa superar resquícios de ressentimento em relação a um passado histórico e possa assumir, dentro da sociedade, através dos benefícios oferecidos aos que falam a língua inglesa, uma posição

favorável ao seu desenvolvimento e progresso, tanto pessoal quanto profissional, visto que na aprendizagem de uma nova língua “não se pode falar em termos de perdas e ganhos. Nós simplesmente nos transformamos em outras pessoas” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 70).

Em última instância, as inquietações que despertaram em nós a realização desta pesquisa, ou seja, a relação conflituosa do sujeito-aprendiz com a língua inglesa, nos permitiu ver, neste trabalho, que o grande e novo desafio para o profissional de língua inglesa, na atualidade, não se esgota, somente, em desenvolver “urgentes” habilidades comunicativas para atender às exigências sociais, mas, também, trabalhar as divergências, as diferentes percepções, as rejeições e o sentimento de sujeição que o sujeito-aprendiz constrói em relação à língua inglesa. A nosso ver, essa relação conflituosa do sujeito-aprendiz com a língua inglesa pode passar de um simples ‘incômodo’ para um sentimento extremamente intolerável. Isso, considerando as dimensões alcançadas pela língua inglesa, em tempos de globalização, poderá acarretar prejuízos pessoais e profissionais, haja vista que, muitas vezes, o sujeito-aprendiz constrói, imaginariamente, uma barreira, talvez, em virtude de questões políticas - o poder dominador da língua inglesa -, que o impede de desenvolver satisfatoriamente o seu aprendizado. Acreditamos que estas questões apontam para novos olhares e nos instigam a buscar novas pesquisas, que possam contribuir para uma maior percepção e compreensão dos conflitos vividos pelos sujeitos-aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P.de. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil. In: STEVENS, C. M. T.; CUNHA, M. J. C. (orgs). *Caminhos e colheitas: Ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília : Universidade de Brasília, 2003. cap. 1, p. 19-34.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. & RIBEIRO, L. HELB : *Linha do tempo sobre a história do ensino de línguas no Brasil*. Universidade de Brasília. Departamento de língua estrangeira e tradução. Disponível em: www.unb.br/il/let/helb. Acesso em: 29 jan.2007.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado* : nota sobre os Aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Graal, 2003, 128 p.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, 19. Tradução de C. M. CRUZ; J. W GERALDI. Campinas : IEL/UNICAMP, 1990, p. 25-42.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização* : as conseqüências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1999, 145 p.

_____. *Identidade* : entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2005, 110 p.

BIPLAN, Pierre. O esperanto dos negócios. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (orgs) *A geopolítica do inglês*. São Paulo : Parábola, 2005, p. 133-134.

BHABHA, H. K. O Local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. : UFMG, 1998, 238 p.

BROWN, H. Douglas. *Teaching by Principles* : An Interactive Approach to Language Pedagogy. 2. ed. San Francisco State University : Longman, 1994, 423 p.

CONDE, Ricardo Peidró : A parceria hispano-brasileira. Disponível em: <http://clipping.planejamento.gov.br/noticias>. Acesso em: 29 out.2007.

CORACINI, Maria José. Língua estrangeira e Língua materna : uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade & discurso : (des)construindo subjetividades*. Campinas : Unicamp; Chapecó : Argos Editora Universitária, 2003, p. 139-159.

_____. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo : impacto das novas tecnologias In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (orgs.). *Práticas identitárias : língua e discurso*. São Paulo : Claraluz, 2006. cap. 3, p. 133-156.

_____. *A celebração do outro : arquivo, memória e identidade : línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2007, 247 p.

ECKERT-HOFF, B. M. *A Leitura na Aula de Língua Estrangeira : O que dizem os professores*. Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada : Campinas, Jul./Dez. 2002.

_____. *O dizer da prática na formação do professor*. Chapecó : Argos, 2002, 122 p.

_____. *O falar de si como (des)construção de identidades e subjetividades no processo de formação do sujeito-professor*. Tese de doutorado em Lingüística Aplicada, área de Ensino e Aprendizagem de Língua Materna, Universidade Estadual de Campinas, 2004, 177 p.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento : uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T.(org.). *Nunca fomos humanos – Nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte : Autêntica, 2001, p. 7-76.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. Revisão de Lúcia Vassalo, Petrópolis : Vozes; Lisboa : Centro do Livro Brasileiro, 1972, 260 p.

_____. *O que é um autor?* 4. ed. Tradução de Antônio Fernando Cascais; José A. Bragança de Miranda. Vega: Passagens, 1977, 160 p.

_____. *A Ordem do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti : Campinas, Abril-Junho de 1993.

_____. *Nietzsche, Freud & Marx*. Tradução de Jorge Lima Barreto. São Paulo : Princípio, 1997.

_____. *Microfísica do Poder*. 22. ed. Tradução e organização de Roberto Machado, Rio de Janeiro : Graal, 2006, 295 p.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Processos de Identificação. In: BARONAS, R. L.(org.). *Identidade Cultural e Linguagem*. Campinas, SP : Pontes Editores, 2005, p. 7-10.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso : diálogos e duelos*. São Carlos : Clara Luz, 2004, 219 p.

GRIGOLETTO, M. Leituras sobre a identidade : contingência, negatividade e invenção. In: IZABEL, M.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (orgs.) *Práticas identitárias : Língua e Discurso*. São Paulo : Claraluz, 2006. cap. 1, p. 15-26.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da.(org.). *Identidade e diferença : A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 103-133.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro : DP&A, 2005, 102 p.

_____. A questão multicultural. In: SOVIK, L. (org.). *Da diáspora : identidade e mediações culturais*. Brasília : Editora UFMG, 2003, 434 p.

<http://www.acesita.com.br/> Acesso em: 15/09/07

<http://www.cenibra.com.br/> Acesso em: 15/09/07

http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

LACOSTE, Yves. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (orgs.) *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo : Parábola, 2005, p. 7-11.

LE BRETON, Jean-Marie. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (orgs.) *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo : Parábola, 2005, p. 12-26.

LOPEZ, D.; ESTRADA, V. *A ameaça hispânica : o espanhol ameaça o inglês dos Estados Unidos?* In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (orgs.) *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo : Parábola, 2005, p. 56-64.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso : princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP : Pontes, 2005, 100 p.

PAIVA, V.L.M.O. A língua inglesa no Brasil e no mundo. In: PAIVA, V. L. M. O.(org.) *Ensino de Língua Inglesa : reflexões e experiências*, Campinas, SP : Pontes; Minas Gerais : Departamento de Letras Anglo Germânicas : UFMG, 1996, p. 9-29.

PAIVA, V.L.M.O. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS; M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (orgs.) *Tendências Contemporâneas em Letras*. Campo Grande : Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140. Disponível em: www.veramenezes.com/como.htm. Acesso em: 25 jan.2007.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso : uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo : Unicamp, 1997a, p. 61-105.

_____. *Semântica e discurso : uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.], Campinas, SP : Unicamp, 1997b, 317 p.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP : Pontes, 2006, 68 p.

PERUCHI, I.;CORACINI, M. J. O discurso da cultura e a questão da identidade em livros didáticos de Francês como língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. R. (org.) *Identidade & Discurso : (des)construindo subjetividades*, Campinas : Unicamp; Chapecó : Argos Editora Universitária, 2003, p. 363-383.

PRASSE, J. *O desejo das línguas estrangeiras*. Revista Internacional, Ano 1, n. 1. R.J., Paris, Nova York, Buenos Aires : Companhia de Freud, 1997, p. 63-73.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica : linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo : Parábola, 2003, 143 p.

_____. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil : por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (orgs.) *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo : Parábola, 2005. p. 135-159.

ROBIN, Regine. *Le Golem de L'Écriture*. De L'Autofiction au Cybersoi. Le Collection Documents. Eidteur XYZ : Québec, 1997. Tradução de Marisa Jordão – Aluna do curso de mestrado em letras – Unincor/Três Corações/MG.

ROSE, N. Inventando nossos eus. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T.(org.) *Nunca fomos humanos – Nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte : Autêntica, 2001, p. 137-204.

SCHUTZ, Ricardo. English Made in Brazil – Educational Site. Schutz & Kanomata- ESL. Disponível em: www.sk.com.br/sk-perg9.html. Acesso em: 20 jan.2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.(org.) *Identidade e diferença : A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. In: ABDALA, JR. B.(org.) *Margens da cultura : mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo : Boitempo, 2004, p. 113-133.

WOODWARD. K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da.(org.) *Identidade e diferença :- A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 7-72.

ANEXOS

SA1

Idade: 41

Grau de escolaridade: Superior

Nível de inglês: Intermediário

Há quanto tempo você estuda inglês? 2 anos

Você gosta de estudar a língua inglesa? Não

Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional?

Bom / pessoal nenhuma / profissional / atualmente também não tem muita aplicabilidade / eu não necessito do inglês / basicamente para atuar no meu trabalho / eu trabalho com um diretor japonês que fala português muito bem / mas os diretores eles ficam um tempo na empresa vão embora e vem outro / a minha preocupação maior é o próximo que vier / se / ele não fala português normalmente eles falam inglês / né // então eu tenho que saber alguma coisa pelo menos para eu me comunicar com ele / então eu não preciso do inglês hoje / hoje / mas no futuro // não sei / também não tem uma previsão assim / daqui um ano / dois anos ele tá indo embora / vem outro e se vai querer ficar comigo e se ficar comigo como secretaria e ele não falar português o principal vai ser o inglês / né / mas pode até ser que eu nem venha usar este inglês / mas se eu precisar.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Não / basicamente não // às vezes chega algumas correspondências em inglês eu nem tenho que saber o que está nela / mas é para eu ter uma informação / é / algumas coisas eu consigo entender e outras eu coloco no tradutor e ele me dá uma idéia do assunto // você sabendo aquele básico ali // nunca me fez falta.

Você já pensou em estudar um outro idioma?

Não // já pensei no japonês mas sei que é muito difícil

Você moraria nos Estados Unidos?

Precisando a gente faz tudo né? / não seria a minha preferência / o lugar preferido nem para eu conhecer a passeio / não tenho esta // como é que é? // como eu vou dizer / não tenho esta ilusão de conhecer / é um lugar assim ah se eu pudesse viajar para o exterior eu queria conhecer os estados unidos / não / eu poderia até conhecer / não tenho este sonho não / mas precisando a gente vai pra qualquer lugar / basta precisar.

Se você e/ou algum (ns) dos seus familiares tivessem um bom nível de proficiência em inglês, utilizaria este idioma em sua casa para se comunicarem?

Acho que só em nível de brincadeira / bom pode até ser se um dos moradores tivesse essa necessidade / por exemplo / eu acho se chegar num ponto de vier um diretor que não fale português e que eu precise do inglês em casa eu vou estar tentando falar.

Você consome produtos americanos?

Não / quando a gente vai ao shopping os meninos sempre gostam de comer McDonalds / não tenho nada contra / assim se eu ganhar um creme que fala que é bom / americano / eu uso não tem problema não // só não vou atrás procurando porque nós temos boas marcas no Brasil e que me atende // não vou sair procurando uma marca porque é americana // eu acho que no Brasil nós temos excelente marcas, excelente produtos e não tem necessidade de estar usando uma coisa importada // eu sei que o produto importado é três vezes mais caro do que o nosso e faz o mesmo efeito eu vou ficar gastando com um produto assim.

Na sua opinião, os produtos importados são melhores do que os nacionais?

Não / tem algumas coisas que sim / mas não necessariamente // eu acho que nós não temos nada que nos falte no Brasil e que só tem importado.

Na hora da comprar algum produto, o fato de ser “Made in the USA” influencia na sua decisão?

Ah não de jeito nenhum.

Você consome produtos da rede McDonalds?

Sim / com frequência não // uma vez ao mês ou nem isso.

Qual a sua opinião sobre o presidente americano George Bush?

Acho muito radical / acho que muitas coisas que ele faz que ele decide é mais pelo próprio ego e não pela nação // pra mostrar que tem poder / que pode decidir alguma coisa // acho que é mais para o ego dele e não pensando num todo // eu acho que os americanos são uns metido a besta / são os donos do mundo podem tudo né? / e até com relação ao Brasil acho eles se sentem assim / extremamente superiores // pode até ser / é uma nação muita rica né? / mas não quer dizer que tem dinheiro eles podem tudo // tanto não pode que eles não conseguem barrar os atos terroristas / é um desafio e vai continuar sendo e eu acho que a tendência é piorar / porque quanto mais eles mostram o poder mais os terroristas mostram que podem entrar no país / furar as barreiras.

Você ouve músicas americanas?

Olha / tem muita música que eu gosto às vezes até sem saber a letra / não sei nem o que tá dizendo / mas pela melodia agente acaba gostando e entrando no ritmo / não sou muito de comprar cds e nada disto / não tenho aquele radicalismo porque é americano não vou ouvir / não ouviria nunca um rap.

Na sua opinião, os filmes produzidos em Hollywood são superiores aos brasileiros?

São / tem mais qualidade // são / eu não vou assistir o de terror indiferente dele ser americano ou brasileiro / eu não vou assistir.

Como você vê a emigração de tantos brasileiros para os Estados Unidos?

Pela necessidade mesmo que eles vão / acho que o brasileiro só faz esta opção de sair do Brasil por falta de uma opção de trabalho / de uma vida digna né? que os políticos aqui não estão preocupados com isto / apesar de fazer um trabalho como falo inferior eu acho que os brasileiros vão pros Estados Unidos pra lavar banheiro / mas não fariam isto nunca aqui / lá eles fazem tudo aqui não fazem / lá dá dinheiro o salário é bom o salário justifica a função deles lá / tá longe do povo da nação dos amigos sei lá / de mais eles não têm vergonha de fazer isto lá / o povo que tá ganhando dólar eles não tem vergonha / eu acho que tem que ir

mesmo porque é lá que eles vão conseguir ter uma vida digna / tem que ir mesmo pros Estados Unidos / pra Alemanha / pra Inglaterra pra onde for.

Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

A intenção deles é dominar o mundo / né / eu vejo assim / através desta demonstração de poder que eles têm de mandar tropas pra onde for / e achar que podem impor uma guerra em qualquer lugar / que eles vão prevalecer o que eles acham que tá certo / o que o presidente acha que tá certo // Hoje a língua mais falada no mundo todo é o inglês / né / além da língua regional / é o inglês a segunda opção / é o inglês / né / tudo hoje que você vê / um programa de computador / aqui no Brasil pode até ser fabricado aqui / mas vem todo em inglês / isto eu acho isto um absurdo // eu não sou obrigada a falar inglês eu não sou obrigada a entender inglês agora eu compro um computador aqui e tem um monte de coisa que eu não sei o quê que é porque vem tudo em inglês / eu acho isto um absurdo / mas quer dizer o país também se deixa dominar / o povo brasileiro se deixa dominar / os países do terceiro mundo se deixam muito dominar e os outros também / talvez os outros nem tanto quanto os do terceiro mundo // aprender mesmo esta língua que eu odeio / entre aspas / a minha vontade é não fazer inglês / eu não gosto / eu nunca gostei / acho que por isso eu tenho muita dificuldade em aprender / e não gosto porque tenho raiva do povo americano não.

Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho?

Eu considero quem sim / tem alias // tem casos que nem tanta necessidade e as pessoas até exigem um segundo idioma né? / talvez inicialmente não tenha necessidade e é exigido por algumas empresas a gente vê isso / nos anúncios de vagas né? / eu considero que é um diferencial.

Quais as habilidades que você considera importantes no aprendizado da língua inglesa?

Olha eu acho que é essencial saber fazer as tarefas todas / ler tudo o que for possível ver filmes / acho que tudo que exige inglês / ver ouvir falar tentar conversar / não ter vergonha / acho que tudo isto ajuda no aprendizado no meu serviço // seria falar / talvez escrever alguma coisa mas o essencial é falar.

Você acha que o ensino da língua inglesa nos colégios deveria ser obrigatório ou facultativo?

Obrigatório / porque nós quando estudantes pelo menos inicialmente a gente tem aquela mania de querer sair fora do que for possível né? // então se for facultativo quem não gosta de inglês vai fazer o francês ou qualquer outra língua / então se é obrigatório você tem que fazer e acaba aprendendo ao menos alguma coisa / mesmo que você não goste você acaba aprendendo o mínimo né? que pode te ajudar no futuro.

Você acha que é preciso viajar para o exterior para se falar bem o inglês?

Não / não acho que é preciso viajar mas ajuda bastante / acho que a fluência é muito maior porque se você tá num lugar onde todo mundo fala inglês você não tem outra saída né? estando aqui você não vai se preocupar tanto / porque você não precisa / você não vai se preocupar tanto em falar / lá é uma questão de sobrevivência né? / se você não fala as pessoas não se preocupam em entender você / tem que dá seu jeito e acaba falando / alguma coisa ajuda bastante / não necessariamente ter que ir pra lá pra falar / mas ajuda / acho o que você

estuda aqui em um ano se você estivesse morando lá talvez em seis meses você aprenderia mais do que aqui em um ano.

Como você analisa o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por este processo?

Eu acho que nós não estávamos preparados para essa abertura total / foi bom é bom está sendo bom / mas tem algumas coisas que eu acho que a gente foi um pouco atropelado / ninguém foi preparado pra essa abertura total / hoje você tem acesso a muita coisa que você não tinha antes e de repente você não sabe nem o que fazer com essas informações / com esse acesso fácil com as coisas tipo assim que força a gente a ler mais / querer entender pelo menos um pouquinho mais do que a gente não se preocupava antes / pra quem tá por exemplo / as crianças que estão crescendo no mundo assim já globalizado é muito bom / mas pra nós que já estamos no meio da idade pra cima / pros idosos principalmente acho que eles ficaram muito perdidos estão muito perdidos / né?

Você acha que a língua portuguesa está ameaçada frente ao grande interesse pelo aprendizado da língua inglesa?

Bom na verdade a maioria não fala bem o português / né / eu não me considero boa em português / eu não sei todas as regras tô tentando aprender inglês e não sei todas as regras do português / né? / a gente acaba tendo cobrança de outra língua pra continuar crescendo / vai acabar que as pessoas vão falar mais o inglês do que o próprio português // no futuro você falando o português / você não vai ter o suficiente / já a outra língua você tem que saber falar entender escrever essa outra língua que está muito grande no mercado de trabalho né? / às vezes você nem precisa mais pede lá fluência em inglês / talvez você vá usar uma palavra durante um mês uma semana mais pede fluência em inglês / e não pede fluência em português // talvez o brasileiro tem que se preocupar mais em aprender o inglês do que estudar a própria língua / a pouco tempo saiu umas piadinhas na internet assim // alunos universitários / as frases as coisas erradas em português / assim coisa primária e que os alunos da faculdade escreviam nas provas / quer dizer não estão se preocupando / quer dizer eu acho que a cobrança dos professores hoje não é tanta também como era anos atrás.

Se você pudesse optar na escolha da língua materna, escolheria a língua inglesa ao invés da língua portuguesa?

Morando no Brasil não / se eu morasse em outro país talvez sim mas morando no Brasil não / eu optaria assim se eu pudesse escolher o mundo inteiro falando uma língua / só aí eu acho que seria o ideal para todo mundo.

Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana?

As pessoas dão muito mais valor às coisas de fora do que às coisas que estão ali // só de falar assim / ah é dos Estados Unidos // tem mais valor do que o que é nosso / acho que só por influência através dos meios de comunicação que começa a colocar aquelas imagens bonitas de um produto americano todo mundo quer / por exemplo / um brinquedo / começa a passar uma propaganda de algum brinquedo interessante a criança fica doida / então acho que sim influencia nesse aspecto pelas propagandas que são mais agressivas às vezes do que as nossas / pelo fato de ser uma coisa importada o valor cresce / acha que é melhor / às vezes acontece de sair daqui e ir pra outro país e acha uma coisa linda maravilhosa que é aqui do Brasil / mais aqui você não acha tão bonito.

O inglês concede algum tipo de status para o brasileiro que fala esta língua?

Tudo que é um pouco deferente daquilo que você faz no dia a dia acho que te dá um pouco de status / né? / então se você fala inglês fluentemente as pessoas te olham com outros olhos / às vezes o salário é o mesmo de quem fala português / mas só de falar inglês as pessoas já te vêem com outros olhos / já te acha mais competente mais inteligente.

Complete esta frase: com o inglês eu posso...

Sonhar com um emprego melhor com um salário melhor com oportunidades melhores.

SA2

Idade: 28 Anos

Grau de escolaridade: Curso Completo de Direito

Nível de inglês: Avançado

Há quanto tempo você estuda inglês? 3 anos e meio

Você gosta de estudar a língua inglesa? Gosto / embora tenho pouco tempo pra estar realmente me dedicando.

Por que você decidiu estudar inglês?

Eu decidi estudar inglês pela necessidade / vigência do mercado mesmo / tanto nas questões de entrevista / uma vaga na Cenibra / por exemplo // e mesmo que o meu objetivo hoje é o ingresso no curso de mestrado que exige pelo menos uma leitura adequada em inglês.

Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional?

Hoje / talvez uma questão de não haver / né // mas pra você ver que a maioria das músicas que se ouve são em inglês / os melhores filmes são em inglês / porém o meu trabalho que eu desenvolvo hoje não me exige não.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância? Quando?

Já / já precisei de inglês pra concorrer a uma vaga de trabalho / porque igual já tinha falado antes / porque a questão da Cenibra uma das exigências e era capital / quem não soubesse inglês não podia nem concorrer / porque era pra falar / elaborar contratos e analisar contratos feitos com japonês / então a língua padrão que se fala dentro da Cenibra é o inglês e eu não pude concorrer por causa disso / precisava de um nível bom de proficiência na língua inglesa / apesar da firma ser uma firma japonesa o idioma que é usado nos contratos é o inglês.

Você já pensou em estudar um outro idioma?

Olha / comecei uma vez o curso de francês mas porque eu achava mais fácil / mas meu interesse realmente sempre foi o inglês embora seja muito diferente.

Você moraria nos Estados Unidos?

Não // não / porque não tenho interesse em sair do Brasil / porque eu acho que minha família está aqui e as oportunidades profissionais podem acontecer aqui também / e // minha área é de direito então não justificaria ter feito uma faculdade de direito e estar correndo atrás de mercado / e pós-graduação e ir de repente para os Estados Unidos lavar banheiro / não justifica.

Se você e/ou algum (ns) dos seus familiares tivessem um bom nível de proficiência em inglês, utilizaria este idioma em sua casa para se comunicarem?

É na verdade uma hipótese bastante remota né / mas eu acredito que não / eu acho que a gente não abandonaria nossa língua pátria para estar falando inglês dentro de casa não // talvez eu e minha irmã / meu irmão / minha cunhada / meu pai e minha mãe de jeito nenhum / talvez nós duas sim.

Você consome produtos americanos?

Eu mesma conscientemente não / pode até ser que / aconteça de comprar um produto americano mas não é por opção / às vezes/ eu vou porque é americano / coincidência / eu não faço essa / distinção não.

Na sua opinião, os produtos importados são melhores do que os nacionais?

Toda regra tem exceção né? / mas normalmente acho que o Brasil ele tem um desenvolvimento tecnológico suficiente para estar desenvolvendo produtos de boa qualidade né / apesar de que alguns campos ainda não esteja tão desenvolvido tanto quanto os Estados Unidos / mas eu acho que futuramente eles vão equiparar.

Na hora da comprar algum produto, o fato de ser “Made in the USA” influencia na sua decisão?

Depende / pelo fato de ter sido fabricado não / mas de repente se ele fosse mais barato talvez faria a opção.

Você consome produtos da rede McDonalds?

Não gosto / tirando a batata frita o resto eu não gosto / realmente o paladar não me é agradável não.

Qual a sua opinião sobre o presidente americano George Bush?

Acho ele um louco / de jogar pedra / acho que uma pessoa que trata as pessoas de outro país com tamanha insignificância / tamanho desrespeito ele devia ser internado // porque / você ver a facilidade com que ele / ele faz apologia a guerra / ele realmente/ ele seria um Hitler // assim / ele realmente acha que a raça americana está acima de qualquer outra / ele acha que eles estão acima do bem do mal e que eles podem ditar as regras para que o mundo obedeça / e na verdade a gente sabe que o país está em condição de igualdade / ele tinha que respeitar os outros povos mesmo porque é uma nação que ela é modelo para o resto do mundo / em razão do seu desenvolvimento / então tinha que ser também em razão das políticas de governo / das políticas de respeito aos demais países porque aí sim ele estaria fazendo um papel de importância mundial.

Você ouve músicas americanas?

Música não é muito meu forte / mas eu ouço frequentemente.

Na sua opinião, os filmes produzidos em Hollywood são superiores aos brasileiros?

Sem dúvidas são muito melhores principalmente os que envolve aventuras / mistérios é // geralmente são melhores / hoje em dia é inegável que a indústria de cinema brasileira tem melhorado muito mas ainda não se pode comparar não.

Como você vê a emigração de tantos brasileiros para os Estados Unidos?

Acho que é uma questão muita séria mas / eu acho que todo mundo tem que buscar o que acredita e as pessoas que vão para os Estado Unidos elas acreditam realmente que elas vão ter melhores condições de trabalho e quando chegam lá / embora trabalhem de maneira até sub-humana / porque não tem domingo / não tem sábado / não tem feriado / não tem hora / tem hora pra começar e não tem pra largar / elas se privam de tantas coisas e conseguem realmente juntar dinheiro / então eu acho que é assim / se eles se dedicasse com a mesma exclusividade ao trabalho que eles se dedicam lá aqui no Brasil / eles talvez também eles teriam mais sucesso // porém aqui no Brasil está perto de família está perto dos amigos então acaba tendo um gasto cotidiano muito maior / então quando eles voltam pra lá acabam realmente juntando uma grana porque não sei até onde que isso vale a pena / porque às vezes abandonam deixam pra trás filhos família / e as vezes filhos adolescentes e vão criando problemas e quando voltam não sei se esse dinheiro realmente valeu a pena / mas quem vai solteiro sem filhos aí sim acho que é o negócio / pra quem já tem criança acho que é complicado

Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

Eu acho que sim / mesmo em questão do poderio econômico / da força que eles têm / da força militar / você vê que o que eles estão fazendo no oriente médio / repressão / as guerras / as invasões / eles estão dominando tudo // o inglês é mundial / né / o inglês é mundial / não sei se talvez porque as duas maiores potências do mundo falam inglês / tanto os Estados Unidos / como a Inglaterra / eu acho que talvez seja por isso // as relações comerciais deles são muito forte / eles nunca se rebaixaram a outra língua // porque o brasileiro / ele / a primeira coisa que ele faz é tentar estudar / tentar aprender o inglês / é tentar falar o inglês / pra ele estar se comunicando com outras pessoas / agora o americano não // ele fala a língua dele / quem quiser comunicar com ele que aprenda // eu acho que uma questão de patriotismo esse amor que eles têm pela língua deles.

Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho?

Com certeza / tanto é que já perdi emprego por causa do inglês / precisava da língua inglesa que eu não tinha.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Já / já precisei de inglês pra concorrer a uma vaga de trabalho / porque igual já tinha falado antes / porque a questão da Cenibra uma das exigências / e era capital / quem não soubesse inglês não podia nem concorrer / porque era pra falar / elaborar contratos e analisar contratos feitos com japonês / então a língua padrão que se fala dentro da Cenibra é o inglês / e eu não pude concorrer por causa disso.

Quais as habilidades que você considera importantes no aprendizado da língua inglesa?

Eu acho que pra mim hoje o mais importante seria ler e interpretar corretamente o que está escrito / porque agora o meu objetivo é concorrer ao mestrado / mas pro mercado de trabalho seria falar fluentemente e entender o que está sendo falado.

Você acha que o ensino da língua inglesa nos colégios deveria ser obrigatório ou facultativo?

Obrigatório.

Você acha que é preciso viajar para o exterior para se falar bem o inglês?

Não acho que necessariamente tem que se viajar não / mas é inegável que quem viaja tem oportunidade que a gente não pode negar / que é acordar e já cumprimentar as pessoas e estar movimentando / estar trabalhando / estar lidando com pessoas que só fala inglês / você acaba tendo que desenvolver um vocabulário maior a aprendendo mais coisas / eu acho que quem viaja certamente tem melhores oportunidades de se desenvolver.

Como você analisa o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por esse processo?

Eu acho que a globalização é um fenômeno mundial / né ? / então / acho que o brasileiro está sendo afetado nisso / porque na verdade ele está tendo que se aperfeiçoar profissionalmente / ele está tendo que aprender outras línguas / ele está tendo que melhorar o produto que fabrica / ele está tendo que melhorar sempre / as condições de impostos / os impostos têm que ser diminuídos / então eu acho que o Brasil ele tem por enquanto / ele tem perdido mais do que ganhado / mas eu acho que ao longo da história ao longo do tempo a tendência é que se abate / porque o ser humano ele é adaptável / então eu acho que uns dez anos o brasileiro já vai estar apto a estar inserido neste mundo globalizado.

Você acha que a língua portuguesa está ameaçada frente ao grande interesse pelo aprendizado da língua inglesa?

Não / eu não acho que seja ameaça / eu acho que a dedicação talvez não seja mais adequada / tanto é que a gente tem crianças que chegam a 4ª série e o adolescente que chegou a 8ª que escreve muito mal / mas aí não é porque que eles têm interesse voltado pro inglês / é porque realmente precisa de melhorar a questão de educação / mas eu acho que não / não gera ameaça não.

Se você pudesse optar na escolha da língua materna, escolheria a língua inglesa ao invés da língua portuguesa?

Não sei // acho que não / eu acho que não / mas eu também não tenho certeza que não / mas acho que as condições que a gente tem hoje acho que a gente acaba / tendo um pouco de resguardo né? / quando você fala assim vou fazer a opção / dá a impressão simplesmente está falando que você não gosta de ser brasileira / você não gosta do português /mas acho que não / eu acho que // eu gostaria de ter tido a oportunidade mais nova de ter o domínio da língua inglesa / mas aí excluir o português acho que não.

Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana?

Perfeitamente / música / moda é // indústria / trabalho / é // made in Valadares / tudo vem dos Estados Unidos / então eu acho que a influência tem / e até bastante direta / eu acho que as comparações / mesmo porque tem muitos brasileiros que vai e volta / chega e acaba desenvolvendo as coisas que ele estava acostumado lá / os fast-food é tudo muito modelo americano / acho que influência tem sim / do mesmo jeito também acho que os brasileiros que vão para USA acaba implantando um pedacinho do Brasil lá .

O inglês concede algum tipo de status para o brasileiro que fala esta língua?

Eu não acho / eu tenho certeza / porque na verdade a pessoa que ela desenvolve bem a língua inglesa ela tem uma oportunidade de trabalho mais favorável // porque // a maioria dos cargos de chefia eles exigem a fluência da língua inglesa / às vezes mais de uma língua mas o inglês é o pré-requisito.

SA3

Idade: 53 Anos

Grau de escolaridade: 2º Grau Completo

Nível de inglês: Intermediário

Há quanto tempo você estuda inglês? Aproximadamente 2 anos

Você gosta de estudar a língua inglesa? Sim / gosto muito

Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional?

Eu a principio / eu comecei a estudar inglês por causa de minha vida profissional / tudo que eu manuseio é em inglês // na companhia / manuais / desenhos / software / contatos estrangeiros / tudo em inglês // profissionalmente é necessário.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Sim / sim / em viagem a serviço em 1998 e em 2001 // eu estive na Itália estive na França Alemanha e Luxemburgo.

Você já pensou em estudar um outro idioma?

Sim / já estudei francês já // eu estudei francês porque eu ia especialmente à França // e ia fazer um treinamento em francês e por isso estudei francês.

Você moraria nos Estados Unidos?

Sim moraria.

Se você e/ou algum (ns) dos seus familiares tivessem um bom nível de proficiência em inglês, utilizaria este idioma em sua casa para se comunicarem?

(Risos) não / não // de jeito nenhum.

Você consome produtos americanos?

Sim consumo // os produtos americanos que nós consumimos são os computadores / é consumimos também equipamentos eletrônicos americanos / relógios / celular é // vídeo cassete / dvd.

Na sua opinião, os produtos importados são melhores do que os nacionais?

Sim / são / são melhores que os nacionais devido a qualidade / a qualidade é // qualidade de fabricação é muito boa / os produtos importados são melhores.

Na hora da comprar algum produto, o fato de ser “Made in the USA” influencia na sua decisão?

Não eu compraria qualquer produto estrangeiro.

Você consome produtos da rede McDonalds?

Não / é // o tipo de alimento vendido que eu não consumo / eu não uso esse tipo de alimento // não só McDonald como qualquer outro que vendesse esse tipo de alimento eu não compro / não / fast-food não / de jeito nenhum.

Qual a sua opinião sobre o presidente americano George Bush?

Pra mim ele é um homem determinado / que não escuta (risos) o que as pessoas falam // ele é um homem determinado / porém determinado a uma coisa / quando ele pensa uma coisa ele não tira aquilo da cabeça e ele não escuta né? / os prós e contra / os conselhos / pra mim ele é uma pessoa que não sabe ouvir.

Você ouve músicas americanas?

Sim ouço / gosto // muito antes de estudar inglês eu já ouvia música americana.

Na sua opinião, os filmes produzidos em Hollywood são superiores aos brasileiros?

São superiores / são superiores.

Como você vê a emigração de tantos brasileiros para os Estados Unidos?

Olha / eu vejo como // uma situação difícil do nosso país / que precisa ser superada porque / as pessoas muitas vezes são é iludidos lá / são iludidos lá não né? / são iludidos com o trabalhar lá / ganhar muito dinheiro porque trabalha muito / se trabalhasse muito aqui / ganharia muito bem também.

Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

Eu considero eles dominadores / dominadores pelo fato de ser a nação que detém a maior riqueza do mundo / então quem tem poder tem domínio / domina / ok?.

Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho? Seria este um diferencial?

Sim / tem muito mais oportunidades.

Quais as habilidades que você considera importantes no aprendizado da língua inglesa?

Seria / seria ouvir // e o gostar do idioma / o fato da pessoa não gostar atrapalha muito / atrapalha muito porque // é quando nós gostamos nós fazemos por prazer / quando não gostamos / nós fazemos muitas vezes por obrigação e obrigação muitas vezes ela / ela / a gente aprende só o necessário pra resolver o problema e depois a gente larga pra lá.

Você acha que o ensino da língua inglesa nos colégios deveria ser obrigatório ou facultativo?

Obrigatório.

Você acha que é preciso viajar para o exterior para se falar bem o inglês?

Não / não // a minha opinião é que quando estive nos Estados Unidos é encontrei muitos brasileiros que vivem lá e eu falava inglês melhor que eles // então isso me convenceu / porque eu estudando / ouvindo inglês / eu tenho muitas vezes tem mais conhecimento do que quem mora lá mais de 20 anos / conheço / tive um acompanhamento maior / sei formular as frases sei a gramática e eles não sabem nada disso / eles tem a maior dificuldade de conversar.

Como você analisa o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por esse processo?

Olha / eu vejo a globalização no Brasil no primeiro momento / é que nós temos que ter hoje o sentimento / é / moramos no Brasil / mas temos que sentir que nós moramos no mundo / entendeu? / falamos o português em casa quando nós temos que assimilar os conhecimentos que o mundo tem / outros idiomas / outras línguas / conhecer outros produtos / nossa mente precisa ser aberta pra morar no país globalizado / conforme está o Brasil // isso tem trago muita dificuldade pra quem não está preparado / quem não está preparado está sofrendo muito // as emergências do país globalizado / a primeira coisa é falar um idioma mundial / certo? / primeiro você tem que falar / isso / se não falar você fica praticamente é / confinado // porque os computadores que você pega é tudo em inglês / é como minha esposa / aparece lá uma página na televisão pra ela / é preciso traduzir pra ela / não sabe os que eles estão falando // são necessidades básicas / você entendeu? / e você vê que quem / quem consegue falar outro idioma / por exemplo / ele tem acesso a empregos melhores // dentro de uma organização / se você é uma pessoa que fala inglês você tem oportunidade para viajar para o exterior // por tudo isso você vê o país dentro da globalização // há aquelas pessoas que estão / é navegando / né? / melhores / porque abriram a cabeça para os idiomas / para os novos produtos que chegaram pelas novas tecnologias / e têm os outros que simplesmente rejeitaram / isso / não quer / vão ficar a margem / é o que eu penso.

Você acha que a língua portuguesa está ameaçada frente ao grande interesse pelo aprendizado da língua inglesa?

Não / não tem pelo seguinte / porque é uma língua / é uma língua / é os nativos né? / nós sempre vamos falar português e independente do nosso interesse em aprender inglês / mas o idioma português ele não vai morrer não / ele não morre / uma língua ela só morre quando deixa de ser falado em casa / quando você pára de falar a língua em casa ela morre / mas enquanto ela é falada nos lares ela não morre / esse é o fato que respondi lá trás que eu não falaria inglês na minha casa / porque meus filhos né / iriam aprender inglês? (risos) / eles tem que aprender o português / eles são nativos / tá? / brasileiro tem que falar português / muito embora né / se no passado tivesse aprendido inglês eu não teria arrependimento nenhum / mas eu vejo a necessidade nós morando no Brasil temos que falar o português.

Se você pudesse optar na escolha da língua materna, escolheria a língua inglesa ao invés da língua portuguesa?

Tranquilamente / sem pensar (risos) // porque é qualquer parte do mundo que você fala inglês você é entendido / entendeu? // eu teria / você teria muito mais oportunidades / maiores oportunidades / você teria oportunidade de estudar em outros locais / você teria oportunidades de viajar sem muita dificuldade / então escolheria sem pensar.

Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana?

Sim / sofre / sofre // é nós recebemos a influência através do cinema / recebemos através do estilo de programa e também através da moda / a moda / é / os programas de televisão são semelhante à moda / é isso aí / os três / a música / o cinema e a moda ela influência muito aqui.

SA4

Idade: 46

Grau de escolaridade: Curso Superior em Administração

Nível de inglês: Básico

Há quanto tempo você estuda inglês? Há vários anos mas eu começo e não termino.

Você gosta de estudar a língua inglesa? Nem um pouquinho / estudo por é obrigação e porque preciso mesmo.

Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional?

Eu uso na área profissional / leitura basicamente em contratos / porque eu trabalho na parte de contratos então alguns contratos são nessa língua / os que são da Itália / França / normalmente eles estão em inglês.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Às vezes já atendi telefone que tentam falar com pessoas que estão ligadas nos projetos / mas eu não sei nem atender / o telefone eu me encabulo toda.

Você já pensou em estudar um outro idioma?

Eu acho espanhol melhor que o inglês / porque é mais fácil pra mim / mas não tem a mesma aceitação.

Você moraria nos Estados Unidos?

Nem pensar / não tenho nenhum interesse em morar lá / porque eu acho ridículo / porque quem vai pra trabalhar lá tem um objetivo de vida / já que eles não tão tendo essa oportunidade aqui / mas pra trabalhar o tanto que eles trabalham lá / o tanto que eu trabalho aqui eu ganho o mesmo que eles ganham lá ou até mais // eu acho que eles vão pra lá só atrás e trabalho / porque eles não conseguem ganhar aqui o que eles ganham lá / porque se você perguntar a maioria quer voltar / não estou vendo ninguém querendo ficar lá / se ele tiver condição de voltar em igualdade de recursos financeiros eu acho que é só por esse motivo / não vejo nenhum outro objetivo não.

Se você e/ou algum (ns) dos seus familiares tivessem um bom nível de proficiência em inglês, utilizaria este idioma em sua casa para se comunicarem?

Às vezes não / eu poderia usar pra ver se eu consigo desembaraçar ao menos um pouco // igual naquela condição né / que se eu tiver que atender a um telefone / eu souber ao menos falar e não ficar tão bloqueada / mas como opção da língua portuguesa não / eu gosto bem do português (risos) // em substituição da língua portuguesa não / de jeito nenhum.

Você consome produtos americanos?

Por esse motivo não / eu posso consumir / mas eu gosto de coisas naturais eu não faço questão / eu nem sei o que poderia ser americano que eu consumo // hambúrguer / eu não faço questão nenhuma da comida deles / eu gosto é de comida mesmo arroz / feijão / carne / legume // eu posso ate consumir mais eu nunca reparei / eu não compro só porque é deles não / se eu tiver certeza eu evito / eu sou anti-americana.

Na sua opinião, os produtos importados são melhores do que os nacionais?

Eu acho assim / que às vezes eles conseguem ter preços melhores ao se comparar com os produtos brasileiros // eu não faço questão que sejam produtos americanos não / eu não consumo nada deles.

Na hora da comprar algum produto, o fato de ser “Made in the USA” influencia na sua decisão?

Não.

Você consome produtos da rede McDonalds?

Nem pensar / como sim / uma vez no ano acho que dá pra agüentar // prefiro carne que não seja de minhoca processada / eu acho que aquele hambúrguer não tem gosto de nada / da torta de maçã eu gosto / dos sucos também eu gosto / mas não é por causa de ser americano / nem por ser McDonalds / eu gosto da mesma forma que eu tomo um suco “Mais” e acho uma delícia / eu tomo um suco lá mas eu evito / não deixo nem Vinicius comer na hora do almoço / eu não deixo / eu deixo no máximo na hora do lanche.

Qual a sua opinião sobre o presidente americano George Bush?

Acho ridículo / manipulador e tudo de ruim / acho tão ruim o quanto tem sido os do Brasil / não acho que ele tem tido nenhuma qualidade / que é assim com a invasão do Iraque naquela época / aquelas bombas / acho assim manipulador dos outros países / a guerra que não deveria ter acontecido foi mais assim por interesses próprio / ele não estava preocupado em defender ninguém nem ajudar ninguém / era só interesse próprio do país dele em interesse de petróleo / essas coisas assim / ele não visa outros países não // as coisas que seriam interessante pro resto da humanidade ele não tá nem aí / ele não pensa em baixar o consumo / diminuir o poluente ele não tá nem aí / eles não aderiram àqueles contratos de diminuir os poluentes / diminuir o consumo / eles estão se lixando pro resto do mundo eles acham que vai aparecer uma alternativa / não sei / na queda do boing tinha brasileiros lá que estavam produzindo energia de alta qualidade e que foram manipulados / então eu não sei até que ponto é verdade / dizem que eles teriam interesse na queda do avião / então eu não sei / porque eles invadiram outro país e não acharam nenhum tipo de arma química / então porque eles não poderiam esta fazendo isso com a gente também.

Você ouviu músicas americanas?

Ouçó / mais sem saber o que estão falando / mais pela melodia / pela voz da pessoa / mas eu não sei nada que eles estão falando // eu gosto / mas eu não gosto mais do que eu gosto das nacionais não / mpb / de cantores brasileiros / de sertanejo / então lá eu me identifico mais com o som do que com a letra / porque eu não sei nem o que eles estão falando // então não é por ser americano / pra mim se fosse de qualquer outro idioma se tivesse uma sonoridade boa me agradaria no mesmo tanto.

Na sua opinião, os filmes produzidos em Hollywood são superiores aos brasileiros?

Olha os do Brasil a maioria deles parece assim que não tem fim / parece que a gente tem que concluir o fim / então assim deixa mais pra gente pensar ou pra gente deduzir qual desfecho dado / e os de lá tem principio meio e fim / mas eu também não sei se é porque eu gosto de filme e os que eu gosto são mais assim / de entretenimento / romântico / lugar bonito / porque o que eu gosto no filme é isso / lugar bonito / independente da nacionalidade.

Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

Com certeza dominadora / manipuladora também / porque assim nos livros de geografia deles a Amazônia já não faz parte do Brasil / então quer dizer eles manipulam as informações a favor deles / então o povo de lá que se acha muito culto melhor que nós / eles também estão sendo manipulados porque eles nem sabem que a geografia nossa inclui Amazônia / que a Amazônia é nossa / no entanto eles já colocam como se fosse patrimônio da humanidade / então como diz tem até uma entrevista assim: um brasileiro diz / no dia que nos considerarem (ele vai falando dos grandes monumentos / como da França) / enquanto eles não considerarem todos os monumentos patrimônio da humanidade a Amazônia ainda é nossa / eles não poderiam cuidar dela melhor que nós / no máximo cercá-la / isso eu acho que eles poderiam fazer / eles canalizam as energias pra onde querem.

Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho? Seria este um diferencial?

Olha sendo o inglês uma língua que não é falada só nos Estados Unidos mas também em toda a Europa então ele cresce em oportunidades // é um diferencial a mais de quem só fala português / porque outros países também usam o inglês // mas como diz meu chefe ele fala que é preferencial estudar mandarim / falou que vai ser a língua do futuro porque com a China tomando conta do mundo.

Quais as habilidades que você considera importantes no aprendizado da língua inglesa?

Pra mim no meu trabalho ler é mais importante porque eu recebo os contratos / falar e entender também seria bom / ao menos pra mim não passar vergonha ao telefone // escrever até que hoje eu não preciso muito / mas pelo idioma seria legal os quatro.

Você acha que o ensino da língua inglesa nos colégios deveria ser obrigatório ou facultativo?

Obrigatório / porque como hoje / essa globalização daqui uns dias / as empresas não serão só aqui / então quer dizer tem exportação de gente pra todo lado / gente trabalhando em muitas partes e também a gente recebe pessoas que não se dão trabalho de saber português / então é importante conhecer né? / Vinicius quando a gente tá vendo um filme entende até bem / ele começou desde cedo e também não fica limitado como eu fico não.

Você acha que é preciso viajar para o exterior para se falar bem o inglês?

Eu acho que lá como não haverá outra forma de comunicação a gente vai praticar mais / então o aprendizado vai ser mais acelerado / porque aqui a gente faz um cursinho e você só fala no cursinho e olhe lá / então lá você vai ser obrigado a falar inglês no tempo integral / e eu particularmente acho que cursinho duas vezes por semana / uma hora e meia não dá / deveria ser pelo menos assim / que fosse todos os dias assim uma hora / aí teria que ser assim ensino integral / que tivesse também outros lugares pra falar / tinha que ter outras coisas como ler muito / ouvir músicas igual a gente faz no português.

Como você analisa o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por este processo?

Nossa carga tributária é muito alta porque as pessoas querem vender uma coisa que elas têm produção em excesso / e isso afeta nossa economia / porque nós temos o produto mas talvez o pessoal não se desenvolveu como os outros / então deveria ser globalizado em todos os sentidos / que trouxessem também conhecimento / do mesmo jeito que vai gente pra fora que viesse gente pra dentro pra trabalhar mais nisso / e por exemplo / quando os chineses tentaram entrar ilegalmente no Brasil eles foram deportados igual a gente quando vai ilegalmente pros Estados Unidos é deportado // tinha que ser igualitário quando os americanos viessem pra cá que vivessem igual a gente vive / que quando a gente fosse pra lá a gente vivesse igual eles vivem / pra ter uma igualdade de condição // porque quando a gente vai pra lá a gente fica com os trabalhos justamente que os americanos não querem.

Você acha que a língua portuguesa está ameaçada frente ao grande interesse pelo aprendizado da língua inglesa?

Acho que não / por enquanto não / pela globalização às vezes até seria / mas eu acho que ainda está bem longe porque o Brasil é muito grande / tem muitos habitantes / tem muita aplicação / então a maioria dos brasileiros não querem sair daqui não / os brasileiros tão ficando é aqui mesmo / eles só estão querendo ter condição de trabalhar e ter dinheiro / coisa que tá difícil porque a mão de obra antes que não tinha classificação / que não tinha acesso aos meios de informática / então eles não tem nenhuma facilidade com esse meio // por exemplo / a gente vai num banco a gente que já é estudada / instruída / às vezes a gente passa vergonha / eu já fui lá e quase agarrei no caixa e quase não conseguir pagar o IPVA / eu morro de dó quando eu vejo uma pessoa de idade que chega pra sacar um dinheiro na boca do caixa / e quem tá querendo ir pra fora é gente que não tem dinheiro / pessoas que tem trabalho não estão querendo não.

Se você pudesse optar na escolha da língua materna, escolheria a língua inglesa ao invés da língua portuguesa?

Não / eu gosto de português / eu não tenho nenhum outro objetivo de falar inglês ao não ser comunicar com as pessoas que não sabem o português / eu gostaria que eles gostassem de falar português / mas como eles são muitos eu tenho que aprender o inglês pra desgarrar.

Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana?

Eu acho que recebe pela televisão / pelo meio de comunicação em massa / porque às vezes a gente nem precisa porque a gente já tem / mas a gente quer mais porque é novo / o que eu vejo é que a mídia influencia no consumo / hoje tudo favorece o consumismo.

O inglês concede algum tipo de status para o brasileiro que fala esta língua?

Acho que só na aquisição de alguns trabalhos / como na própria Acesita em geral / pra cargos comuns eles pedem que tenha fluência no inglês / muito embora a atividade da pessoa não vai requerer / por exemplo na contabilidade pra que a pessoa vai precisar do inglês / praticamente em nada ele vai usar 2% no máximo do que é exigido // porém cada vez mais é necessário saber outro idioma // na Acesita às vezes vem chineses, indianos que não sabem falar português / então eles tem que saber falar ao menos um pouco de inglês pra que a gente possa conseguir uma comunicação com eles / ou seja o chinês tem que aprender o inglês / o japonês tem que aprender o inglês / e o indiano tem que aprender o inglês pra falar com a gente.

SA5

Idade: 35 anos

Grau de escolaridade: 3º Grau – Engenharia Elétrica

Nível de inglês: Intermediário

Há quanto tempo você estuda inglês? Tem 3 anos que faço inglês.

Você gosta de estudar a língua inglesa? Gosto / gosto de estudar porque // não só gosto como a necessidade que tenho hoje né?

Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional?

Na vida particular né / a aplicação é mais em algumas palavras que hoje no vocabulário nosso né / no dia a dia eu uso um pouco da língua inglesa / principalmente quando você está trabalhando na internet ou até mesmo o // corriqueiro né / vamos supor / você vai num lugar e fala que está indo na lan house né / querendo ou não lan house é uma palavra inglesa / então você começa saber o significado / tem umas palavras né que hoje é usada no dia a dia / e no meu trabalho alguns equipamentos né / alguns visitantes né / e algumas literaturas né / eu / é / ela não traduzidas às vezes ela traz influência melhor.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Diretamente não né / porque assim eu falo em contato com pessoal em que geralmente você tem tradutor / é você // quando você vai numa palestra ela é chamada assim tradução simultânea / alguma coisa assim né / mas em termos assim de equipamentos já precisei e tive que recorrer ao dicionário .

Você já pensou em estudar um outro idioma?

No momento não.

Você moraria nos Estados Unidos?

Sim / dependendo das circunstâncias moraria sim né / embora / é pelo / as formas que a gente vê / a cultura né / em termos de relações pessoais né / são mais difíceis né / mas o avanço tecnológico é maior.

Se você e/ou algum (ns) dos seus familiares tivessem um bom nível de proficiência em inglês, utilizaria este idioma em sua casa para se comunicarem?

Bom / é // dependendo da circunstância sim // né / primeiro você está praticando inglês // embora você tivesse uma boa fluência você iria perder / com o tempo você iria perder né / mas como sou brasileiro (risos) né / a tendência é se falar o português mesmo dentro de casa / da mesma forma que as pessoas que moram nos Estados Unidos né / são brasileiros e têm duas influências / em inglês / e mesmo lá dentro de casa eles comunicam em português / então aqui também pela lógica estaria comunicando em português / embora caso tivesse / tivesse uma boa fluência / tivesse um filho menor que não tivesse / aí sim seria uma forma da educação dentro de casa / que aí estaria forçando a falar algumas coisas em inglês.

Você consome produtos americanos?

Bom / produto americano indiretamente a gente consome né / você tem algum tênis / mas de forma geral não / pra mim falar assim // tem preferência por um produto / tem que ser americano / não / eu consumo indiretamente né / que é igual você tem / é // você compra um disco um CD no caso / às vezes ele é fabricado nos USA / você acaba consumindo produtos americanos / mas não especificamente que ele é americano / porque só tem ele fabricado lá.

Na sua opinião, os produtos importados são melhores do que os nacionais?

Depende do produto né / tem igual eu falei no início lá / porque você moraria lá / porque tem desenvolvimento tecnológico né / em termos de tecnologia sim / é // isso aí é indiscutível / bem a frente do que o Brasil está em termo de tecnologia / tá? / agora tem produtos brasileiros que possuem boa qualidade apesar de não está bem avançado tecnológico / mas tem a confiabilidade em termo // de principalmente de durabilidade maior / né / então dependendo do produto né / é vamos supor um tênis / um tênis fabricado nos Estados Unidos é bem melhor / não compensa fabricar no Brasil / isso aí com certeza / eu né se fosse o caso eu consumiria um produto americano né / mas no caso vamos supor de um produto que requer mais manutenção / um produto brasileiro eu acho uma espécie mais fraco.

Na hora da comprar algum produto, o fato de ser “Made in the USA” influencia na sua decisão?

Não diretamente né / se for um produto que eu tenho ele o produto nacional eu vou ter pela qualidade e não pelo local de fabricação / e se for um produto que requer manutenção constante obviamente eu preferi um produto nacional

Você consome produtos da rede McDonalds?

Sim / não sempre mas sim (risos) // bom é / às vezes é / a gente é obrigado a consumir né / porque tenho um filho de seis anos de idade então você já imagina né / quando você está do lado dele acaba consumindo junto né / mas quanto aos produtos assim em termos de qualidade tem boas qualidades né / então essa mistura não combina muito com nossa cultura não né (risos) / mas dá para consumir.

Qual a sua opinião sobre o presidente americano George Bush?

Bom é // primeiro pra gente tomar uma opinião sobre um presidente de um país / você tem que está conhecendo partes do país / eu vejo que às vezes ele / quer sempre mostrar né / o potencial bélico que os Estados Unidos têm né / e o potencial de estar assumindo o controle né / que hoje não tem tanto controle que acha que tem / é / inclusive ele sempre que mostrar armas / quer demonstrar que os Estados Unidos controla né / o comércio / a economia

mundial // nós sabemos que hoje a Ásia está um pé bem na frente deles / de estar controlando essas coisas / então às vezes ele usa as estratégias de mostrar uma coisa que nem sempre é o país Estados Unidos / não tem dúvida que é uma potência / é um país que hoje não está em ascensão mais é um país que está praticamente / está estabilizado / mas tem países que estão crescendo e os Estados Unidos nunca tinha atentado pra isso né / da mesma forma que a Rússia antiga / Rússia né / era uma potência como a Alemanha e tudo mais deixou de ser né / o tempo aéreo dos Estados Unidos está passando inclusive o preço do dólar hoje você vê / o dólar hoje não controla mais a economia / ele é um referencial forte mas o euro é muito mais valorizado que o dólar.

Você ouviu músicas americanas?

Algumas sim / primeiro não tem jeito de não ouvir / né / porque se você for olhar o próprio rádio / as novelas / os filmes // qualquer um tem músicas americanas / mas não tenho nada contra também não / ouço apesar que nem sempre a gente se entende a letra mas as melodias são boas / todo mundo ouve.

Na sua opinião, os filmes produzidos em Hollywood são superiores aos brasileiros?

Sim / sem dúvida / sem dúvida porque // os filmes produzidos / vou de fazer uma pergunta / não vou fazer uma pergunta porque quem está sendo entrevistado sou eu / vou fazer uma analogia né // se você verificar o custo de um filme em Hollywood e o custo de um filme no Brasil / querendo ou não o cinema além de ser cultura né / tem excelentes filmes com custos até mais baixo / com alguns custos de ficções americanos né / essa é a parte cultural / mas cinema é um conjunto né / a parte cultural o cenário.

Como você vê a emigração de tantos brasileiros para os Estados Unidos?

Como eu vejo / primeiro é // embora já foi mais / no meu ponto de vista né / primeiro é a necessidade / é um sonho de ganhar dinheiro né / você tem a moeda que é bem mais valorizada do que a nossa / as pessoas vão pra lá pra realmente pra trabalhar né / e às vezes fazem longas jornadas de trabalho / tem vários empregos / não são consumidores e consegue juntar dinheiro / às vezes se ele estivesse aqui no Brasil e se tivesse essa gama de emprego e se fosse valorizado né / eles poderiam estar fazendo a mesma coisa / mas só que no país deles não conseguem fazer isso / então ele tem que procurar outro país como os Estados Unidos / como Portugal que a mão de obra é // em alguns níveis são mais valorizados que no Brasil.

Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

Sim dominadora e às vezes prepotente.

Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho? Seria este um diferencial?

Com certeza tá / com certeza porque na medida que você abre o mercado / hoje o mercado brasileiro é aberto né / e o mercado externo também é aberto / você pode perguntar pra pessoas de outro país // você tem que tá é // é uma pessoa a mais que você tem / o // por exemplo / vamos supor / você quer comprar um produto e esse produto em termo de qualidade / em termos de / de como é que eu falo? / é um produto que possa ser comprado em qualquer lugar do país / você estaria comprando nos Estados Unidos / estaria comprando ou até mesmo na Europa porque são países que falam a língua inglesa / então é um diferencial no mundo.

Quais as habilidades que você considera importantes no aprendizado da língua inglesa?

Bom / é falar e ouvir / as duas andam juntas / não adianta você só falar e só ouvir / seria um mudo ou então um surdo né / então o mais importante pra mim é falar e ouvir // agora isso é no meu ponto de vista né / agora para uma pessoa que tem que estar digitando / tem que estar sempre assim / fazendo correspondências né / acho que escrever depende muito do perfil da pessoa / no meu ponto de vista e no meu caso é falar e ouvir.

Você acha que o ensino da língua inglesa nos colégios deveria ser obrigatório ou facultativo?

Obrigatório / e eu te digo mais ainda né / na época do ginásio né / você aprendia inglês só na época da 5ª e 6ª série né / que então é / só durante dois anos e não era aprofundado / também era mais o básico do básico / com a carga horária muito pequena umas coisas assim / então acho que a criança desde pequena teria que estar aprendendo inglês sim / tem que largar um pouco o patriotismo que a vida é // falar não / você tem que falar o português primeiro tudo bem // é / concordo mas o português no dia a dia você fala / você tem que saber só ordenar as palavras / mas inglês é fundamental.

Você acha que é preciso viajar para o exterior para se falar bem o inglês?

Olha / isso vai depender muito da dedicação do que está estudando né // é // pra você melhorar sua pronúncia suas coisas / meu ponto de vista convivendo é melhor / é melhor / mas não necessário / e porque // vamos supor no Brasil né / você estuda inglês e depois você sai lá fora / está falando português né // então você // o período de sala você está ali atualizando uma visão do mundo / as pessoas que falam inglês / onde as coisas estão escritas em inglês / as informações todas em inglês / mas no passo seguinte é / está voltando pra um outro mundo e a tendência nossa é estar falando o que a gente aprendeu / falando o português / então acho que é melhor / o aprendizado é mais rápido o inglês vai fazer parte né / o período que você está acordado (risos) nas 24 horas então você vai aprender o inglês / mas vai estar presente / então é melhor com certeza .

Como você analisa o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por este processo?

Tem / o processo de globalização você tem várias formas ver né // primeiro é / pelo lado econômico é / o lado econômico afeta várias empresas que não estavam preparadas para um país globalizado / porque você tinha excesso de pessoas / você tinha uma proteção né / das fronteiras / que muitos produtos poderiam estar chegando aqui / e pra combater com seus / e então você às vezes era exclusivamente em função do produto / e com pouco tempo você deixou de ser exclusivo né / é / você compete em termos de qualidade / em termos de preço / em termo de prazo de entrega né // tem gente que consegue colocar um produto de fora bem mais rápido das pessoas que consegue fabricar no próprio país né / isso é um lado negativo / agora o lado positivo falo pelo crescimento / as empresas teve que crescer / teve que modernizar / automatizar / embora quando você moderniza / automatiza faz reengenharia né // o // como que fala // a porcentagem de pessoas não está pagando nenhum imposto mínimo / então com isso surge alguns desempregos / então / mas a questão de tecnologia né / você teve um avanço né / da mesma forma que pessoas que produziam né / e conseguiam ter o produto só dentro do país / com a globalização conseguiu também estar exportando esse produto / né com um retorno maior / às vezes que as pessoas produziam o país não era alto sustentável pra consumir toda produção dele né // então ele produzia / o que vendia aqui e o resto ele tinha como hora morta da fábrica dele né / então você tinha sempre equipamentos ociosos né / é// tanto é que vamos supor / nas montadoras né / de automóveis / você tinha muita importação /

então você tinha férias coletivas / então com a globalização você foi conseguindo adiar seus produtos né / você consegue ter menos ociosidade nos equipamentos // quando você tem com a globalização / quando você está trazendo produtos de fora você tem os termos né / diferente / hoje você ouve falar em internet né / coisa assim jamais imaginado / em rede / tudo interligado em rede é // produtos importados com nome que você às vezes tem que procurar no dicionário pra que serve o produto / então ele interfere diretamente nas pessoas e // como as crianças mesmo os adolescentes tem essa facilidade de captar mais as coisas / então você tem que procurar se informar pra acompanhar eles se não você fica pra trás / isso é interferência da globalização.

Você acha que a língua portuguesa está ameaçada frente ao grande interesse pelo aprendizado da língua inglesa?

Não // primeiro que // não é só o Brasil / que fala a língua portuguesa / nós temos outros países até mais desenvolvidos do que o Brasil que fala a língua portuguesa né // apesar que eles falam o inglês também (risos) né / e pela dimensão do país né / e a forma cultural do país eu // é muito difícil você falar que está ameaçado / ele pode ter dificuldade por exemplo uma pessoa que vai formar em medicina hoje ele tem que saber inglês é // porque algumas coisas ele vai ter que buscar fora né // poder participar de congressos fora / então neste sentido termo de // no sentido profissional para algumas profissões né // não vejo ameaçado não / mas a pessoa vai ter que desdobrar mais um pouco não só com a língua portuguesa né / mas na forma geral / ameaçada acredito que não / por enquanto não.

Se você pudesse optar na escolha da língua materna, escolheria a língua inglesa ao invés da língua portuguesa?

Sim // porque aí eu não teria que estudar o inglês / não porque é // quer ver / vou fazer só pra você pensar / você já viu algum americano estudar português // você já viu algum europeu estudar português por necessidade e não por curiosidade / agora pensa diferente / você já viu algum brasileiro estudar inglês por interesse ou por necessidade / entendeu? / então é / tirando a brincadeira de lado é / o / a língua inglesa ela é mais influente / né / é / você comunica quase / quase todo mundo em qualquer lugar do mundo né / principalmente nós grandes focos / o inglês / o português não // e eles têm mania de falar que nossa língua é meia complicada.

Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana?

Eu não digo a cultura brasileira / eu falo a juventude brasileira de forma geral / principalmente os adolescentes de forma geral / mas muito pouco né / porque o Brasil tem uma diversidade muito grande de cultura / pega o nordeste pega o sul / você pega esse miolo nosso aqui né / são totalmente diferente / então entre países há bem diferenças culturais / então não dá espaço para a uma cultura americana / você tem influência sim de filmes de algumas coisas assim / que causa algumas influências passageiras né / fica algum restinho pra trás mas muito pouco pra influenciar a cultura né // você não vê hoje ninguém andando com bandeirinha americana nas costas / vê uma meia dúzia de gentes lá porque viu nos filmes mas não influencia tanto.

O inglês concede algum tipo de status para o brasileiro que fala esta língua?

Com certeza / com certeza porque você consegue comunicar com mais pessoas / você consegue comunicar em momentos difíceis em termos assim / de onde fica / alguém / você acha / passa ser uma pessoa diferenciada / ta / não só inglês o francês / o espanhol mas principalmente o inglês / porque a gente tem aquele mito / eu se for pra fora como é que eu arrumo né / e se você fala inglês você consegue estar mais tranquilo / pra poder se

locomover / pra informações / então com certeza é um status sim / não só status às vezes torna uma necessidade de uma forma pra você / com status você está numa posição né / e é diferente da necessidade são duas coisas um pouco diferente.

SA6

Idade: 17

Grau de escolaridade: 2º ano técnico

Nível de inglês: Avançado

Há quanto tempo você estuda inglês? Estudo há 4 anos e meio

Você gosta de estudar a língua inglesa? adoro

Por que você decidiu estudar inglês? Qual a aplicabilidade da língua inglesa em sua vida pessoal ou profissional?

No momento não é tão importante quanto no futuro / mas quando eu for colocar no meu currículo vai ser fundamental / porque o inglês hoje está sendo uma língua que você tem que ter mesmo / e também já tive oportunidades de conversar com pessoas da língua inglesa aqui no Brasil / e eu acho isso importante / interagir com pessoas que falam a língua.

Você já precisou do inglês em alguma circunstância?

Sim / pra me comunicar com pessoas americanas.

Você já pensou em estudar um outro idioma?

Sim / Espanhol porque está sendo outra língua auge e alemão porque eu acho interessante.

Você moraria nos Estados Unidos?

Morar não / eu iria só pra melhorar o inglês / mas morar não // na verdade eu sou um pouco anti-Estados Unidos pela maneira que eles vêem o mundo / acho que eles são muito obsessivos e eu acho / que eu não conseguiria morar num país onde as pessoas são tão frias.

Se você e/ou algum (ns) dos seus familiares tivessem um bom nível de proficiência em inglês, utilizaria este idioma em sua casa para se comunicarem?

Acho que o tempo todo não / mas eu tentaria sim só pra praticar.

Você consome produtos americanos?

Evito ao máximo / eu dou preferência aos produtos brasileiros acho que é importante a gente investir na nossa cultura / porque a gente que é brasileiro se não investirmos na nossa cultura quem que vai investir?

Na sua opinião, os produtos importados são melhores do que os nacionais?

Depende do produto / pois infelizmente eles têm um lado tecnológico melhor do que o nosso / mas tem muitos produtos brasileiros de alta qualidade que não deixa nada a desejar.

Na hora da comprar algum produto, o fato de ser “Made in the USA” influencia na sua decisão?

Influencia sim / se tiver um Estados Unidos e um brasileiro eu certamente prefiro um brasileiro.

Você consome produtos da rede McDonalds?

Não / em função do que já disse / eu sou anti-americana / eu já consumi mas depois que eu me conscientizei eu parei.

Qual a sua opinião sobre o presidente americano George Bush?

Dominador / ele só olha o lado dele.

Você ouve músicas americanas?

Ouçõ / gosto // no momento o estilo que eu gosto é hip hop que é mais americano / mas não deixo de gostar das brasileiras.

Na sua opinião, os filmes produzidos em Hollywood são superiores aos brasileiros?

Na verdade pra mim eles são mais divulgados / mais eu acho que filmes brasileiros também são excelentes / eles não me deixam a desejar // entre o filme brasileiro e americano eu escolheria o brasileiro.

Como você vê a emigração de tantos brasileiros para os Estados Unidos?

Uma necessidade pois eles vão com um intuito de ter uma vida melhor e / não acho isso errado as pessoas têm que querer o melhor pra elas então eu até concordo // mas eu não acho certo é a pessoa passar tanta dificuldade / tanto sofrimento pra talvez nem conseguir o que está querendo.

Você considera os Estados Unidos uma nação dominadora e/ou repressora?

Considero / porque eu acho que eles só pensam no lado dele / tudo eles querem é tirar vantagem.

Você considera que uma pessoa que fala a língua inglesa tem mais oportunidades no mercado de trabalho? Seria este um diferencial?

Acho / porque hoje os Estados Unidos é a potencia mundial e várias empresas com o mercado exterior geralmente eles tem o inglês como prioridade.

Quais as habilidades que você considera importantes no aprendizado da língua inglesa?

Fluência e pronúncia.

Você acha que o ensino da língua inglesa nos colégios deveria ser obrigatório ou facultativo?

Facultativo / porque quando as pessoas fazem uma coisa obrigada elas começam a ter aversão.

Você acha que é preciso viajar para o exterior para se falar bem o inglês?

Não / eu acho que não tem necessidade mais se você tiver oportunidade seria ótimo.

Como você analisa o processo da globalização no Brasil? De que forma o brasileiro tem sido afetado por este processo?

O Brasil está começando a crescer / está começando a investir um pouco mais em tecnologia / tem muito ainda em que melhorar mas aos poucos eu acho que a gente consegue chegar lá // e muitos brasileiros não são como eu / preferem a cultura dos outros países e acabam deixando de lado a cultura brasileira.

Você acha que a língua portuguesa está ameaçada frente ao grande interesse pelo aprendizado da língua inglesa?

Não / porque muita gente não tem oportunidade de fazer cursos / e também muitas pessoas não estão interessadas em saber.

Se você pudesse optar na escolha da língua materna, escolheria a língua inglesa ao invés da língua portuguesa?

Português / porque um americano nunca vai saber falar um português como a gente fala e a gente consegue falar inglês igual eles falam.

Você acha que a cultura brasileira sofre influência da cultura americana?

Com certeza / os hábitos como fast-food / música / sofrem muita influencia sim.

O inglês concede algum tipo de status para o brasileiro que fala esta língua?

Certamente / quem fala inglês tem o um lugar mais privilegiado / mesmo que seja só de papo.